

**Simão da Veiga (1878-1963) – Retrospectiva da Vida e da
Obra do pintor**

Volume I

Maria de Lurdes Pascoal Reis Vacas de Carvalho

Orientador: Professor Doutor Paulo Simões Rodrigues

**Dissertação submetida à Universidade de Évora para obtenção do Grau
de Mestre em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural**

Évora, em Outubro de 2010

**Simão da Veiga (1878-1963) – Retrospectiva da Vida e da
Obra do pintor**

Volume I

Maria de Lurdes Pascoal Reis Vacas de Carvalho

Orientador: Professor Doutor Paulo Simões Rodrigues

**Dissertação submetida à Universidade de Évora para obtenção do Grau
de Mestre em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural**

Évora, em Outubro de 2010

AGRADECIMENTOS:

- Ao meu orientador,

Professor Doutor Paulo Simões Rodrigues, pela sua inesgotável paciência, pela sua dedicada orientação e pelo seu interesse no tema

- Aos Professores deste mestrado

Professora Doutora Ana Cardoso de Matos

Professora Doutora Antónia Fialho Conde

Professora Doutora Maria Ana Bernardo

Professora Doutora Maria Tereza Amado

Professor Doutor Manuel Patrocínio

Professor Doutor João Brigola

Professora Doutora Sofia Capelo

E também ao Professor Doutor Paulo Simões Rodrigues,

pelos muitos ensinamentos que nos proporcionaram no decurso dos seminários e pela disponibilidade manifestada em todos os momentos

- A todos os que ajudaram a rever este texto e contribuíram com a sua crítica para o melhorar, marido, filha Patrícia, o cunhado José Luís e o grande amigo Fernando Pizarro

- A todos os familiares e apreciadores da arte de Simão da Veiga, que nos ajudaram na pesquisa de fontes, sem as quais não seria possível “descobrir o pintor”. Muito especialmente deixamos uma palavra de agradecimento à Bibia e ao Luís Miguel da Veiga, à Isabel Cary, ao Manuel e ao João Veiga, todos netos do pintor e ainda aos amigos Maria Helena Teixeira, Manuel Guião Nunes, A. P. Gouveia, João B. Malta, João e Luísa Freixo, José Paulo Chaves.

RESUMO ANALÍTICO

Simão da Veiga (1878-1963) – Retrospectiva da Vida e da Obra do pintor

Com formação parisiense, Simão da Veiga (1878-1963) foi um pintor naturalista.

O retrato, os animais, as paisagens alentejanas e ribatejanas e a pintura de costumes foram os temas que dominaram o seu percurso artístico.

Apesar de ter sido um pintor profíquo, a sua obra manteve-se quase desconhecida do público em geral, já que muitos dos seus quadros pertencem a colecções privadas, logo não divulgadas.

Também a historiografia se tem mantido lacónica em relação a este autor, sendo pouco o que se escreveu e comentou acerca da sua obra pictórica.

No entanto, tem-se assistido gradualmente a uma redescoberta do seu trabalho e a uma crescente valorização das suas telas, que vão surgindo em casas de colecionadores, em espaços públicos, e em leilões de arte, ocasionalmente.

A tarefa que nos propomos realizar será, precisamente, a reconstituição e divulgação da obra de Simão da Veiga, ao longo dos seus 84 anos de vida. Desvendar o pintor, compreendê-lo, seguir o seu percurso de artista, tentar perceber onde se inspirou, mostrar e estudar o legado de pintura que nos deixou, serão alguns dos passos para a concretização dessa difícil tarefa.

Em simultâneo, pretende-se valorizar o espólio do pintor que for recolhido (pesquisa e inventariação da obra com criação de fichas técnicas das telas) num objectivo delineado de classificar para valorizar, proteger e salvaguardar o conjunto da obra assim reconstituída.

ABSTRACT

Simão da Veiga (1878-1963) – A review of painter's life and legacy

Trained in Paris, Simão da Veiga (1878-1963) was a naturalist painter.

Portraits, animals, landscapes of Alentejo and Ribatejo and people's ways of life were the themes that dominated his artistic career.

Although he was a very productive artist, his work remained almost unknown, as many of his paintings belong to private collections, not available to the general public.

Also, historiography has remained laconic to this author, and little has been written and said about his pictorial work.

However, there has been a gradual interest in his work and a growing appreciation of his painting. Nowadays it can be seen in collector's homes, public spaces, and occasionally in art auctions.

The goal of this dissertation is the restoration and dissemination of the work of Simão da Veiga, during his 84 years of live: uncovering the painter, understanding him, following his path as an artist, trying to understand what was the object of his inspiration, displaying and studying the legacy of painting he has left us, are some of the steps to achieve this difficult task.

Classifying in order to valorize, protect, and maintaining the whole of the authors work (throw researching and filling as well as creating datasheets) in also the object of concern in this work.

SIGLAS E ABREVIATURAS:

SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes

SNI – Secretariado de Informação Nacional

SPN – Secretariado de Propaganda Nacional

MNSR – Museu Nacional Soares dos Reis



Ilustração 1 - Simão da Veiga

ÍNDICE DO TRABALHO

VOLUME I

AGRADECIMENTOS:	3
SIGLAS E ABREVIATURAS:	6
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – BIOGRAFIA E FORMAÇÃO ARTÍSTICA.....	17
1.1. – 1ª PARTE.....	18
DA INFANCIA AO REGRESSO DE PARIS.....	18
1.2. - 2ª PARTE	28
DE 1898 A 1932.....	28
(OS ANOS DA DUPLA CARREIRA DE PINTOR E CAVALEIRO).....	28
1.3. – 3ª PARTE.....	58
OS ANOS DE 1933 E SEGUINTE.....	58
(DEPOIS DE O PINTOR DAR POR FINDA A SUA ACTIVIDADE COMO CAVALEIRO TAUROMAQUICO).....	58
CAPÍTULO 2 - O PERCURSO PROFISSIONAL.....	67
CAPÍTULO 3 – A OBRA.....	90
3.1 – ENQUADRAMENTO DO PINTOR NA ARTE DA SUA EPOCA.....	92
3.2 – BREVE CARACTERIZAÇÃO FORMAL E COMPOSITIVA DA OBRA DE SIMÃO DA VEIGA .	102
4 – OBRAS PREMIADAS	120
CONCLUSÃO	127
5 - BIBLIOGRAFIA, TEXTOS E TESTEMUNHOS	129

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Simão da Veiga	7
Ilustração 2 - O pintor com oito anos de idade	19
Ilustração 3 - Aguarela pintada por Simão da Veiga com 14 anos	21
Ilustração 4 - Lucien Simon - Sortie de L'Eglise – aguarela	23
Ilustração 5 - Lucien Simon Le menhir en 1900 óleo s. tela.....	23
Ilustração 6 - Lucien Simon - Carnival , sem data , óleo s. tela.....	23

Ilustração 7 - Lucien Simon, A procissão.....	24
Ilustração 8 - Folheto do Sarau de ginástica	25
Ilustração 9 - O pintor na sua juventude	27
Ilustração 11 - Simão Luiz da Veiga em fotografia de estúdio.....	29
Ilustração 10 - O pintor no seu segundo casamento	29
Ilustração 12 - Quadro com sobreiro pintado por D. Carlos.....	33
Ilustração 13- Quadros de Simão da Veiga com o tema do sobreiro	33
Ilustração 14 - Excerto da revista “Ilustração Portuguesa”, nº384, 30 de Junho de 1913	37
Ilustração 15 - Simão da Veiga nos primeiros anos da República.....	38
Ilustração 16 - Simão da Veiga vestido com o traje de cavaleiro português.....	39
Ilustração 17 - Postal enviado por J. Malhoa a D. Constantina da Veiga.....	41
Ilustração 18 - José Malhoa com um excerto de <i>As padeiras</i> e Simão da Veiga com <i>Pastor</i>	43
Ilustração 19 - <i>O fado</i> de Simão da Veiga, 1913 e <i>O fado</i> de José Malhoa, 1910.....	44
Ilustração 20 - O <i>Remédio</i> de José Malhoa	44
Ilustração 21 - <i>Ida à botica</i> e <i>Desespero</i> de Simão da Veiga	45
Ilustração 22 – Velasquez, <i>Retrato equestre de Filipe IV (1635-36)</i> e <i>A Rendição de Breda</i>	46
Ilustração 23 – Velasquez, <i>O Cavallo Branco</i>	46
Ilustração 24 - Rubens, <i>O Duque de Lerma (1603)</i> e Tiépolo, G. Domenico , filho(1727-1804) .	47
Ilustração 25 - Giovanni Baptista Tiépolo (1696-1796), o <i>Cavallo de Tróia</i>	47
Ilustração 26 - Os formosos cavalos "Assassinos sem rosto", fresco de Giambatista Tiépolo ...	47
Ilustração 27 - Simão da Veiga montado no seu cavalo Bombita.....	48
Ilustração 28 - Simão da Veiga numa corrida de touros em Vendas Novas, 1924	49
Ilustração 29 - Simão da Veiga em praça (s.d.).....	50
Ilustração 30 - Simão da Veiga e seu Filho prontos a actuar em praça (1922-1928)	50
Ilustração 31 - Pai e Filho na praça de touros de Barcelona (1922-1928)	51
Ilustração 32- Pai e Filho em praça durante uma actuação (1922-1928).....	51
Ilustração 33- Pai e Filho em Barcelona (1922-1928)	51
Ilustração 34- Postal com dedicatória enviado a J. Aleixo Paes em 1929	55
Ilustração 35 - Simão da Veiga com o filho em Madrid, 1932	56
Ilustração 36 - Simão da Veiga no campo com os touros (193-?).....	56
Ilustração 37 - Simão da Veiga Júnior pintado por seu Pai.....	57

Ilustração 38 - <i>Entrada de gado bravo no Curral</i> , 42ª Exp SNBA, 1945	60
Ilustração 39 - Simão da Veiga com três dos seus filhos	60
Ilustração 40 - Cartão do Presidente do Conselho de Ministros com agradecimento	61
Ilustração 41- Outro cartão recebido do Presidente do Conselho de Ministros	61
Ilustração 42 - Simão da Veiga e seu filho em cerimónia oficial (194-?)	62
Ilustração 43 - Simão da Veiga com o filho e amigos, 1946, Évora.....	62
Ilustração 44 - Pai e Filho com a princesa Maria Pia de Sabóia, 1947	63
Ilustração 45 - Simão da Veiga numa festa.....	64
Ilustração 46 - O pintor com um neto e no monte, num dia frio	65
Ilustração 47- O pintor com o neto, Luís Miguel da Veiga.....	65
Ilustração 48 - Quadro com Monte da Garçoa, no Redondo.....	66
Ilustração 49 - Excerto do Diário de Lisboa, Abril de 1916	70
Ilustração 50 - <i>À Cabeça do Gado</i> , 1917	70
Ilustração 51- Imagem da exposição de 1922, e do grande quadro de D. Constantina Veiga ...	72
Ilustração 52- <i>Século Ilustrado</i> , Revista Ilustração Portuguesa, nº 835, 18/2/1922	73
Ilustração 53 - Quadro "Senhora com pomba"	75
Ilustração 54 - Artigo sobre Simão da Veiga – <i>Século Ilustrado</i> , nº 68, 1939.....	77
Ilustração 55- Índice de las Letras, supl. da Revista El Bibliófilo, nº 6, Maio de 1946	80
Ilustração 56- Capa da Revista Sector 1, nº 25-26, II Série, 1/11/1947	81
Ilustração 57- Folheto da exposição de Montemor-o-Novo, 1993.....	83
Ilustração 58 - Folheto da Exposição de Santarém em 2004.....	85
Ilustração 59 - Ceifeira, leilão nº227 P C V, 14 /12/2009, óleo s. tela, 1,00 X 0,80 mts	91
Ilustração 60 - S/nome (no campo) Ilustração 61 - Triste fado (s.d.).....	96
Ilustração 62- Retrato de menina (s.d.) Ilustração 63- retrato de homem (s.d.).....	97
Ilustração 64 - Retrato de senhora (s.d.) Ilustração 65 - Retrato de Senhora (s.d.)	97
Ilustração 66 - O vencido, 1922	106
Ilustração 67 - Carga (s.d.)	107
Ilustração 68 - Galgo à trela (1928).....	107
Ilustração 69 - Campino (s.d)	108
Ilustração 70 - Raparigas com milho (Desfolhada, s.d.).....	110
Ilustração 71 - Retrato de menina (s.d)	111

Ilustração 72 - Natureza-morta, 1931.....	115
Ilustração 73 - Cavalos à Abóbora.....	116
Ilustração 74 - Paisagem com campino e touros (s.d.).....	116
Ilustração 75 - Gravura com cópia de um desenho de Simão da Veiga (s.d.).....	118
Ilustração 76- O quadro premiado no Salon de paris, 1913	122
Ilustração 77 - A medalha recebida no Salon, 1913, no seu estojo original.....	123
Ilustração 78 - O quadro Perdida, 1913	123
Ilustração 79 - O Quadro Curiosidade, 1911.....	124
Ilustração 80 - Diana Caçadora, 1929	125
Ilustração 81 - Senhora com Pomba, 1929	126
Ilustração 82 – A medalha que representa a “Comenda de Isabel a Católica”, 1929	126

INTRODUÇÃO

Esta tese, elaborada no final de um curso de Mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, procurou dar corpo aos ensinamentos recolhidos durante o curso, em que nos foi transmitida a noção de que o património histórico, nas suas vertentes material ou imaterial, só pode ser preservado e salvaguardado se for identificado e valorizado.

Inventariar, classificar e seriar serão pois as formas de valorizar a história e a cultura para que possa ser salvaguardada e posteriormente divulgada às gerações que se seguem. Um espólio de pintura artística é património cultural que, como tal, deve preservar-se para o futuro, mas a gestão e valorização futuras desse património pressupõem o seu conhecimento intrínseco e o estudo da sua história.

Desde o início do curso foi nossa vontade e determinação pesquisar e inventariar a obra, que se sabia dispersa, de Simão da Veiga, conhecida apenas por alguns, para que o seu legado em pintura se tornasse acessível a muitos, conhecedores ou simples apreciadores desta forma de arte, e para que o legado histórico figurativo que está subjacente e esta pintura pudesse ser considerado como um relato do que foram os usos e costumes de uma sociedade rural que quase já se esqueceu.

A obra de Simão da Veiga continuaria quase ignorada e na sombra das paredes interiores de cada casa se não fosse inventariada para ser divulgada e, por essa via, valorizada.

“Cenas da vida do campo descritas, vividas por um lavrador. A lezíria e a charneca, de entre Riba e Além-Tejo representadas por um criador de gado bravo o cavalo ilustrado por quem o sabe montar... Simão da Veiga, e já não é de agora, pinta excelentemente os animais; com exactidão, com perfeito conhecimento, com individualidade. Diferencia, sem ser só pela côr, um cavalo doutro cavalo, e consegue dar-nos, flagrante, a biografia de um touro.”... – assim se exprimiu Manoel de Sousa

Pinto na revista *Ilustração Portuguesa*, a propósito da exposição individual de Simão da Veiga no Salão Bobonne em Lisboa, no ano de 1922.

Simão da Veiga, pintor alentejano, nascido em Lavre, Montemor-o-Novo, retratou os campos Alentejanos e Ribatejanos com admirável verismo.

Foi, em época propícia, e como discípulo de José Malhoa¹, um pintor naturalista, animalista por excelência, mas também paisagista e retratista.

Os seus quadros encontram-se um pouco por todo o País e alguns no estrangeiro, deslocados por heranças sucessivas e doações, muitos por transacções em mercados de arte, por alienação de colecções particulares.

Impõe-se-nos como portugueses, e sobretudo como conterrâneos, desvendar a sua vasta obra, na extensão máxima do possível e acessível.

Antes disso, porém, é importante conhecer o artista e entender a reciprocidade de influências entre obra e autor, isto é, como a vida do autor influenciou a sua obra e, em sentido inverso, como a pintura pode ter orientado e preenchido a sua vida.

Revelar o pintor é, pois, prioritário e indispensável antes de divulgar as suas telas.

Constitui tarefa assaz difícil, já que interpretar um artista que, por consenso comum, será pessoa de natureza invulgar e extraordinária, pode ser acção de maior ou menor sucesso literário, mas será sempre, neste caso particular, uma serena pretensão póstuma.

O autor faleceu em 1963, sem nos deixar diário, autobiografia ou relatos escritos da sua vida que nos pudessem esclarecer, e encontram-se desaparecidos muitos dos que com ele conviveram e nos poderiam orientar neste trabalho.

Quando esta investigação tomou forma, iniciámos uma pesquisa sobre fontes e documentos, trabalhos elaborados ou publicações editadas relacionados com a vida ou a obra do pintor Simão da Veiga.

¹ Como confirmou o próprio artista em entrevista publicada na Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950, p.12,13 e 19

Pareceu-nos que pouco encontraríamos, que quase nada estava escrito, que a obra estaria muito dispersa, que se encontravam falecidas quase todas as pessoas que privaram de perto com o pintor.

Sobre ele existia apenas, no início da investigação, um livro com relatos de episódios da sua vida descritos por um dos seus filhos [VEIGA, Luís Fernando – *Simão da Veiga, Um nome e duas saudades*, edição do autor, 1965], e um elucidativo trabalho académico, manuscrito, ilustrado com fotografias e breve descrição de alguns dos seus quadros (LOPES, Maria José Veiga dos Santos, *Simão da Veiga (197-?)*, que estimamos também dos anos próximos de 1970)

Depois, a pesquisa revelou-se surpreendente. Foram surgindo documentos que ficaram da memória do pintor, dedicatórias pessoais, cartas, fotografias, registos notariais, documentos, álbuns e testemunhos de família.

Ficaram obras em telas, descrições e imagens dessas obras, e, em arquivos, catálogos de exposições, crítica literária, entrevistas que concedeu, artigos que escreveu, imagens da sua vida familiar, da sua destemida arte de criador de touros, de cavaleiro tauromáquico e, o mais importante para o nosso estudo, da sua arte e da sua vida como pintor.

Dir-se-á no entanto, que tudo estava por fazer, por analisar, por comparar e relacionar. Será tarefa morosa enunciar quantos livros, boletins e catálogos se consultaram, quantos testemunhos de pessoas se ouviram, quantos edifícios e salas se visitaram, quantas medidas se tiraram, quantos quadros se observaram, quantas fotografias se recolheram.

Depois, na execução do trabalho, sentiram-se ainda as dificuldades que, sabíamos, se verificariam ao nível da recolha de informação sobre as obras, essencialmente devido à grande dispersão geográfica dos quadros, à dificuldade em localizar alguns deles (por desconhecimento da identidade e/ou localização dos actuais proprietários), pela ausência generalizada de datação das telas e pelo desconhecimento do percurso histórico ou das referências de muitas das obras.

O que nos preocupou essencialmente foi a possibilidade de o estudo ignorar obras que seriam consideradas importantes, a dificuldade em situar as obras no tempo para

analisar a evolução da arte do pintor, e as dificuldades que, por falta de elementos, ressaltariam no preenchimento das fichas de identificação das obras.

Houve necessidade de ultrapassar essas dificuldades, trabalhar com os elementos disponíveis e seleccionar as obras para apresentação, ignorando-se por vezes algumas, não por serem menos relevantes para o estudo, ou por serem menos extraordinárias em produção. Omitiram-se porque não seria possível incluir todas as imagens neste trabalho.

Tudo fez parte da investigação e do trabalho, e o seu resultado serão as páginas que se seguem.

Enquadrar o autor no seu tempo, acompanhá-lo passo a passo enquanto olhamos muito superficialmente o evoluir dos acontecimentos da sua época dos pontos de vista sócio-económico, político, cultural e artístico, será uma tentativa para tentarmos compreendê-lo.

Talvez a partir desta viagem no tempo que será a biografia do pintor, na inventariação dos autores que o inspiraram e dos mestres que o guiaram, e na descrição do seu percurso profissional, seja possível entender a obra, ou pelo menos, entender como o seu autor viu as cenas de vida e de morte antes de as imortalizar nas suas telas.

Na biografia, para a qual escolhemos o modelo fotobiográfico, pretendemos que a conjugação de textos com algumas fotografias que ilustram momentos da vida do pintor, nos faça entender, pelos excertos da sua vivência pessoal, uma definição breve do seu carácter e da sua forma de estar na vida.

Ao descrever alguns episódios mais marcantes da sua vivência, procurámos mostrar também um pouco da cronologia que nos foi possível estabelecer.

Relatamos o que conseguimos concluir sobre a formação artística do pintor e as suas fontes de inspiração, investigámos o seu percurso profissional e mostramos as exposições onde participou, as telas que expôs e os prémios que recebeu.

Procurámos caracterizar a sua obra, subdividi-la por temas, e chamar a atenção para os aspectos mais particulares do seu género de pintura.

E porque muitos dos seus quadros são o extraordinário relato histórico dos costumes de um género de vida que quase já se perdeu, por isso mesmo, diremos que se torna assaz importante que se registe, para que se não perca irremediavelmente, a memória do que foi uma vivência habitual naqueles anos, a vida rural nos montes em princípios do séc. XX, na planície alentejana e na campina ribatejana, no solar do touro bravo.

E, finalmente, vamos mostrar algumas dessas telas, procurar semelhanças entre estudos e quadros, e de quadros entre si, vamos observar os desenhos e os tons que neles empregou, as paisagens que descreveu, os personagens que imortalizou, os costumes que relatou, sempre que possível, com a data em que foram realizadas.

Desafiamos-vos para uma viagem no tempo, o tempo de Simão da Veiga e da sua obra.

CAPÍTULO 1 – BIOGRAFIA E FORMAÇÃO ARTÍSTICA

1.1. – 1ª PARTE

DA INFANCIA AO REGRESSO DE PARIS

Simão da Veiga nasceu em Lavre, Montemor-o-Novo, no Distrito de Évora, a 8 de Junho de 1878, no seio de uma família abastada.

O seu pai, Simão Luís da Veiga (Frade), foi um homem importante na sociedade rural onde viveu - *foi um dos maiores lavradores e proprietários do Alentejo, constituindo uma enorme área de propriedades rústicas quase juntas cujo centro era a vila de Lavre*². Herdou várias propriedades, comprou outras e, no seu conjunto, juntou os seguintes grupos de herdades: Várzeas, grupo de Cruzetes e Verdugos, das Antas e Sismarros, do Pedrógão e Arneiros, de Pinçais e Chapeleirinho, dos Carregais e do Godial. Foi *Membro do Conselho Municipal de 1852/55 e mais anos, Vereador da Câmara de Montemor-o-Novo de 1856/57 e Provedor da Misericórdia de Lavre durante muitos anos*³. Casou três vezes. Do primeiro casamento enviuvou cedo e não teve geração. Teve depois uma filha natural, que perfilhou e criou. Casou pela segunda vez, tendo tido seis filhos desta união . Finalmente, casou pela última vez a 9 de Junho de 1875 com D. Emília de Jesus Lopes, nascida na Caranguejeira, Leiria, de quem teve mais dois filhos⁴.

Simão da Veiga nasceu deste último casamento. Ficou órfão de pai antes de completar os 3 anos de idade. Teve um irmão, João Luís, dois anos mais novo, que o irá acompanhar em muitos episódios da sua vida. Sob tutela da mãe, os dois irmãos viverão uma primeira infância numa casa agrícola abastada, com assento de lavoura no monte do Pedrógão em Lavre, onde não faltavam os empregados ou criados de serviço, velhos e novos, moços e moças de lavoura, campinos e pastores, e homens de

² Malta, J.;Santos, M.M. dos; Escudero, Vitor , A família Veiga (Frade) de Lavre, 2004, 39

³ Idem nota 2

⁴ Idem nota 2

ofícios. Havia gado, touros, cavalos, cães, e uma planície infinda a perder de vista onde se podia caçar, montar a cavalo, passear e brincar⁵.

D. Emília ficou responsável por uma parte da casa agrícola de seu marido, pelas herdades de Pedrógão, Caneira, Pimpolho, Vale da Bica, Arneiros e Carvalhice (que constituíram a herança do filho Simão) e o grupo das Antas e Sismarros (herança posterior de seu filho João Luís)⁶. Criava-se gado, semeava-se trigo, produzia-se cortiça, e os montes albergavam grupos grandes de empregados e suas famílias⁷.



Ilustração 2 - O pintor com oito anos de idade

Chegada a idade própria, Simão da Veiga fez a instrução primária na aldeia de Lavre, depois de uma tentativa frustrada de permanecer num colégio de Lisboa com regime

⁵ VEIGA.L.F, ed.autor 1965, Simão da veiga, Um nome e duas saudades

⁶ Idem nota. 2

⁷ Feio, M. – A Evolução da Agricultura do Alentejo Meridional, 1998, ed. Colibri

de internato – o futuro artista, ainda criança, não terá apreciado a condição de interno, longe da sua vida de liberdade, dos seus animais e do seu campo, e fez um ensaio de fuga do colégio, facto que lhe proporcionou o regresso à aldeia. Aí concluiu os primeiros estudos⁸.

Mais tarde sua mãe matriculou-o no Liceu Nacional do Carmo, em Lisboa, onde teve o privilégio de ter como professores e mestres Josefa Greno e Constantino Fernandes.

*“A espanhola Josefa Greno (1850-1902),... foi uma pintora de flores e de frutos, cuja maneira mais larga representava certa actualização da fórmula dum Prieto ou dum Ferreira Chaves. Fialho (de Almeida) elogiou-a, Silva Porto, Malhoa e Columbano apreciavam-na, e com eles começou a expor no Grupo do Leão em 1886”.*⁹ Antes, tinha passado com o marido, Adolfo Greno, por uma vivência menos feliz em Paris, onde aquele foi bolseiro de uma pensão que aproveitou mal, numa vida de boémia. Regressados a Portugal, foram ambos professores, tendo a pintora alcançado um sucesso muito superior ao de seu marido

Naturalista e ar-livrista, pintor de género e de tipos populares, mas também de retrato, Constantino Fernandes (1867-1920) era discípulo de Veloso Salgado e de Jean Paul Laurens em Paris. Em Portugal, apresentou-se em 1901 na SNBA com um quadro histórico que fez grande sucesso, *de sabor naturalista, onde camaradas seus pousaram para representarem “ Castelhanos fugindo da peste de Lisboa”, que cercavam em 1385*. Já nessa época evidenciava tendência para a realização de obras bizarras. Foi galardoado com medalha de Honra no Salão de 1913- SNBA- com o tríptico *O Marinheiro, obra de grandes dimensões, que evoca com sentimentalismo a vida do marinheiro que longe do lar saudoso anda*. O painel *Abandonadas* (1909) e *Melancolia* (1916) evidenciam uma dimensão poética que as suas obras sempre demonstraram. Foi bolseiro em Paris e professor, tendo vencido o concurso para a *“Imagem da*

⁸ Idem n. 5

⁹ FRANÇA, José Augusto, A arte em Portugal no séc. XIX, II vol, 47; LEANDRO, Sandra - Metáforas e Representações do Coração na Arte Moderna e Contemporânea - Parte I – Josefa Greno (1850-1902),

República” em 1911, com uma figura serena de mulher, coroada com o barrete frígio e envolta na bandeira.¹⁰

Embora não se saiba concretamente em que medida as suas lições foram relevantes para a vocação de Simão da Veiga, a presença de Josefa Greno¹¹ e de Constantino Fernandes na sua formação podem ter sido importantes para o pintor e o seu ensino atesta a existência de um ambiente escolar propício ao desenvolvimento de futuras aptidões artísticas.

Corria o ano de 1890 e Simão da Veiga tinha 12 anos. O próprio pintor afirmou que desenhava e pintava desde essa idade¹² e guardam-se em família desenhos a lápis e aguarelas da sua autoria feitos nos seus jovens anos.

”...Tive sempre habilidade para fazer bonecos e o meu primeiro quadro data talvez de antes ainda dos doze anos...¹³



Ilustração 3 - Aguarela pintada por Simão da Veiga com 14 anos

Estudou em Lisboa por um período que se estima em 5 ou 6 anos. Durante esse período fazia visitas frequentes ao Alentejo, onde ia manifestando o seu gosto pelas lides taurinas - com os mesmos 14 anos a que se referem os primeiros quadros, já

¹⁰ [FRANÇA, José Augusto, A arte em Portugal no séc. XIX, II vol, 247, 303]

¹¹ Em casa de netos do pintor foi-nos possível encontrar uma obra de Adolfo Greno, que retrata o irmão de Simão da Veiga na sua juventude, atestando assim o conhecimento da família com este pintor

¹² Revista Flama, , nº 107, 24 de Março de 1950, 12,13 e 19

¹³ Idem, excerto da entrevista

toureira a pé, sendo que esta actividade requeria muito treino e a sua presença nas herdades, como o próprio pintor esclareceu mais tarde:

...."Pelo jeito manifestado várias vezes me pediu minha mãe que enveredasse pela pintura, deixando de vez os touros. Creio poder dizer que fui pintor para fazer a vontade de minha mãe, e só não me consagrei totalmente à pintura por não conseguir dominar o entusiasmo dos cavalos e dos touros, que julgo vir de nascença....Numa casa enorme de lavoura como era a de meu Pai, com gado bravo e cavalos, era natural que despertasse cedo em mim a "aficion". Foi o que sucedeu"¹⁴

Pese embora a contrariedade de D. Emília pela vocação do filho para os touros, ela própria teria mandado construir, para treino do filho, um redondel em madeira na herdade do Pimpolho, nos anos de adolescência deste, a que não faltavam bancadas, um camarote, curros e até trincheira – era uma verdadeira praça de touros¹⁵).

Aos 18 anos, na senda do percurso artístico da maioria dos pintores da sua época que estudaram em Paris como bolseiros, mesmo não tendo frequentado quaisquer estudos específicos de arte em Portugal, Simão da Veiga decidiu ir estudar pintura para a capital francesa e terá custeado esses estudos. Partiu para Paris em 1896 onde alugou apartamento, efectuou a sua matrícula na Académie Julian, e frequentou as aulas¹⁶ e o atelier de Monsieur Lucien Simon (1861-1945), reconhecido pintor académico francês.¹⁷

Vejam-se algumas das principais obras de M. Lucien Simon e constatar-se-á ser difícil encontrar semelhanças com a pintura que Simão da Veiga irá desenvolver na sua obra. Monsieur Simon usou na sua obra cores brilhantes e pinceladas largas. A procissão (1901; Paris, Petit Palais) é um quadro característico seu sobre os assuntos bretões. Com eles descreveu o estilo de vida bretão primitivo, expresso num sentimento religioso forte e misturou as figuras na paisagem. Juntamente com as suas cenas bretãs pintou retratos e cenas de interior.

¹⁴ Idem n.12

¹⁵ VEIGA.L.F , ed.autor. 1965, Simão da veiga, Um nome e duas saudades

¹⁶ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?)

¹⁷ Lucien Simon (1861-1945), professor e pintor, orientou o curso livre de L'École Nationale des Beaux-Arts em Paris nos anos 20 do séc. XIX. Dirigiu também em Paris uma Academia de Arte em cujo atelier estudaram muitos artistas, alguns dos quais se tornaram conhecidos na Europa, no Brasil e nos Estados Unidos. (SILVA, R.H. , História da Arte, ed Círc. Leitores)



Mas, o modo como retratou um determinado modo de vida, a colocação das figuras no espaço, os panejamentos, as sombras, as posições, são seguramente uma indicação valiosa que Simão da Veiga terá colhido no mestre.

Ilustração 4 - Lucien Simon - Sortie de L'Eglise – aguarela



Ilustração 5 - Lucien Simon Le menhir en 1900 óleo s. tela
– A. 0.98 ; L. 1.31 Museu d'Orsay, Paris



Ilustração 6 - Lucien Simon - Carnival , sem data , óleo s. tela
(72.39 cm x 92.71 cm), Currier Museum of Art.



Ilustração 7 - Lucien Simon, A procissão

Simão da Veiga permaneceu dois anos em Paris, justamente quando a capital francesa fervilhava de vida e de modernidade. Surgiam novas formas de fotografia e cinema, apareceram motorizadas, automóveis, aviões. Generalizou-se o uso da bicicleta, veículo com o qual o artista tinha já uma ligação estreita.

(Simão empreendera no ano anterior ao da sua partida para Paris, em 1895, com 17 anos, uma viagem de bicicleta a Sevilha acompanhado por dois amigos, Edward Minchin e João Maria da Costa, aventura da qual nos são dados relatos pormenorizados por seu filho, Luís Fernando da Veiga¹⁸. A viagem é recheada de episódios pitorescos)

Comprovando a habilidade do jovem Simão no uso da bicicleta, encontramos o folheto de um sarau onde o artista fez uma exibição de velocipedia a par com um destes seus amigos, datado de 1893.

É o anúncio de um designado “*Sarau de Gymnastica, esgrima e velocipedia*” onde no 4º ponto da primeira parte se anuncia a exibição de *exercícios de velocipedia pelos Exmos Senhores Eduardo Minchin e Simão Veiga*.

¹⁸ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades



Ilustração 8 - Folheto do Sarau de ginástica

Não conhecemos em detalhe a vida de estudante de artes em Paris do pintor, mas sabemos que nessa altura, a arte da pintura na capital francesa segue ainda as tendências impressionistas que irão dar lugar em breve ao designado neo-impressionismo.

À pintura exclusiva de atelier aliou-se a pintura realizada ao ar livre. É essa forma mista de pintura que Simão da Veiga vai desenvolver na sua vida artística.

O que presencia vai influenciar a sua pintura e a figuração das personagens que incluirá em alguns dos seus quadros, pois Simão da Veiga exhibirá mais tarde em exposições na SNBA alguns quadros com retratos femininos de modelos parisienses¹⁹. A vida em Paris terá certamente aberto novos horizontes na formação pessoal do jovem artista.

Regressou a Lisboa em 1898, com 20 anos, e assumiu a sua condição de pintor profissional, estabelecendo atelier nas traseiras de um prédio de que era proprietário na Praça da Alegria.

¹⁹ Catálogo da 10ª Exposição, 1913

Há sugestões de que tenha trabalhado junto do pintor José Malhoa,²⁰ de quem era amigo e a quem reconhece como mestre²¹.

É difícil ter a certeza sobre o número de anos que permaneceram juntos e em que datas: segundo alguns autores Malhoa terá trabalhado em finais do século XIX no atelier de Simão da Veiga na Praça da Alegria²².

Na opinião de Paulo Henriques,²³ o grande mestre Malhoa terá estado ligado à criação do Lar-Oficina Pró-Arte desde 1905, onde trabalharia a partir desse ano; terá visitado Paris com a mulher em 1910 e 1913, terá enviuvado em 1919 e terá visitado em 1921 Simão da Veiga na sua propriedade do Alentejo, a Herdade do Pedrógão, onde é previsível e natural que tenham pintado juntos, parecendo mais aceitável esta sucessão de acontecimentos.

O filho de Simão de Veiga, Luís Fernando, nascido em 1918, recorda Malhoa novamente no atelier de seu Pai nos anos de 1919 e seguintes, não especificando qual a localização nesta data desse espaço. E lembra-se de ser criança de 6 ou 7 anos e visitar os dois pintores no mesmo atelier, portanto nos anos de 1924 ou 1925, mas o trabalho conjunto tanto pode ter sido junto de mestre Malhoa (já que Simão da Veiga trabalharia nessa data em Lisboa em casa dos filhos, segundo as indicações de morada que apresenta nos sucessivos catálogos das exposições) como em Lavre, na herdade do Pedrógão.

Parece plausível que tenham estado juntos por vezes, como mestre e discípulo e também como amigos que parece terem sido, desde 1896, data em que Simão da Veiga regressa de Paris e inicia a sua pintura, e mais tarde e ocasionalmente nos anos de 1919 e seguintes.

²⁰ MONTEZ, A., Malhoa Íntimo, 1983; HENRIQUES, P. “José Malhoa”, 2004; VEIGA,L.F., Um nome e duas saudades, 1965

²¹ Revista Flama, , nº 107, 24 de Março de 1950, 12,13 e 19

²² LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?); VEIGA,L.F., Um nome e duas saudades, 1965;

²³ Na intimidade entre familiares de Simão da Veiga é comentado com graça que mestre Malhoa em Paris terá aperfeiçoado o nariz da retratada, na grande obra premiada nesse ano no Salon de Paris, *Retrato de minha mulher, Simão da Veiga, 1913*



Ilustração 9 - O pintor na sua juventude

1.2. - 2ª PARTE

DE 1898 A 1932

(OS ANOS DA DUPLA CARREIRA DE PINTOR E CAVALEIRO)

Nesse mesmo ano de 1898, Simão da Veiga celebrou o seu primeiro casamento, com D. Margarida de Assunção Dionísio, do qual nasceu uma filha, Maria Emília.²⁴

A vida do artista vai desenrolar-se a partir daí e por uns anos entre a capital do país, onde possui atelier e pinta por gosto e arte, o Alentejo e o Ribatejo, onde é grande lavrador e chefe de família, dedicando-se em simultâneo à equitação, à criação de cavalos e de gado bravo, e também ao toureio a pé, que tanto apreciava. Os animais, a lavoura, a caça e a vivência plena do campo vão alternar-se com a pintura, com Lisboa, com Cascais e com viagens nessa vida variada que tão plenamente desfrutou.²⁵

Em breve irá organizar de novo a sua vida pessoal e terá outros filhos. Celebrará em 27/5/1905 um segundo casamento com D. Constantina Rosa Martins



Ilustração 10 - O pintor no seu segundo casamento



Ilustração 11 - Simão Luiz da Veiga em fotografia de estúdio

²⁴ Casada com António Feliciano Branco Teixeira, dará origem na família ao ramo Veiga Teixeira (MALTA, J.;SANTOS, M.M. dos;ESCUADERO, Vitor – A família Veiga (Frade) de Lavre, 2004,63)

²⁵ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades

Nasceram dessa segunda união:

- uma outra filha, Isabel da Veiga (n.1901),²⁶
- um primeiro filho varão que irá celebrar-se como cavaleiro tauromáquico de renome, Simão da Veiga Júnior (n.1903).²⁷
- um outro filho, João Luís (n.1905, f. 1943), que morreu cedo e não deixou geração
- um outro filho, Filipe Luís (n.1906),²⁸
- e finalmente, com alguns anos de distância do nascimento dos irmãos, um último filho da união, Fernando Luís (n.1918),²⁹

Relatos de amigos e familiares³⁰ retratam-no como um homem afável, divertido e palaciano, apreciador de música e do fado, frequente em serões, já que a sua fama de contador de histórias perdurou na memória das pessoas, dizendo alguns dos mais velhos que se lembram de ver grupos de pessoas concentradas em festas junto a Simão da Veiga para ouvir relatos de proezas e outras histórias que a muitos faziam rir.³¹ Viam-no frequentemente em caçadas e festas bravas, que organiza e onde por vezes actua como artista no toureio a pé, já que a prática da lide não foi descurada e surge publicamente como toureiro amador.³²

Simão da Veiga, pelo ambiente em que cresceu e pela sua condição familiar, está intrinsecamente ligado à festa brava, sendo muitas vezes figura de cartaz, seja pela generosidade da oferta de toiros com o seu ferro para espectáculos de beneficência (os *benefícios* que seu filho descreve nas suas memórias),³³ seja pela participação com

²⁶ Casada com o 2º Visconde de Coruche, dará origem aos ramos Luz Castelo Branco Cary e Luz Castelo Branco Brito e Abreu – idem n. 14

²⁷ Casado por duas vezes, deu origem aos ramos Ventura da Veiga e Coelho Guião da Veiga (Malta, J.; Santos, M.M. dos; Escudero, Vitor – A família Veiga (Frade) de Lavre, 2004, 63)

²⁸ Casou duas vezes e deu origem ao ramo Veiga Bull com uma descendente do primeiro casamento, celebrado com a viúva de seu irmão João Luís. Do segundo casamento não teve descendentes- idem n. 17

²⁹ Deu origem ao ramo Pimenta de Aguiar da Veiga – idem n. 17

³⁰ Testemunhos falados de Engº Pereira Reis

³¹ Testemunhos falados de D.Maria Helena Malta

³² Relatos escritos no designado Álbum de ganaderia de seu filho Simão da Veiga Júnior

³³ Idem nota anterior

a sua actuação, em toureio a pé ou em montada, como nos dão testemunho cartazes alusivos a espectáculos taurinos nos quais figura o seu nome.

Numa tourada realizada em Maio de 1905 na Praça de Touros do Campo Pequeno, em Lisboa, Simão da Veiga contribuiu com um curro completo de 10 touros (6 da sua própria ganadaria e os restantes adquiridos), que se vê no cartaz do espectáculo, o que nos demonstra por um lado o seu grande envolvimento nos espectáculos e por outro a sua boa capacidade financeira.

No respectivo cartaz pode ler-se “... *Correr-se-hão 10 touros...sendo 4 para a lide de*



cavallo (de 4 annos) com o ferro L.P., comprados pelo Exmo Senhor Simão de Veiga e 6 destinados à lide a pé, com o ferro d'este ganadero ...”

Um outro exemplo do que atrás se disse encontra-se em cartaz de uma outra tourada de beneficência, realizada na mesma praça em Agosto de 1906, para a qual o ganadeiro e artista contribuiu com um touro, onde se pode ler: “...*Correr-se-hão 10*

*touros todos puros ... generosamente oferecidos pelos reputados lavradores, Exmos Srs....(e) Simão Luiz da Veiga (divisa encarnada e branca)...*³⁴

Simão da Veiga é comprovadamente um homem ligado à festa brava, que acompanha de várias formas, numa dupla valência profissional que se une à pintura em muitos dos temas que pinta.

A alegria de vida que o acompanha na juventude faz dele um amante dos prazeres da vida, da companhia dos amigos, de festas e até de partidas e brincadeiras que o divertiam, como nos ficou relatado por seu filho Luís Fernando nos vários capítulos do livro que escreveu sobre o pintor, nas muitas histórias divertidas ou empolgantes em que o mesmo foi protagonista, intituladas: “ uma vaca brava no quarto de dormir “, “Os lobos da serra morena”, “remédio eficaz”, “as almas do outro mundo”, etc.³⁵. Nesta obra, é retratado como amigo e patrão dedicado, sempre disponível para ajudar os que o rodeiam³⁶.

O seu estatuto social e a sua condição de proprietário fundiário tornou-o próximo da família real, sendo grande a afeição que demonstrou pelo rei D. Carlos e boa a amizade que o ligou ao Príncipe Real D. Luís Filipe (1887-1908), com quem « *...bateu brejos e silvados, as caçadeiras em riste na expectativa de coelho ou perdiz levantada, numa sensação de liberdade que muito agradava ao Príncipe...* »³⁷. Na praça de touros privada da herdade do Vidigal, em Vendas Novas, Simão da Veiga acompanharia o Príncipe em lides taurinas que faziam igualmente o seu agrado.

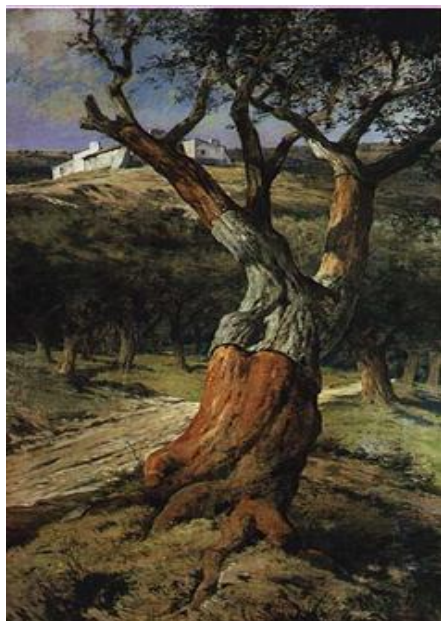
³⁴ A divisa consiste numa pequena fita que se fixa no dorso do animal, que representa em riscas de cores a ganadaria a que pertence. Cada ganadaria adopta cores individualizadas na sua divisa, pela qual se conhece e diferencia no meio empresarial taurino.

³⁵ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, 110, 75,103,95

³⁶ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, prefácio

³⁷ ,VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, 30

O pintor era então um jovem de 30 anos de idade. Com o rei D. Carlos a afinidade era também patente no gosto pela pintura, pela caça, pelos touros, por uma vida mundana que já antes notámos ser do agrado do pintor³⁸.



Em relação ao gosto comum pela pintura, temos o exemplo do tema do sobreiro, abordado em obras de Simão da Veiga e num quadro pintado pelo rei D. Carlos - Este último é considerado um excelente quadro, revelador da expressão naturalista do monarca

Ilustração 12 - Quadro com sobreiro pintado por D. Carlos

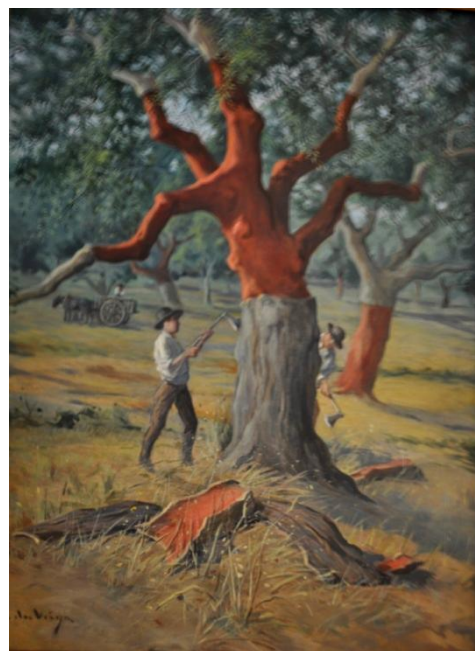
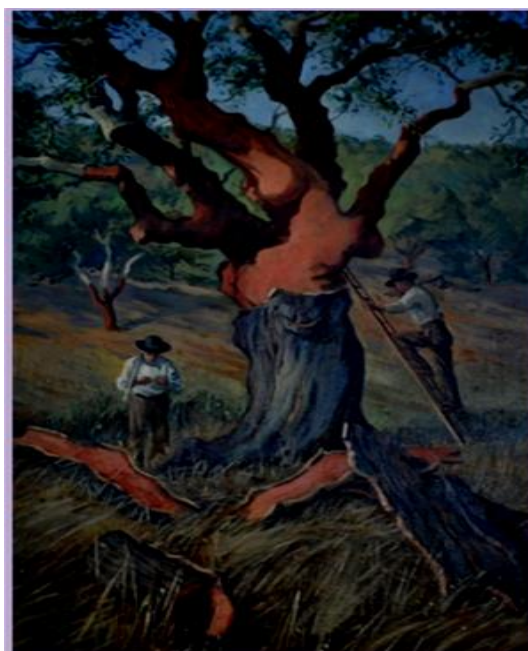


Ilustração 13- Quadros de Simão da Veiga com o tema do sobreiro

D. Carlos deslocava-se frequentemente até ao Alentejo acompanhado por um amigo fiel que será muito apreciado por Simão da Veiga, Mouzinho de Albuquerque³⁹.

³⁸ Idem nota 30 e 31

³⁹ VEIGA.L.F , ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades,30,31

Herói das campanhas de "pacificação" dos territórios coloniais africanos, Mouzinho de Albuquerque era preceptor do Príncipe Real D. Luís Filipe, seu amigo e interlocutor de longas conversas no monte do Vidigal, propriedade da Coroa, hoje integrada na Fundação da Casa de Bragança. Mouzinho de Albuquerque costumava acompanhar o rei D. Carlos e o Príncipe quando estes se deslocavam ao Alentejo para uns dias de caça ou de festa brava na praça particular da propriedade⁴⁰.

Simão vai acompanhar os turbulentos acontecimentos que ocorrem desde os bons tempos do seu convívio com a família real até à queda da monarquia.

Enquanto se vive em pleno na Europa um ciclo favorável no progresso científico e tecnológico e na cultura, no país vivem-se momentos conturbados na situação política: os governos são frágeis e sucedem-se, o partido republicano aumenta a sua influência, a Coroa é contestada. A conspiração anti-franquista toma forma e sai à rua, sem sucesso, a 28 de Janeiro de 1908. A 1 de Fevereiro de 1908, dá-se o regicídio.⁴¹

Simão da Veiga, que era próximo da família real, passou esta época entre Lisboa e o Alentejo, onde se encontra sedeadada a sua exploração agrícola. Viverá estes acontecimentos em profunda agitação nos dois anos seguintes, já que a vida social e económica é recheada de episódios que afectam a sua vida pessoal como proprietário rural e lavrador :

- Assiste a manifestações de Agricultores - A Real Associação de Agricultores lança um manifesto ao país, exigindo medidas prontas e eficazes para combater a crise, que se arrastava (já) desde 1875, (e) agravada pela depressão económica de 1892-1896. A situação instável da vinha aparece igualmente associada à crise cerealífera, que o governo tentara solucionar com as Leis de Protecção Cerealífera de 1889 e 1899, que levaram ao aumento significativo da área agrícola cultivada (cresceu de 21,3% para 35,1%), à diminuição das importações de cereais e ao aumento do preço do pão em cerca de 50%.
- Em 1902 suicida-se Mouzinho de Albuquerque, seu grande e influente amigo.

⁴⁰ Idem nota anterior

⁴¹ Saraiva, J.H. História de Portugal, 1981

- O clima social agudiza-se, surgem movimentos sindicalistas entre os trabalhadores, nota-se instabilidade social mesmo na província e nos campos, sente-se a agitação que se faz sentir também no interior.⁴²

- Em Janeiro de 1908 ocorre uma tentativa de golpe revolucionário para derrubar a Monarquia e o governo intensifica a repressão, agravando a tensão social.

- Em Fevereiro de 1908 ocorre algo de inesperado: O Rei e o Príncipe herdeiro são assassinados em Lisboa. O ambiente na capital está em efervescência, o país suspenso de notícias.

Simão da Veiga terá sofrido duro golpe com estes acontecimentos, já que é amigo pessoal de ambos. Tem 30 anos de idade, 5 filhos e uma família a proteger, além dos seus bens pessoais, pelos quais, apesar de tudo, parece não manifestar demasiado comprometimento.⁴³

- D. Manuel II sucede a seu Pai, por força da morte de seu irmão, D. Luís Filipe, mas decide apenas reinar e não se imiscuir na governação, convicto de que foi essa situação que conduziu ao assassinato do Rei. Três dias após o regicídio, foi constituído um governo de coligação monárquica, presidido pelo contra-almirante Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.

- Em Agosto de 1909 assiste-se em Lisboa a uma manifestação de mais de cem mil pessoas contra as congregações religiosas; no essencial, querem ver reduzida a influência dos jesuítas. As bases do poder são minadas. E a 14 de Julho de 1910 dá-se nova tentativa de insurreição republicana. O clima social e político degrada-se cada vez mais, tendo-se sucedido sete governos em cerca de 24 meses. Os partidos monárquicos questionavam-se com divisões, fragmentando-se, enquanto o partido republicano continuava a ganhar terreno.

- Em 2 de Outubro de 1910 encontram-se marcados dia e hora para a insurreição republicana, que ocorre na madrugada do dia 5 de Outubro de 1910 – assiste-se nesse

⁴² É referida por vários autores [REIS, J., A Lei da Fome, as origens do proteccionismo cerealífero, *Análise Social*, vol XV, 1979,4º, 745-793; LAINS, P., O proteccionismo em Portugal (1842-1913), um caso mal sucedido de industrialização concorrencial, *Análise social*, vol XXIII (97),1987, 3º,481-503] - a instabilidade social que se vive também nos campos nesta altura, o que nos leva a supor ser essa uma das motivações de S.V. para sair do País.

⁴³ VEIGA.L.F, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, prefácio

dia à proclamação da República nos Paços do Concelho de Lisboa e ao anúncio do Governo Provisório.

- A situação nos campos tinha-se agravado, a desorientação é geral na sociedade civil.⁴⁴
- D. Manuel II refugia-se em Londres.

Assim, até 1910, data da implantação da República em Portugal, Simão da Veiga viveu a sua vida de grande lavrador, toureiro, pai de família e pintor. Porém, inquieto, abandona o país nesse ano de 1910, como muitos monárquicos da época, temendo provavelmente pela sua segurança e pela de sua família.⁴⁵ Segundo relatos orais de familiares próximos⁴⁶, passa a viver em Huelva, depois em Badajoz, mais tarde na região de Bayonne/ Biarritz e finalmente e de novo em Paris. Há um quadro de inspiração marinha na sua obra, para além de muitos outros quadros com títulos que sugerem locais de Espanha e de França. O pintor e lavrador está no estrangeiro e pinta. Pese embora a suposição de ausência física que os relatos nos sugerem, Simão da Veiga expõe pela primeira vez na SNBA- Sociedade Nacional de Belas Artes no ano de 1911⁴⁷.

Em 1913 concorre ao Salon de Paris com um retrato a óleo de sua mulher em tamanho natural, com o qual obtém uma medalha de Bronze.

É uma grande distinção, a maior da sua vida artística. Talvez por isso, e pese embora o seu carácter pessoal, virá a ser um dos quadros mais célebres da sua obra, e um dos mais conhecidos⁴⁸.

Recordamos as palavras do pintor:

.....Há quem diga que sou pintor animalista, como me classificou Columbano. Mas, afinal, o meu maior galardão foi a medalha de Bronze de 1913 no salon em Paris, obtida com o "Retrato de minha mulher". O meu grande mestre, que foi José

⁴⁴ Saraiva, J.H. História de Portugal, 1981

⁴⁵ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?);

⁴⁶ Seus netos, Luís Miguel da Veiga e Isabel C. B Cary

⁴⁷ Catálogo da 9ª Exposição na SNBA 1911

⁴⁸ TAVARES, C., Naturalismo e naturalismos na Pintura Portuguesa do séc XX e a SNBA, vol. I, 90,350

Malhã, perguntava-me até, várias vezes, se eu gostava mais de pintar animais ou senhoras”...⁴⁹.



Ilustração 14 - Excerto da revista “Ilustração Portuguesa”, nº384, 30 de Junho de 1913

⁴⁹ Revista Flama , , nº 107, 24 de Março de 1950, 12,13 e 19

Nesse mesmo ano enquanto concorre no Salon em Paris com o quadro de sua mulher, envia 14 outros quadros para a exposição colectiva da SNBA. Regressará a Portugal em definitivo, ao que supomos⁵⁰, em 1914, ano em que na sequência da guerra balcânica iniciada com o assassinato do imperador Sérvio, a Alemanha declara guerra à Rússia.

Na Europa vivia-se um clima instável que não será apelativo, os negócios de família reclamarão a sua presença, tem filhos em idade escolar e a sua formação, crucial para o futuro, encontra na terra natal e no meio lisboeta condições que não teria em França. Simão tem 35 anos. Regressa, mas esteve afastado da gestão do seu património desde 1910 e vem encontrar também o país numa situação política, social e económica difícil.



A revolução republicana não teria logrado acalmar os ânimos sociais e políticos.

A economia nacional vem-se ressentindo com a instabilidade governativa. O rendimento dos seus bens irá sofrer reduções como todas as fortunas dessa época. A cortiça, principal rendimento das suas propriedades, verá o preço cair a valores tão baixos que não justificam a tiragem.

Ilustração 15 - Simão da Veiga nos primeiros anos da República

Entre os testemunhos orais de memória que nos ficaram, fala-se de um negócio de corte e sequente venda de árvores para carvão (azinheiras e sobreiros) que prometia

⁵⁰ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?); a escritura de venda do prédio da Praça da Alegria requerirá a sua presença em Portugal (espólio de documentos de A. P. Gouveia, neto do advogado da família de S.V. na época)

bons resultados, mas que terá redundado em enorme prejuízo, já que o preço do carvão, que tinha subido muito com o eclodir da guerra, desce inesperadamente e transforma o que poderia ser uma grande receita num acordo desastroso, que foi cumprido com honra mas com grande prejuízo para as suas finanças.⁵¹

Nessa época, vende o prédio da Praça da Alegria e encerra o atelier onde pintava, passando, ao que se supõe, a trabalhar com Matoso da Fonseca num outro atelier em Campo de Ourique, onde esteve cerca de 11 anos, até 1925.⁵²

Tudo leva a crer que o pintor terá estado, a partir dessa data e por largos anos, ocupado a treinar e seleccionar cavalos para o filho, Simão da Veiga Júnior, e para si, e a acompanhar a evolução dos passos e posições de seu filho a cavalo e frente aos touros, já que ele próprio era um excelente e experimentado cavaleiro.⁵³



Ilustração 16 - Simão da Veiga vestido com o traje de cavaleiro português

⁵¹ Testemunhos: A.P.Gouveia, neto do advogado da família do pintor

⁵² LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?)

⁵³ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, 110, 75,103,95

Sabe-se que era ele mesmo um dedicado impulsionador da carreira de seu filho, pela qual se obriga a tirar a alternativa de cavaleiro profissional na Praça do Campo Pequeno a 21 de Maio de 1922, para seguidamente a poder pessoalmente transmitir ao seu descendente, o que sucede a 4 de Junho de 1922⁵⁴.

Não deixa, no entanto, de acompanhar a arte marialva com a pintura e continua a expor quadros na SNBA, como sucede nos anos de 1916 (dois quadros), 1917 (um quadro)⁵⁵ e 1919 um quadro.

Em 1918, como atrás se referiu, nasce o último filho do seu 2º casamento, Luís Fernando (05.08.1918), que regista uma grande diferença de idade em relação ao conjunto de seus irmãos, quase 12 anos de distância do último filho nascido da união de Simão da Veiga com D. Constantina da Veiga.

Pelos testemunhos recolhidos,⁵⁶ cremos poder datar de um pouco antes o nascimento de uma filha natural do pintor, Maria Luísa, que encontramos mencionada por seu pai em cartas que escreve a um amigo nos anos de 1928 e 1929. Maria Luísa foi perfilhada e dará origem ao ramo Veiga Aboim Borges.

Nos anos que se seguem, 1918 a 1922, Simão da Veiga dedicar-se-á duplamente ao toureio e à pintura de “assuntos de figura e dramáticos”⁵⁷, como ele próprio designa os temas que retratam cenas do quotidiano no campo e cenas com a emoção e o dramatismo da investida dos touros. Diz-nos o próprio: ...” (*pinto*) *animais, retrato... alguns assuntos de figura e dramáticos, da vida do campino e do toiro....*”⁵⁸

⁵⁴ A profissionalização de um cavaleiro tauromáquico passa por um processo tradicional de transmissão de competências, concedidas solenemente em praça após uma actuação (que se entende como uma espécie de exame), por um mestre no toureio, ele próprio já detentor da referida alternativa. Essa é a razão pela qual Simão da Veiga Pai decide tornar-se profissional para poder ser ele mesmo o transmissor dessa categoria a seu filho, com a solenidade que o acto público encerra. É uma questão de vaidade profissional e familiar; excertos do designado Album de ganaderia escrito por seu filho, Simão da Veiga Júnior, a partir de 1922.

⁵⁵ Catálogos da 9ª e da 10ª Exposições na SNBA

⁵⁶ Testemunhos de familiares; (MALTA, J.; SANTOS, M.M. dos; ESCUDERO, Vitor – A família Veiga (Frade) de Lavre, 2004, 76); cartas de SV a seu amigo J.A.Paes

⁵⁷ Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950

⁵⁸ Idem nota anterior

José Malhoa fica viúvo em 1919. Irá juntar-se transitóriamente a Simão da Veiga no atelier deste e depois mudar-se-á para a Travessa do Rosário, onde se estabelece.⁵⁹ No ano de 1921 visitará Simão da Veiga no Alentejo por um tempo largo⁶⁰. A amizade entre os dois duraria até à morte de Malhoa, apesar de terem 24 anos de diferença na idade.

A sua intimidade é-nos demonstrada pelo postal que mestre Malhoa envia a D. Constantina da Veiga, Nele escreve o mestre: *“Exma Senhora.....O nome e a morada do calista em que falei a V Ex.cia é Jeronimo Fernandes, avenida da República, 24, 3º andar esquerdo; é necessário avisá.lo com três dias de antecedência, dizendo a hora a que deseja elle venha. Att. vosso amigo, José Malhõa, 3 maio 1920”*.

Na frente do postal, conforme costume da época, vê-se o retrato do remetente, no verso o conteúdo da missiva.



Ilustração 17 - Postal enviado por J. Malhoa a D. Constantina da Veiga

⁵⁹ HENRIQUES, P. – José Malhoa, 2004, Ed. Inapa; Lopes, MJVS, trabalho académico, 197-?; VEIGA.L.F, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, 127

⁶⁰ HENRIQUES, P. – José Malhoa, 2004, Ed. Inapa

A amizade entre os dois pintores levou a que alguns colecionadores de arte atribuísem uma produção conjunta a um quadro pitoresco que Simão da Veiga levou à exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes de 1922, intitulado *Curiosidade*. É



um quadro de razoável dimensão (1,12 x 1,66 cms) e excelente produção. Pintado em 1911⁶¹ e logo exposto em Madrid (1912)⁶², poderá ter sido efectivamente realizado por ambos e por graça, com maior contribuição de Simão, que o assina no final. O tema, a posição das figuras, os rostos, o penteado dos modelos, e o brilho que se revela na luz que se reflecte nas roupas de uma das raparigas, fazem-nos lembrar Malhoa, ou a sua grande influência na arte de Simão da Veiga.

O convívio artístico e de trabalho conjunto deu certamente os seus frutos e sabendo-se que José Malhoa foi efectivamente mestre e inspirador de

Simão da Veiga⁶³, se compararmos algumas obras de ambos, iremos encontrar proximidades de composição.

Os temas que José Malhoa transportou para os seus quadros são, tal como os de Simão da Veiga, hábitos, gostos e emoções das gentes do povo: *Malhoa ...interpretou (bem) o sentimento popular*⁶⁴. *A Seara Invasada*, 1881, *Gritando ao Rebanho*, *O emigrante*, *As Padeiras*, 1898, *As Promessas*, *os Bêbados ou Festejando o S.Martinho*

⁶¹ Segundo crónica de Manoel de Sousa Pinto a propósito da Exposição Individual que S.V. realizou no Salão Bobonne em Lisboa, em 1922, *Ilustração Portuguesa*, nº 835, 18/02/1922

⁶² Sandra Leandro, in *Univ Évora*, 30-06-2011

⁶³ LOPES, M.J, trabalho académico (197-?); -?; VEIGA.L.F, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades,126; entrevista do pintor in *Revista Flama*, nº 107, 24 de Março de 1950

⁶⁴ Malhoa Íntimo- Montêz, A., 1983, Museu José Malhoa, Caldas da Rainha

(1907), *O Remédio, Como eles se criam*, e tantos outros, são quadros que registam o mundo rural e as pessoas que o povoam.

Simão da Veiga vai apresentar-nos, entre outros, alguns destes temas: *Ida á Botica, Desespero, Triste caminhar, Um fado, Lavadeiras, Pastor, o Ajuda das éguas*, etc.

É patente a influência de Malhoa na pintura do pintor mais jovem.

A pintura de ambos irá depois distanciar-se noutros temas, Malhoa retratará ainda as tradições das gentes de aldeia e Simão irá enveredar pela representação dos touros e pelo relato da vida dos campinos.

Mas ficaram-nos alguns exemplos simples e elucidativos da influência que referimos, designadamente na representação do mendigo com o cajado e a saca às costas, presente num excerto de *As Padeiras* (1898) de José Malhoa e no *Triste Caminhar* (1914) de Simão da Veiga.



Ilustração 18 - José Malhoa com um excerto de *As padeiras* e Simão da Veiga com *Pastor*

No quadro *O Fado* de Simão da Veiga e em *O Fado* (1905) de José Malhoa, de tema e título comuns, encontramos também semelhança nas cores e tonalidades usadas por ambos os pintores, na soturnidade dos ambientes fechados representados nas duas

telas e na atitude dos fadistas. José Malhoa pintou *O Fado* em 1910 e Simão da Veiga pintou o seu quadro conhecido pelo mesmo nome em 1913⁶⁵



Ilustração 19 - *O fado* de Simão da Veiga, 1913 e *O fado* de José Malhoa, 1910

Olhando atentamente a colecção de quadros que cada um deles legou à história da pintura nacional da época, encontramos similitude nas tonalidades de cor usadas nas telas, em algumas figuras e até em alguns temas.



Ilustração 20 - *O Remédio* de José Malhoa

⁶⁵ HENRIQUES, P., José Malhoa, 2004, ed. INAPA; segundo data aposta por S.V no canto superior esquerdo da obra

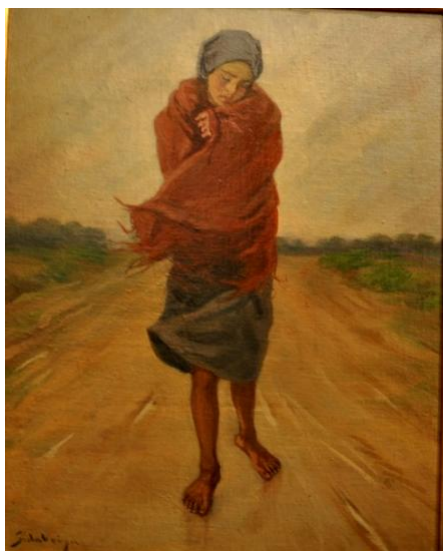


Ilustração 21 - *Ida à botica* e *Desespero* de Simão da Veiga

Para além da formação convencional e académica, foi importante para Simão da Veiga, à semelhança de outros artistas, o conhecimento de pintores do passado, como o espanhol Diego Velásquez (1599-1660), referência a que tivemos acesso graças a informação veiculada pelo pintor português numa entrevista à revista *Flama*, datada de 1950, na qual conta, ele próprio, onde obteve as suas referências artísticas, em termos de composição e dos temas que escolheu para as suas obras. Quando questionado pelo jornalista sobre os pintores que mais o impressionaram ao longo da sua vida artística, respondeu que haviam sido *Rubens, Tiépolo e sobretudo Velasquez, pela simplicidade maravilhosa da sua técnica. Muito aprendi das suas telas no que respeita a cavalos, pois os representava admiravelmente.... Ainda hoje o mais agradável para mim é ter os meus modelos de cavalos ou toiros e pintá-los em plena natureza..»*⁶⁶.

De origem portuguesa, Velasquez⁶⁷ fez também parte das fontes de inspiração de Malhoa, havendo comparações⁶⁸ entre o quadro designado por *Os Bêbados* ou *Festejando o S. Martinho* e o belíssimo quadro *Los Borrachos* (1629) de Velasquez. É possível que a inspiração para o tema lhe tenha vindo realmente deste quadro, já que se sugere ter estado à época pendurada numa parede do atelier da Travessa do

⁶⁶ Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950

⁶⁷ Diego Rodríguez de Silva y Velázquez (1599 —1660) foi um pintor espanhol e principal artista da corte do Rei Filipe IV de Espanha.

⁶⁸ Malhoa Íntimo- Montêz, A., 1983, Museu José Malhoa, Caldas da Rainha

Rosário onde Malhoa pintou, uma fotografia da célebre pintura existente no Museu do Prado⁶⁹.

Para melhor entender Simão da Veiga, olhemos alguns quadros de Velasquez (1599-1660)⁷⁰ com um dos temas que mais o entusiasmou, os cavalos, e ainda de Rubens⁷¹ e Tiépolo⁷²:



Ilustração 22 – Velasquez, *Retrato equestre de Filipe IV* (1635-36) e *A Rendição de Breda*



Ilustração 23 – Velasquez, *O Cavalo Branco*

⁶⁹ Idem nota anterior

⁷¹ Pieter Paul Rubens (1577-1640), pintor flamengo

⁷² Giambattista (ou Giovanni Battista) Tiepolo ou Tiépolo (1696 - 1770), pintor e gravador italiano, considerado o último grande pintor de era barroca.



Ilustração 24 - Rubens, *O Duque de Lerma* (1603) e Tiépolo, G. Domenico, filho (1727-1804)



Ilustração 25 - Giovanni Battista Tiepolo (1696-1796), *o Cavallo de Tróia*



Ilustração 26 - Os formosos cavalos "Assassinos sem rosto", fresco de Giambattista Tiepolo

A partir de determinada altura da sua vida que coincide com a produção das obras que expõe em 1916 e anos seguintes, a sua expressão na arte aproxima-se deste padrão de inspiração. Temas visando a representação de touros e de cavalos começam a ser muito frequentes nas obras compostas.⁷³ Surgem quadros de grandes dimensões, com campinos, touros, e a representação de colhidas ou percalços em campo. O género de pintura é já diferente dos temas do mestre, como atrás referimos.

Pese embora o convívio com o seu amigo Malhoa, e a elaboração de obras com temas por vezes coincidentes, não são descurados por Simão da Veiga no início dos anos 20 os treinos no campo, porque a arte de cavaleiro, a sua e a do filho, não podem esperar.

No monte do Pedrógão, local de referência para todas as suas actividades no Alentejo, treinam-se cavalos e cavaleiros.⁷⁴

Seguem-se anos de intensa actividade taurina, com cartéis em variadíssimas praças, no País e em terras de Espanha.⁷⁵



Ilustração 27 - Simão da Veiga montado no seu cavalo Bombita

⁷³ Catálogos das Exposições da SNBA nos anos de 1916, 1917, 1922, 1927, 1928 e 1929

⁷⁴ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades

⁷⁵ Notas do Álbum de ganaderia, 1907 de seu filho, Simão da Veiga Júnior

Encontramos em variadíssimos álbuns de seu filho, Simão da Veiga Júnior, mas sobretudo num álbum cuja capa pretendia incluir apenas o histórico da ganaderia que possuíram mas que foi não aproveitado para tal, designado por *Album da Ganaderia, 1907*, uma descrição pormenorizada dos locais até onde os dois cavaleiros se deslocaram para actuar, sós ou em conjunto, num relato que inclui a indicação das praças de touros, o número de touros lidados em cada espectáculo e as ganadarias a que pertenciam, os cavalos que montaram em cada lide, o número de ferros colocados, e até os nomes dos peões de brega que os acompanharam.



Ilustração 28 - Simão da Veiga numa corrida de touros em Vendas Novas, 1924



Ilustração 29 - Simão da Veiga em praça (s.d.)

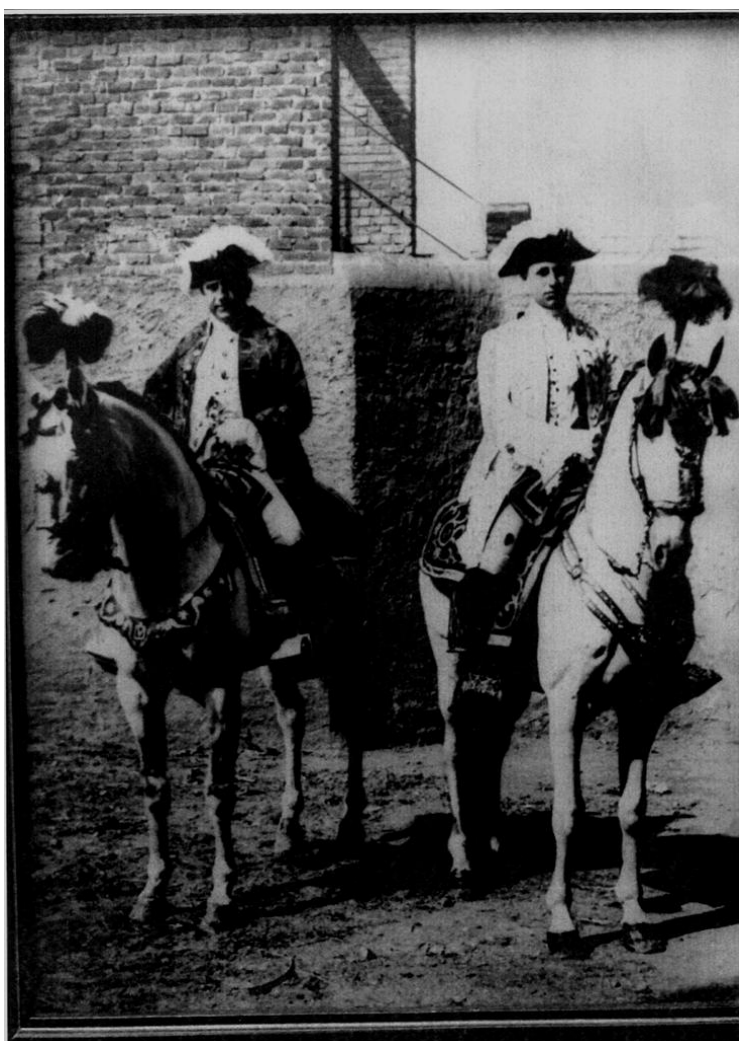


Ilustração 30 - Simão da Veiga e seu Filho prontos a actuar em praça (1922-1928)



Ilustração 31 - Pai e Filho na praça de touros de Barcelona (1922-1928)



Ilustração 32- Pai e Filho em praça durante uma actuação (1922-1928)



Ilustração 33- Pai e Filho em Barcelona (1922-1928)

A produção de quadros diminuiu a partir de 1919 nestes anos de intenso toureio, como seria previsível que sucedesse. Apenas se voltam a ver quadros seus expostos publicamente no ano de 1922, não na SNBA, como fora seu hábito de vários anos, mas

numa exposição individual no Salão Bobonne, em Lisboa, favoravelmente comentada na imprensa da época.

Simão da Veiga tinha 44 anos de idade.

Dois anos depois, com 46 anos, Simão da Veiga será avô pela primeira vez - a filha primogénita, Maria Emília, será mãe a 24 de Fevereiro de 1924 -, tendo o filho mais novo do pintor, Luís Fernando, apenas 6 anos de idade, segundo nos relata o livro com a genealogia da Família Veiga já citado neste trabalho, *A família Veiga(Frade) de Lavre*.

Em 1925, deixa o atelier de Matoso da Fonseca e passa a trabalhar directamente em casa dos filhos,⁷⁶ como se depreende das sucessivas moradas que vai indicando na SNBA quando apresenta quadros para figurarem nos Salões⁷⁷. Neste período, apresentará dois quadros na SNBA em 1926, cinco quadros também na SNBA no ano de 1927,⁷⁸ e em 1928, expôs no Porto dezasseis obras, dez obras com preço e seis obras de particulares⁷⁹. Contudo, neste ano de 1928 tudo se alterou na sua vida familiar, circunstâncias várias e condicionalismos de ordem económica obrigam Simão da Veiga Júnior a despedir-se das arenas⁸⁰.

Ainda nesse mesmo ano de 1928, o pintor, agora com 50 anos de idade, celebra um contrato de produção de obras em exclusividade com dois amigos, mas a ausência de comunicação futura de um deles leva a que o contrato seja apenas cumprido pelo outro, Joaquim Aleixo Paes, amigo e vizinho de propriedade de Simão da Veiga⁸¹. Por esse motivo, e por já possuir alguns quadros adquiridos em datas anteriores, este amigo do pintor, do qual nos ficou muita correspondência trocada entre ambos, reunirá particularmente, nos anos 30 do século passado, uma colecção de quase

⁷⁶ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?)

⁷⁷ Catálogo da 24ª Exposição da SNBA, 1927; Catálogo da 29ª Exposição da SNBA, 1932; Catálogo da 31ª Exposição da SNBA, 1934;

⁷⁸ Catálogo da 24ª Exposição da SNBA, 1927

⁷⁹ Folheto de divulgação da exposição

⁸⁰ Notas do Album de ganaderia, 1907 de seu filho S.V. Júnior

⁸¹ Gaspar da Cunha Prelada, monárquico portuense exilado temporariamente no Alentejo, terá regressado ao norte logo que passado o perigo de perseguição política republicana, descurando o contrato, já que a totalidade das obras e das contrapartidas foram apenas cumpridas pelos outros dois intervenientes.

O contrato celebrado em 16-03-1928, contemplava a produção de 48 obras de dimensão média e 4 obras de grande dimensão para dois anos – 1928 e 1929, de inegável qualidade. Foi escrupulosamente cumprido pelo pintor e pelo outro contratante, Joaquim Aleixo Paes, sendo que as substituições, decorrentes da variedade de tamanhos, foram sempre acordadas entre ambos. (Cartas de Simão da Veiga a J. A. Paes, espólio dos irmãos Vacas de Carvalho, herdeiros deste último)

cinquenta quadros de Simão da Veiga, dos quais se destacam alguns de grandes dimensões.

Pela importância de que se reveste para este estudo, já que originou a produção de tantas obras, juntam-se dois excertos desse contrato, o seu início e as assinaturas apostas no final.

Contrato

Condições em que Simão Luiz da Veiga
torna compromissos para com os Srs.
Joaquim Aleixo Paes e Gaspar da Cunha
Prelada, sobre o seu trabalho de pintura e
venda de dez quadros.

Lisboa 16 março de 1928

Simão Luiz da Veiga
Joaquim Aleixo Paes
Gaspar da Cunha Prelada

E porque foram bastante elucidativas para a interpretação da personalidade do pintor as cartas trocadas entre Simão da Veiga e o seu amigo Joaquim Aleixo Paes, amigo pessoal do pintor e um dos contratantes do acordo celebrado em 16 de Março de 1928, juntam-se dois excertos de uma dessas cartas, datada do mesmo mês e ano, no início da escrita e no final com as palavras de despedida.

...cedos me
do gosto do
licite de
para ser
qualquer
o contra
harmonia

Le^o Amizade 1928

Mun Bom e Verbo Amiz
Joachim Paes

ali logo.

Ten amigos de
bons tempos
e mto. amigos ali
cum um abraço
Simão



Ilustração 34- Postal com dedicatória enviado a J. Aleixo Paes em 1929

O pintor expõe de novo na SNBA em 1929, onde apresenta cinco quadros, sendo premiado com uma 1ª medalha⁸². Ainda no mesmo ano expõe em Madrid o retrato *Senhora com pomba*, recebendo por este a "Comenda de Isabel a Católica", concedida pelo rei espanhol Afonso XIII⁸³.

As referências, curiosamente, não nos surgem em catálogos das exposições, mas em alguns trabalhos e em registos dos álbuns de família⁸⁴. Indicam-nos esses documentos⁸⁵ que em 1930 terá exposto três retratos, presumimos que todos resultantes de encomendas, e ainda quatro telas figurativas.

Nesse ano de 1930, o filho do pintor, Simão da Veiga Júnior reorganiza a sua vida, aceita de novo contratos, reúne os cavalos que em 1927 e 1928 encaminhara para casas de amigos e retoma a lide nas arenas. Torna-se rendeiro de seu pai na agricultura da propriedade familiar. Sabemos que este acompanhará ainda o filho nas lides a

⁸² LOPES, M.J., (197-?); TAVARES, C., *Naturalismo e naturalismos na Pintura Portuguesa do séc XX e a SNBA*, vol. I,

⁸³ Idem, e relatos do autor na *Revista Flama*, nº 107, 24 de Março de 1950

⁸⁴ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?); TAVARES, C., *Naturalismo e naturalismos na Pintura Portuguesa do séc XX e a SNBA*, vol. I; espólio de álbuns de S. V. Júnior

⁸⁵ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?)

cavalo por mais um par de anos⁸⁶. Há menção da sua presença em praça e registo da lide profissional de toiros a par com seu filho nas arenas portuguesas e espanholas até 1932⁸⁷. Segundo as memórias de Simão da Veiga Júnior, o seu pai ainda volta a actuar na praça de touros de Montemor-o-Novo em 1933, mas apenas e graciosamente na feira anual do concelho, a 3 de Setembro⁸⁸. Tem nessa data 55 anos de idade.



Ilustração 35 - Simão da Veiga com o filho em Madrid, 1932



Ilustração 36 - Simão da Veiga no campo com os touros (193-?)

⁸⁶ Relatos de seu filho Simão da Veiga Júnior no designado Album da ganaderia, 1907

⁸⁷ Idem nota anterior

⁸⁸ Idem nota anterior

Expõe novamente na SNBA (XXVIII^a Exposição) em 1931⁸⁹, apresentando-se com seis obras. Por essa altura terá pintado seu filho a cavalo e em praça, conhecendo-se com este tema três quadros muito semelhantes, que apenas diferem ligeiramente na posição do cavalo.



Ilustração 37 - Simão da Veiga Júnior pintado por seu Pai

⁸⁹ LOPES, M.J., trabalho académico, (197-?)

1.3. – 3ª PARTE

OS ANOS DE 1933 E SEQUINTE

**(DEPOIS DE O PINTOR DAR POR FINDA A SUA ACTIVIDADE
COMO CAVALEIRO TAURAMAQUICO)**

No ano de 1934 já não surge qualquer registo do seu nome nos cartazes das praças de touros, mas sabe-se⁹⁰ que continuou ainda por uns anos a acompanhar o filho na sua vida tauromáquica e na preparação dos cavalos para toureio.

O abandono das praças pelo pintor e cavaleiro vai deixar todo o espaço de representação artística taurina da família a cargo de seu filho, e também para este a possibilidade de brilhar sozinho, que foi aproveitada não sem a presença assídua do Pai que, ainda por uns tempos, irá colaborar na escolha e preparação das montadas.

Verifica-se nova presença do pintor na SNBA em 1934⁹¹.

Mais tarde, irá expôr na SNBA durante 5 anos seguidos, de 1939 a 1943⁹².

Voltará ainda a expor em 1945, 1946 e 1948⁹³.

⁹⁰ VEIGA.L.F da, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades,

⁹¹ Catálogo da XXXIª Exposição, 1934,

⁹² Catálogo da XXXVIª Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, 1939,
Catálogo da XXXVIIª Exposição de Pintura, Aquarela, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, 1940,
Catálogo da XXXVIIIª Exposição de Pintura, Desenho, Gravura, e Escultura, 1941,
Catálogo da 1ª Exposição de Arte Naturalista Portuguesa na Soc. Portug. de Ciências Naturais, 1941
Catálogo d Exposição dos Profissionais de Imprensa, 1942
Catálogo da XLª Exposição de Pintura e Escultura, 1943

⁹³ Catálogo da XLIIª Exposição de Pintura e Escultura, 1945
Catálogo da XLIIIª Exposição de Pintura e Escultura, 1946
Catálogo da XLIVª Exposição de Pintura e Escultura, 1948



Ilustração 38 - *Entrada de gado bravo no Curral*, 42ª Exp SNBA, 1945



Ilustração 39 - Simão da Veiga com três dos seus filhos

Simão da Veiga e seu filho também conviveram de perto com responsáveis políticos e personalidades influentes na sua época.

Salazar, então Presidente do Conselho de Ministros, terá deixado no seu espólio uma ou mais obras do pintor, que lhe terão sido oferecidas, conforme nos dão conta fotografias e correspondência trocada, que fazem parte do espólio que alguns familiares guardaram.⁹⁴

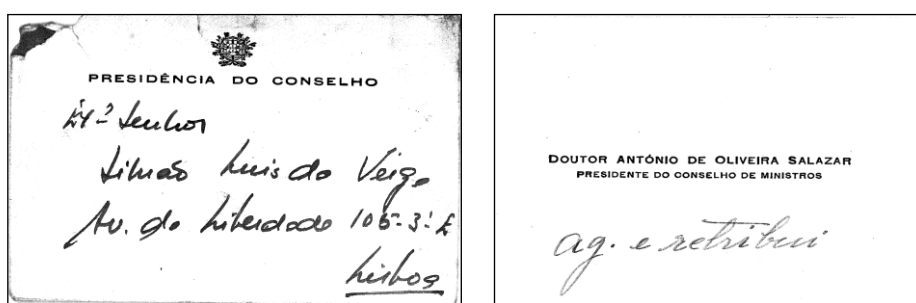


Ilustração 40 - Cartão do Presidente do Conselho de Ministros com agradecimento



Ilustração 41- Outro cartão recebido do Presidente do Conselho de Ministros

⁹⁴ Espólio de João Luís da Veiga, neto do pintor



Ilustração 42 - Simão da Veiga e seu filho em cerimónia oficial (194-?)

Mantém a sua vida de convívio com amigos, e a proximidade com o filho cavaleiro, constando juntos nesta fotografia tirada na Feira de S. João em Évora, em 1946 (Simão da Veiga está ao centro e o filho a seu lado, à direita na fotografia).



Ilustração 43 - Simão da Veiga com o filho e amigos, 1946, Évora

Em baixo pode ver-se uma fotografia tirada por ocasião da visita da Princesa Maria Pia de Sabóia ao monte do Pedrógão, em 1947, onde surge acompanhada pelos seus anfitriões. A fotografia foi capa de uma edição de uma revista desse ano⁹⁵. Ilustra o relacionamento de Simão da Veiga (Pai e Filho) com figuras importantes da realeza,

⁹⁵ Revista Sector 1, Dezembro de 1947

com apetência pelo meio rural e pelo mundo dos cavalos, e atesta a sua excelente hospitalidade, já que recebe tais individualidades na sua casa de campo. Na fotografia, Simão da Veiga Júnior segura as rédeas do cavalo que a princesa monta e donde posa para a fotografia, encontrando-se o pintor ao lado, vestindo-se ambos com o traje clássico de montar a cavalo.

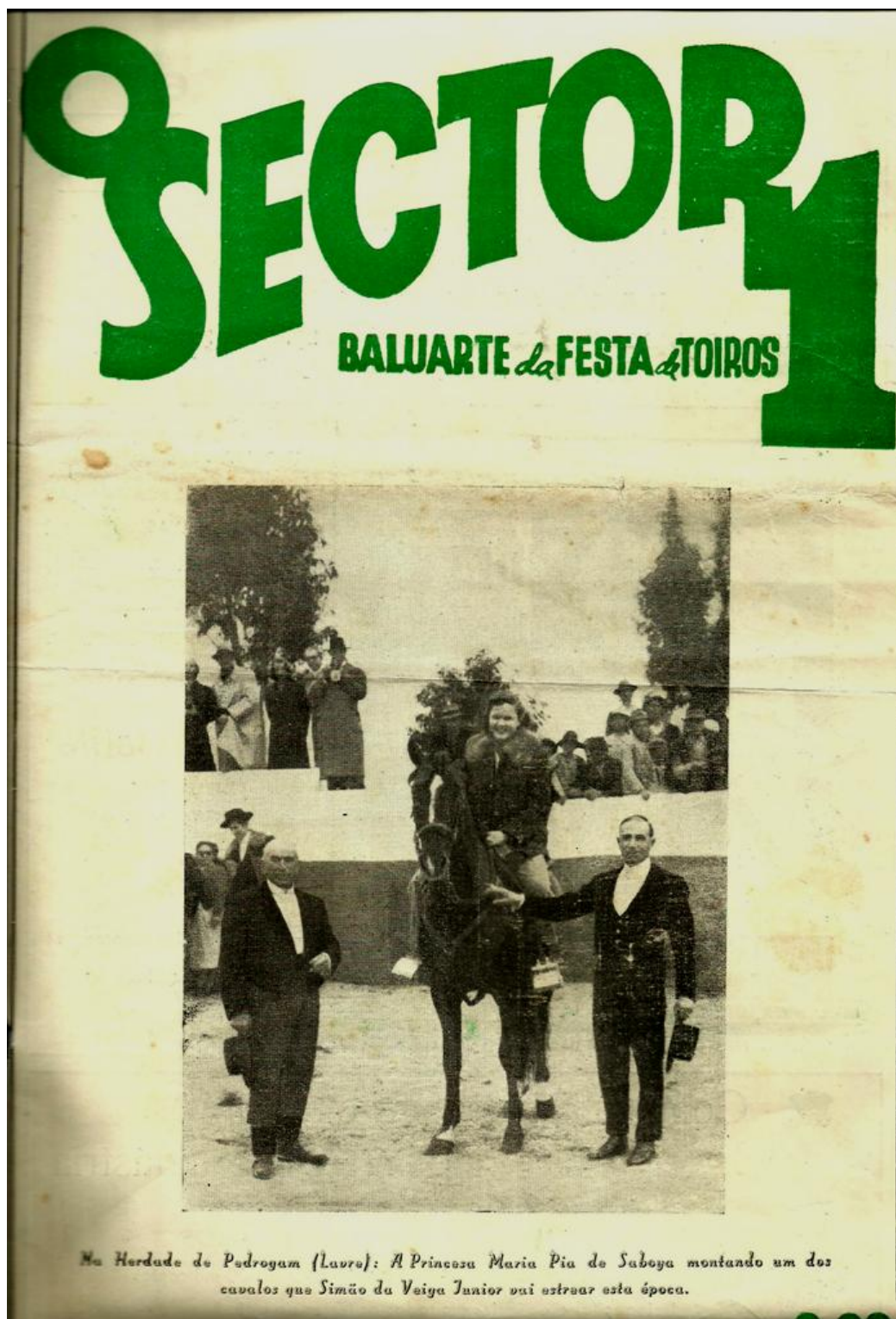


Ilustração 44 - Pai e Filho com a princesa Maria Pia de Sabóia, 1947

Segundo relatos de família⁹⁶, em 1948 Simão da Veiga já não acompanhava o filho na sua actividade em praça, e deixou mesmo de lhe preparar os cavalos de toureio, tarefa de que passou a encarregar-se o próprio Simão da Veiga Júnior.

Simão da Veiga tem nesta altura 70 anos de idade.



Ilustração 45 - Simão da Veiga numa festa

Em 1950, com 72 anos, pinta a sua maior obra em dimensão, "A Última Corrida de Touros Reais em Salvaterra",⁹⁷ inspirado num conto de Rebelo da Silva. É uma obra de carácter cenográfico que o terá ocupado durante bastante tempo, dadas as dimensões da tela (2,45 X 3,40 mts) e o pormenor das figuras.

Apresentada no salão de primavera da SNBA em 1953, será, pelo seu tamanho e pelo tema, um chamariz para a crítica e o público.⁹⁸

⁹⁶ VEIGA.L.F, ed.a. 1965, Simão da Veiga, Um nome e duas saudades,

⁹⁷ TAVARES, C., Naturalismo e naturalismos na Pintura Portuguesa do séc XX e a SNBA, vol. I,364

⁹⁸ Idem

Simão da Veiga voltará a expor nos anos de 1953 e 1956⁹⁹, estando já então neste último ano com 78 anos de idade, naquela que foi a sua última apresentação pública.



Ilustração 46 - O pintor com um neto e no monte, num dia frio



Ilustração 47- O pintor com o neto, Luís Miguel da Veiga

⁹⁹ Catálogo da XLIX^a Exposição de Pintura a óleo e Escultura, 1953
Catálogo da L^a Exposição de Pintura a óleo e Escultura, 1954
Catálogo da LII^a Exposição Anual de Pintura a óleo e Escultura, 1956

O pintor manteve sempre grande ligação com seu filho Simão da Veiga Júnior, com quem terá passado os seus últimos tempos de vida na residência familiar deste no Redondo, distrito de Évora, segundo relatos de descendentes.¹⁰⁰

Expõe pela última vez na SNBA no ano de 1956.

Não encontrámos referências a outras exposições em vida. Seu filho Simão da Veiga Júnior morre em Agosto de 1959 e o pai não viverá muito mais. Pintou aquele que se supõe tenha sido o último quadro de sua autoria, com a reprodução do Monte da Garçoa no Redondo, residência de seu filho Simão da Veiga Júnior, em data que não pudémos concretizar, mas que situaremos em 1962 ou 1963, ano do falecimento de sua primeira filha, Maria Emília, e da sua própria morte.



Ilustração 48 - Quadro com Monte da Garçoa, no Redondo

Simão da Veiga morre no dia 19 de Março de 1963, em Lisboa, aos 84 anos de idade.

Dele ficou-nos, em descendentes, uma imensa família com vários ramos, muitos relatos de episódios de vida e de actuações em praça feitos pelos seus filhos Luís Fernando e Simão, este último grande companheiro de lides, e uma inquestionável prova da sua obra, nas centenas de quadros que se lhe atribuem.

¹⁰⁰ Simão da Veiga Júnior casou por duas vezes, a segunda das quais com D. Ausenda C. Guião, natural do Redondo. Os dois filhos do casal nasceram em 1952 e 1956 no Monte dos Vicentes em Terena, que supomos fosse a residência da família. In (MALTA, J.; SANTOS, M.M. dos; ESCUDERO, Vitor – A família Veiga (Frade) de Lavre, 69

CAPÍTULO 2 - O PERCURSO PROFISSIONAL

Como verificámos na apresentação da sua biografia, Simão da Veiga iniciou a apresentação pública dos seus trabalhos de pintura em 1911, na IXª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde apresentou cinco quadros e recebeu uma Menção Honrosa. Sabendo-se que saiu do país no ano de 1910, supomos que tenha pintado estes cinco quadros no seu voluntário exílio em terras de Espanha¹⁰¹, já que os títulos de dois dos quadros mais pequenos contêm alguma sugestão de idioma ou localização espanhola: *Arruella* e *Estrada de Maiorca. Cavallo, Pastor (Alemtejo) e Campino (Estudo)* são igualmente obras apresentadas nesta exposição, sendo as duas últimas as maiores em tamanho.

Não se encontraram registos da sua participação em exposições em 1912. Embora haja uma breve menção a esse facto¹⁰², sabemos que a SNBA não organizou exposição colectiva nesse ano por se encontrar ocupada com a organização da uma grande exposição no ano seguinte, a coincidir com a inauguração da nova sede da Sociedade¹⁰³.

Em 1913, Simão da Veiga expõe um quadro de grandes dimensões (1,80 m X 1,00 m) no Salon em Paris¹⁰⁴ que retrata sua mulher, D. Constantina da Veiga, nos seus 32 anos de idade¹⁰⁵. A pintura foi galardoada com a Medalha de Bronze.

Um artigo publicado na revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 3, de 1913, sob o título “Figuras e Factos”, relatava o êxito obtido com o quadro premiado em Paris, divulgava-o numa reprodução fotográfica e sobretudo associava Simão da Veiga, pelo prémio obtido, a dois prestigiados pintores portugueses dentro da estética “académico-naturalista” ainda predominante em Portugal no início do século XX. A legenda da fotografia que reproduzia a tela na revista enunciava o seguinte: “*Retrato da Srª D. Constantina da Veiga, quadro de Simão da Veiga, que obteve a 3ª¹⁰⁶ medalha este ano no Salon de Paris, honra até agora só conferida três vezes a artistas portugueses, tendo sido os outros artistas distinguidos Salgado e Sousa Pinto*”

¹⁰¹ VEIGA, L. F. – Simão da Veiga, Um nome e duas saudades – ed. A., 1965; pese embora a indicação de ausência do País, o catálogo indica como residência do artista a Av da Liberdade, nº 87 em Lisboa

¹⁰² LOPES, M J - Simão da Veiga – trabalho académico, (197-?)

¹⁰³ (TAVARES, C. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX, 1999)

¹⁰⁴ Revista Flama, , nº 107, 24 de Março de 1950, 12,13 e 19

¹⁰⁵ MALTA, J.;SANTOS, M.M. dos;ESCUADERO, Vitor – A família Veiga (Frade) de Lavre, 2004

¹⁰⁶ Todos os restantes documentos que mencionam o prémio atribuído, incluindo o próprio pintor em entrevista, se referem a uma 2ª medalha, de Bronze

Soma êxitos na pintura, e nesse mesmo ano de 1913 apresenta um conjunto de catorze quadros na 10ª Exposição da SNBA¹⁰⁷, alguns com temas ou títulos franceses e espanhóis, atestando a sua recente permanência no estrangeiro, três de dimensão maior, dos quais um de grande qualidade, "*Perdida*", que mereceu vir reproduzido no catálogo da exposição e recebeu a medalha de 3ª classe.

Citamos alguns, dentre eles : *Arredores de Madrid, Na Feira de Sevilha, Le Chazeron (Auvergne), Arredores de Valladolid, La Sioul (Auvergne)*. Além destes, constaram da mostra alguns quadros de pequena dimensão: *Na Praia (impressão), Portas do Mar (Mértola), Um esboço, Cabeça (impressão) , Flôr do Pântano*, e outros quadros de dimensões maiores como é o caso da já citada obra *Perdida, 1913 - 1,80 X 2,10 mts*, e de outras obras: *Retrato de minha Mãe - 1,18 X 1,20 mts , Um modelo de Paris - 1,12 X 1,60 mts, Curiosidade - 0,91 X 1,20 mts*

Em 1914, o artista volta a expor na SNBA, integrado na XIª Exposição Annual,¹⁰⁸ e apresenta um conjunto de catorze quadros, alguns de grandes dimensões, como é o caso de *Matilheiro*, pintado nesse ano, ou de *Triste Caminhar*, quadro cujo elevado preço registado no catálogo (comparativamente aos quadros que até aí apresentou com preço), nos faz supor que corresponda à sua grande dimensão ou ao esforçado trabalho dispendido na sua realização¹⁰⁹.

Em 1916, expôs dois quadros na SNBA, *Cabresto e Campino*, supondo-se que o primeiro tivesse dimensão ou qualidade razoável, dada a manifesta diferença de preço de catálogo em relação ao outro quadro apresentado¹¹⁰.

A referência à exposição surge numa edição do *Diário de Lisboa* de 1916, aqui apresentada, cuja imagem reproduz o quadro do pintor apresentado com a designação de *Campino*, dizendo-nos a legenda nele inscrita o seguinte sobre o pintor:... *Simão da Veiga, o grande cavaleiro tauromáquico....dá-nos também obras primas de pintura*". O que releva que o pintor gozava de alguma notoriedade e até popularidade.

¹⁰⁷ Catálogo da Xª Exposição de Pintura na SNBA

¹⁰⁸ Catálogo da XIª Exposição annual de Pintura, 1914

¹⁰⁹ Exposições dos anos anteriores, 1911 e 1913, ver mapa de exposições no final deste capítulo

¹¹⁰ Catálogo da XIIIª Exposição na SNBA, 1916



Ilustração 49 - Excerto do Diário de Lisboa, Abril de 1916

No ano de 1917, concorre à XIVª Exposição da SNBA¹¹¹, com o excelente quadro *À Cabeça do Gado*.



Ilustração 50 - À Cabeça do Gado, 1917

¹¹¹ Catálogo da XIVª Exposição na SNBA, 1917

Segue-se até 1922 um período mais dilatado na apresentação de obras, registando-se apenas uma participação em 1919 na XVIª Exposição da SNBA com um único quadro intitulado *Na Gradagem*.¹¹²

Mas, no ano de 1922 voltam a ser expostos publicamente quadros do autor, e em grande quantidade, não na SNBA, como ocorrera durante vários anos desde 1911, mas numa exposição individual no Salão Bobonne, em Lisboa, elogiosamente comentada na imprensa da época¹¹³.

Nessa exposição, para além da presença do quadro de sua mulher premiado em Paris, o autor apresenta mais 19 quadros, alguns de grande qualidade.

A revista *Ilustração Portuguesa* apresenta um comentário de Manuel de Sousa Pinto:

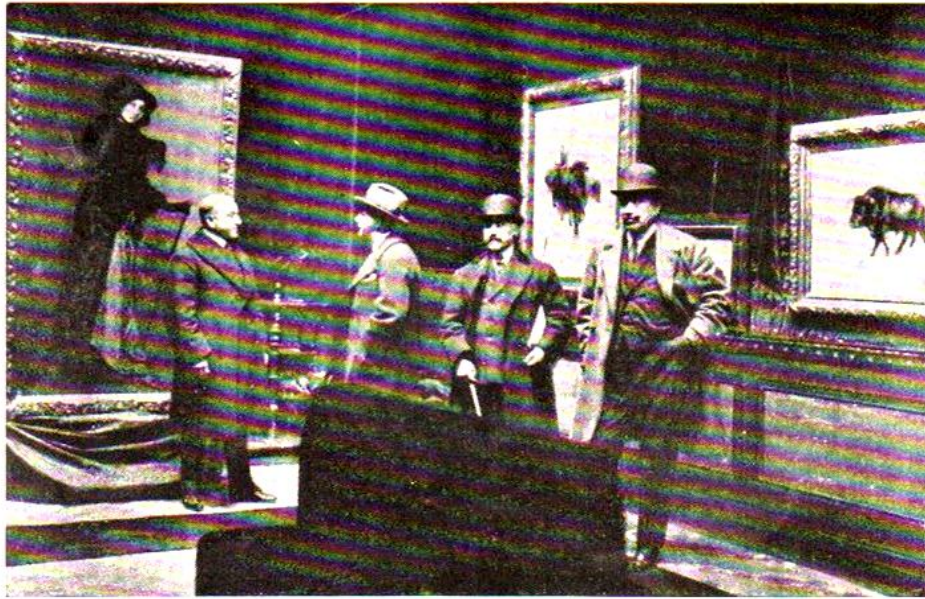
...Esta sua primeira exposição (de Simão da Veiga) de uma dúzia de trabalhos escolhidos, na Bobonne, tem um ar franco, sadio, másculo, que, tratando-se afinal dum quasi amador, que depõe os pincéis por temporadas largas, surpreende pela segurança, pela personalidade, pelo carácter.

“ É na verdade raro o curioso o caso de Simão da Veiga, pintor e cavaleiro, homem de arte e lidador, toureiro e prémio do Salon...surpreende pela segurança, pela facilidade...diferencia, sem ser só pela côr, um cavalo doutro cavalo....peninsular, até em certa falta de luminosidade exuberante, um pouco romântico no sentimentalismo e no entusiasmo, tem, entre outros méritos, o de ser e querer ser português...os seus touros são touros de Portugal... o retrato da Ex.ma Srª D. C.V., esposa do artista, (é) uma das obras a destacar na história do retrato feminino em Portugal...”

O artigo salientava a dupla actividade de Simão da Veiga, enquanto pintor e enquanto cavaleiro tauromáquico, a qual parece gerar o equívoco de que o pintor não tinha formação artística e trabalhava com base no seu instinto estético – *“Como instinto pictural, sem treino porfiado, é dos mais fortes que conheço.” Depois de Anunciação e de Silva Porto, são raros cá os animalistas; se é que os tem havido, além das boas provas de Luciano Freire e dos galináceos de Girão...»*

¹¹² LOPES, M J - Simão da Veiga – trabalho académico, (197-?)

¹¹³ *Ilustração Portuguesa*, II Série, nº 835, de 18/02/1922, fls 151 e 152, comentário de Manuel de Sousa Pinto



Um aspecto da exposição

152

Ilustração 51- Imagem da exposição de 1922, e do grande quadro de D. Constantina Veiga

Ao fazê-lo criava uma aura quase romântica à volta da imagem pública de Simão da Veiga que estava em consonância com a tradição estética da linha de pintores a que o artigo o associava enquanto animalista: o romântico Anunciação e o naturalista Silva Porto.

Nessa exposição, para além da presença do vistoso quadro de sua mulher, o autor apresenta mais dezanove quadros, alguns de grande qualidade, como se pode ver do mesmo relato na imprensa: *Vencido, Fugindo à Trovoada, O Traidor, Condução de Cabrestos, Lavrando no Alqueive, Uma Parada, Buscando Contrato, Alentejana (cabeça), Curiosidade, " O maleta"*, e oito quadros de animais, que a descrição não especifica. Não eram todos produções recentes, pelo menos uma das composições, *Curiosidade*, remontava a 1911 (*....O primeiro, Curiosidade, de 1911, é o menos típico, duas raparigas, uma de encarnado, outra de azul, a espreitarem por uma cortina amarela.....*)¹¹⁴

¹¹⁴ Vide Imagem a pags 41 do presente volume

Apresentamos na íntegra a crítica do comentador a que nos referimos, assaz elogiosa, na cópia de um excerto da *Ilustração Portuguesa*, revista semanal do *Século Ilustrado*, II Série, nº 835, publicada em 18 de Fevereiro de 1922.

SCENAS da vida do campo descritas, vividas, por um lavrador. A lezíria e a charneca, de entre Riba e Alem Tejo, representadas por um criador de gado bravo. O touro e o cavalo ilustrados por quem os sabe farpear e montar.

E', na verdade, raro o curioso caso de Simão da Veiga, pintor e cavaleiro, homem de arte e lidador, toureiro e premio do *Salor*.

Esta sua primeira exposição duma dúzia de trabalhos escolhidos, na Bobone, tem um ar franco, sadio, másculo, que, tratando-se afinal dum quasi amator, que depõe os pinceis por temporadas longas, surpreende pela segurança, pela facilidade, pelo caracter.

Como instinto pictural, sem treino porfiado, é dos mais fortes que conheço.

Depois de Anunciação e de Silva Porto, são raros cá os animalistas; se é que os tem havido, além das boas provas de Luciano Freire e dos galinaceos de Girão.

Simão da Veiga, e já não é de agora, pinta excelentemente os animais; com exactidão, com perfeito conhecimento, com individualidade.

Diferencia, sem ser só pela côr, um cavalo doutro cavalo, e consegue dar-nos, flagrante, a biografia de um touro.

Peninsular—até em certa falta de luminosidade exuberante, um pouco romantico no sentimentalismo e no entusiasmo, tem, entre outros méritos, o de ser e querer ser português.

Os seus touros são touros de Portugal: touros a que se não reconhece o direito de matar e ser mortos em presença da multidão, e que, furiosos de despeito, arras-

151

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

tam a tristeza de nunca poderem sentir, nas hastes emboladas, o calor sangrento de um corpo de inimigo.

Vencido—o boi caprichoso, possante, de raivosa pupila congestionada, que, ávido de liberdade e destrôço, tem de obedecer á choupa dos pampilhos perseguidores, e se viu obrigado a voltar para a pastagem, ferido da apuação, seguido dos campinos exaustos nas facas derreadas—é um quadro marcante, vigorosissimo, cujas dificuldades de realisação saltam á vista.

No *Fugindo á trovoada*, impressionante de natural grandeza, é a manada equina, aglomerada, que o condutor empurra á sua frente para lugar seguro, pretendendo furtá-la á caligem ameaçante que escurece o horizonte azul-negro, sob o qual, com a guia á cabeça, o massiço dos animais tem o nervoso pavor acabrunhado de um bando valquiriano em derrota.

O *Traidor* mostra-nos outro touro ruminando desforras, enquanto, noutras molduras, a mansidão fulva dos cabrestos promete amaciá-lo, á ordem do *Campino* exactissimo.

Como arranjo e interesse, a *Condução de cabrestos* é muito feliz, e ainda as notas mais pequenas do *Lavrando no alqueive* e *Uma Parada*.

Joco—séria, andaluza, a tragédia do

estoqueador desastrado, procurando, *por afición*, rezes bravas para passar de *maleta*, constitue a quixotesca anedota do *Buscando contrato*—um tipo de zarzuela numa paisagem optimamente tratada.

Além de oito quadros de animais e do pobre diabo do *maleta*, ha a cabeça de uma *Alentejana* e dois trabalhos mais antigos, já expostos.

O primeiro, de 1911, *Curiosidade*, é o menos típico: duas raparigas, uma de encarnado, outra de azul, espreitando por uma cortina amarela.

E' o segundo o *Retrato da Ex.^{ma} Sr.^a C. V.*, a esposa do artista: uma das obras a destacar na historia do retrato feminino em Portugal.

Aquela graciosa dama do guarda chuva, que arregaça a banda do casaco negro forrado a roxo, deixando ver uma nesga da comprida saia atejolada e a biqueira do sapato do mesmo tom, ao passo que o sorriso lhe petula entre a gaze esverdeada da touca, é das melhores notas de elegancia feminina e moderna que a arte portuguesa, tão pobre no genero, tem que guardar, com a medalha de bronze que em 1913 o autor conquistou de chofre em Paris.

Na Paris de La Gandara e de Boldini!

MANOEL DE SOUSA PINTO

No ano seguinte, 1923,¹¹⁵ concorre à XXª Exposição Anual da SNBA com quatro trabalhos e em 1926 surge na XXIIIª Exposição Anual da SNBA, onde obteve medalha de 2ª classe com duas obras: *Um Percalce* e *Agonia*¹¹⁶

Em 1927 surge na XXIVª Exposição d'Arte na SNBA¹¹⁷, com os seguintes quadros: *Um festim*, *A Cigarilha (Cigarreira?)*, *Retrato*, *Condução de touros*, *O cavalo (Pólvora)*, e *Retrato*.

O pintor conta 49 anos de idade e indica residir na Avenida da Liberdade, nº 103, 3º em Lisboa¹¹⁸.

Nos anos seguintes de 1928 e 1929, os dois cavaleiros, pai e filho, interrompem a sua actividade tauromáquica¹¹⁹, razão que poderá justificar a intensa produção pictórica de Simão da Veiga nesse par de anos.

Este contexto permite-lhe celebrar com dois encomendadores um contrato de produção de obras por dois anos, que originou a elaboração de cerca de trinta quadros.¹²⁰

Para além disso, expõe no Porto em 1928, uma exposição individual no Salão Nobre do Atheneu Comercial¹²¹ onde exhibe um conjunto de dezasseis obras, seis delas sem preço, supomos que por pertencerem a colecções particulares: *Garrochista*, *Colhida*, *Retrato da Exma Sra D. M. A. da Cunha Menezes*, *Modelito*, *Ao Entardecer*, *O cavalo do Leite*, e dez para venda: *Um precalço*, *Uma trela*, *Paisagem alentejana*, *Campino*, *O Cavalo da água*, *No inverno*, *A boa escola*, *Tristezas*, *A sésta*, *Um cavalo*¹²².

Em 1929, com 51 anos de idade, o pintor expõe em Madrid um retrato de grande qualidade, *Senhora com pomba*, que lhe proporciona a "Comenda de Isabel a

¹¹⁵ LOPES, M J - Simão da Veiga – trabalho académico, (197-?)

¹¹⁶ Idem nota anterior

¹¹⁷ Catálogo da XXIVª Exposição na SNBA, 1927

¹¹⁸ Idem nota anterior

¹¹⁹ Relatos do álbum da Ganaderia de Simão Luiz da Veiga, memórias escritas por Simão da Veiga Júnior

¹²⁰ Ver referência a este assunto no capítulo da biografia do autor, a pags 51

¹²¹ Folheto da "Exposição de Pintura de Simão da Veiga", Atheneu Comercial do Porto, Rua Passos Manuel, 1928

¹²² Folheto da exposição

Católica", concedida pelo rei Afonso XIII de Espanha¹²³. O próprio Simão da Veiga nos confirma este facto num excerto da já referida entrevista que concedeu à revista *Flama* em 1950, dizendo, quando responde à pergunta sobre as distinções mais importantes recebidas como pintor:

“....além da Medalha de Bronze...., Menção Honrosa e 1ª e 2ª medalha nas Belas Artes (SNBA); em Madrid, condecoração dada por Afonso XIII....”



Ilustração 53 - Quadro "Senhora com pomba"

Ainda em 1929, Simão da Veiga expõe cinco quadros na SNBA¹²⁴, havendo alusão à atribuição de uma 1ª medalha¹²⁵. Terão sido estes os quadros expostos: *Disfrutando*, *Amazona*, *Diana caçadora*, *Pobre Mãe*, *Retrato de Mme M.A.*¹²⁶

¹²³ LOPES, M J - Simão da Veiga – trabalho académico, (197-?); entrevista do pintor in Revista Flama, , nº 107, 24 de Março de 1950, 12,13 e 19

¹²⁴ Idem; (TAVARES, C. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX, 1999)

¹²⁵ TAVARES, C. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX, 1999

¹²⁶ LOPES, M J - Simão da Veiga – trabalho académico, (197-?);

Em 1931 terá participado na 28ª Exposição da SNBA¹²⁷, novamente com atribuição de uma 1ª medalha¹²⁸. Estava representado com as seguintes obras: *Retrato de Mlle Ana Virgínia, Fugindo do Senado, O maioral, O Esforço, Bailarina e retrato de Mme Couto*.

No ano seguinte, 1932, apesar de o seu nome ser citado no respectivo catálogo, não há indicação da presença de obras na exposição da SNBA¹²⁹.

Volta a ser mencionado numa mostra da SNBA em 1934¹³⁰, tendo apresentado aí dois quadros: *Um fado* e *Lavoura*.

Decorrerão cinco anos sem apresentação pública de novas obras.

Simão da Veiga reaparece numa mostra da SNBA em 1939, na XXXVIª Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, com a obra *No Ribatejo*, que tem um preço de catálogo elevado se comparado com preços apresentados nas exposições seguintes¹³¹. Veja-se o que a imprensa desse ano, na escrita do comentador José Luiz Ribeiro diz do pintor na Revista *O Século Ilustrado* (nº 68, 1939): "... *O género que Simão cultivava é dos raros, dada a dificuldade na sua execução. É o animalista.*

Nas suas telas transparece um realismo claro, oferecido por múltiplos aspectos da natureza....

A planície verdejante sobre que deslizam cavalos em agitada faina agrícola ou o erguer de um hastado imponente no meio dos salgados, têm a preferência do pincel de Simão da Veiga...embora (S.V) seja medalhado pela apresentação de um trabalho de estúdio, é nos assuntos de ar-livre que o seu nome muitíssimo se tem vulgarizado, numa alevantada afirmação de amor à arte que para êle simboliza uma religião que segue com enternecido culto"

¹²⁷ Idem nota anterior

¹²⁸ In LOPES, M J - Simão da Veiga – trabalho académico, (197-?) há referência a medalhas de 1ª classe nos anos de 1929 e 1930, in TAVARES, C. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX, 1999,84,109, também surge esta afirmação que o pintor nunca recebeu medalha de honra, mas terá recebido medalha de 1ª classe em 1929 na SNBA. O próprio S.V. em entrevista de 1950, dá-nos a entender ter recebido medalha de 1ª classe, não especificando o ano.

¹²⁹ SNBA- XXIX Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Pastel, Desenho, Gravura e Miniatura, 1932

¹³⁰ SNBA- XXXI Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, 1934, pag 60

¹³¹ Exposições de 1940 e 1941, ver mapa de exposições neste trabalho

SIMÃO DA VEIGA

NOTAVEL PINTOR
ANIMALISTA PORTUGUÊS



ESSE rapaz que nos habituámos a venerar os artistas cujos trabalhos a nossa retina fixara e cuja concepção a nossa inteligência alcançara. E pela vida fora o espirito se tem elevado em demorada contemplação, ante as mais variadas modalidades da Arte, significando-lhe sempre a mesma admiração.

Simão da Veiga é daquelas figuras que não se olvidam, tão gigantesca é a sua personalidade, e a atestá-lo está o supremo galardão que lhe foi conferido em 1913, no Salon de Paris, honraria idêntica dispensada apenas a Veloso Salgado, isto no que respeita a pintores nossos compatriotas, entre tantos e categorizados que têm concorrido àquele certamen internacional de Arte.

O genero que Simão cultiva é dos raros, dada a dificuldade da sua execução. E o animalista.

Nas suas telas transparece um realismo claro, oferecido por multiplos aspectos da natureza, que é fonte perene de motivos ricos de verdadeira beleza.

A planície verdejante sobre que deslizam cavalos em agi-



O pintor Simão da Veiga com o seu traje de lavrador-ganadeiro



«No Ribatejo», admirável tela de Simão da Veiga, em exposição no «Salão da Primavera» na Sociedade de Belas Artes

tada faina agricola, ou o erguer dum hastado imponente, no meio dos salgados, têm a preferencia do pincel de Simão, que sabe, como grande artista que é, imprimir um vigor e um colorido de difficilima comparação.

O movimento e a luminosidade que ressaltam das suas telas dão bem a nota da inspiração e sabedoria que caracterizam uma tecnica invulgar.

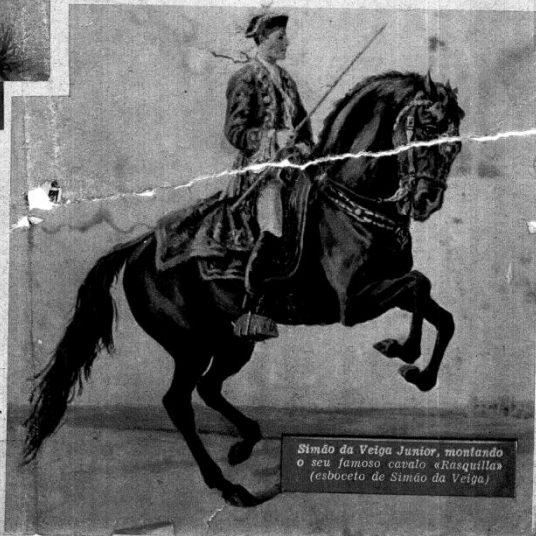
Há pouco, tivemos perante os nossos olhos um esboceto de largas dimensões que afirmam exuberantemente o temperamento artistico de Simão. E o que vimos? Um formidavel desenho a que um colorido eleito pela visão de mestre dava um relêvo enorme.

Constituíam o motivo principal do magnifico trabalho a figura e o garbo do filho do pintor, o famoso cavaleiro Simão da Veiga Junior, que em terras mexicanas está, presentemente, com rasgos de valentia e arte, iluminando o nome portugês que a multidão exalta em memoraveis aclamações. A tela representa Simão, filho, luzindo uma casaca de seda e oiro, irrepreensivel, sobre um cavallo de linhas cle-

gantes que, num galope concentrado, quasi atinge uma curveta de singular efeito estetico que é bem um indicativo de superior escola de equitação.

Embora Simão da Veiga seja medalhado pela apresentação dum trabalho de estudio, é nos assuntos de ar livre que o seu nome autissimo se tem vulgarizado numa alevantada afirmação de amor à arte que para ele simboliza uma religião que segue com enterecido culto.

JOSE LUTZ RIBEIRO



Simão da Veiga Junior, montando o seu famoso cavallo «Rasquillas» (esboceto de Simão da Veiga)

Na década de 1940 retoma a intensa exposição de obras verificada cerca de vinte anos antes:

- Em 1940 apresenta dois quadros na SNBA: *Éguas de manada e Campino*¹³²,
- No ano de 1941 participa em duas exposições:
 - uma na Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 1ª Exposição de Arte Naturalista Portuguesa¹³³, onde exhibe seis quadros da colecção particular de Agostinho Fernandes, todos de pequena dimensão - *Touro, Bois lavrando, Cavalos a lavrar, Cavalos de manadio, Junta de bois, Touro*;
 - outra na SNBA¹³⁴, onde apresenta dois quadros, *Lebre perdida* e *O Regresso*, com preço de catálogo para venda.
- No ano seguinte, 1942, voltará igualmente a apresentar quadros em três mostras:
 - novamente na exposição colectiva da SNBA¹³⁵, onde exhibe um dos seus célebres campinos, que supomos tenha incorporado bastante trabalho de execução, já que o mestre pede por ele 15.000\$00, valor elevado se comparado com outros quadros da sua colecção nessa época;
 - na exposição organizada nesse ano pelo Sindicato dos Profissionais de Imprensa¹³⁶ exhibe o quadro intitulado *Rosita* - para efeitos meramente comparativos, pode acrescentar-se que este último quadro tem um preço de catálogo de 600\$00, bastante abaixo do valor pedido para a obra anterior.
 - e finalmente expõe individualmente uma colecção de 41 obras na SNBA, conforme folheto que se exhibe, pertencente ao espólio de uma das suas netas, Maria Emília.

¹³² Catálogo da XXXVII Exposição de Pintura, Aguarela, Desenho, Pastel, Gouache, Gravura e Escultura, SNBA – 1940

¹³³ Catálogo da 1ª Exposição de Arte Naturalista Portuguesa da SPCN, 1941

¹³⁴ Catálogo da XXXVIIIª Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, 1941

¹³⁵ Catálogo da XXXIXª Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, 1942

¹³⁶ Folheto da Exposição

CATÁLOGO

— DA —

EXPOSIÇÃO DE SIMÃO DA VEIGA

NA S. N. DE BELAS ARTES — 1942

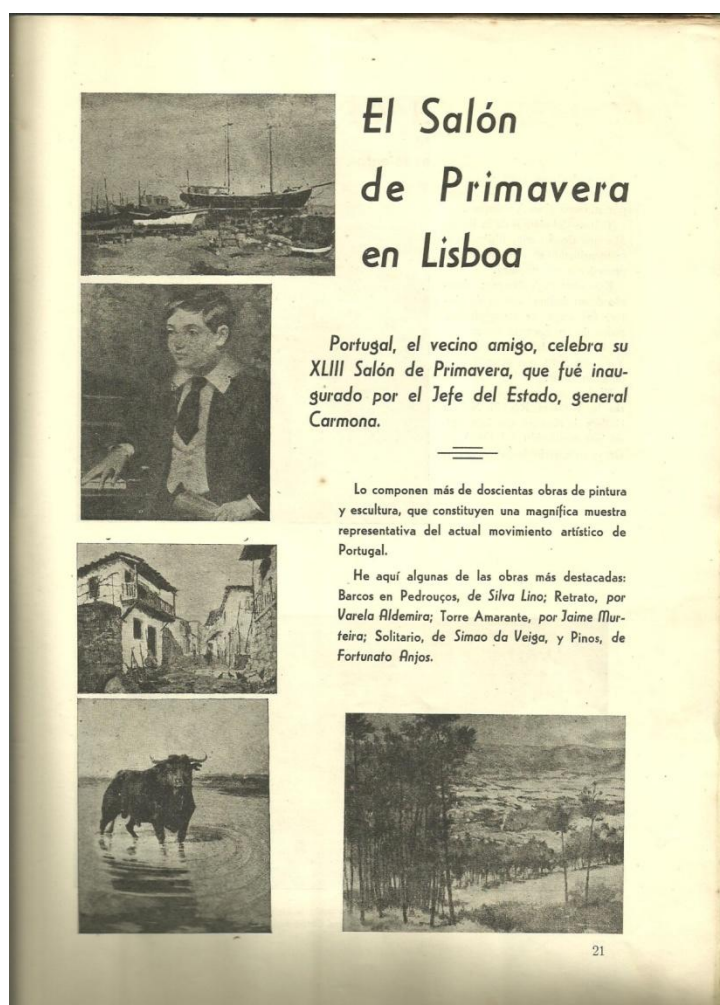
1 — Retrato de minha mãe	
2 — Anathéma	
3 — Colhida... ..	12.000\$00
4 — Vaso entornado	800\$00
5 — Flores sêcas	
6 — Arrependimento	3.500\$00
7 — Na ceifa	
8 — Uma fumada	1.800\$00
9 — Cavalos de manada (na bebida)... ..	1.500\$00
10 — Um descanço... ..	1.800\$00
11 — Touros no montado... ..	2.000\$00
12 — Peiando o cavalo do pai	3.000\$00
13 — Lebre perdida	4.000\$00
14 — Maioral Alentejano	3.000\$00
15 — Em boa camaradagem	
16 — Tirada de cortiça	3.000\$00
17 — Ciganita	1.000\$00
18 — Flôr do pântano	
19 — Retrato de Madame M. de L. Mascarenhas	
20 — Cavalos de manada... ..	1.500\$00
21 — Azinheiras	600\$00
22 — Campino	700\$00
23 — Um sobreiro	400\$00
24 — Ceifeira de Coruche	
25 — Campinito... ..	350\$00
26 — Velha Oliveira	400\$00
27 — Freixos... ..	300\$00
28 — Velhas Azinheiras	350\$00
29 — Inverno... ..	1.200\$00
30 — Sésta	1.200\$00
31 — Ensaio para um retrato... ..	2.500\$00
32 — Depois do combate	1.800\$00
33 — Amigo fiel	
34 — Cavalos à Abóbora... ..	1.800\$00
35 — Fantasia	800\$00
36 — O Almôço do pai... ..	1.500\$00
37 — Oliveiras velhas	1.000\$00
38 — Invernadoiro de touros	1.200\$00
39 — Um touro no infantado	
40 — Saúde	
41 — Fruto proibido... ..	500\$00

- Em Abril de 1943, no Salão da Primavera da SNBA¹³⁷, apresenta dois quadros: *Entardecer*, com um preço de catálogo de 10.000\$00, e *Retrato da Ex^a Sr^a D. M.F.P. de M. S. Portela*, de colecção particular.

- Em Abril de 1945¹³⁸, surge mais uma vez no Salão da Primavera da SNBA, com o quadro *Entrada de Gado Bravo no Curral*, que supomos seja um dos que hoje pertencem à colecção do Museu Nacional Soares dos Reis, no Porto,

- Também encontramos alusão à participação do pintor na XLIII exposição da SNBA de 1946 com o quadro *Solitário*¹³⁹.

-



-

Ilustração 55- Índice de las Letras, supl. da Revista El Bibliófilo, nº 6, Maio de 1946

¹³⁷ Catálogo da XLª Exposição de Pintura e Escultura, 1943

¹³⁸ Catálogo da XLIIª Exposição de Pintura e Escultura, 1945

¹³⁹ In Índice de las Letras, suplemento da revista El Bibliófilo, nº 6, Mayo de 1946, Espanha

- A sua presença era publicitada na imprensa desta forma: *“... Portugal, el vecino amigo, celebra su XLIII Salón de Primavera, que fué inaugurado por el Jefe de estado, general Carmona. La componem más de doiscientas obras de pintura y escultura, que constituyen una magnífica muestra representativa del actual movimiento artístico de Portugal. He aqui algunas de las obras más destacadas: Barcos en Pedrouços, de Silva Lino; retrato por Varela Aldemira; Torre Amarante por Jaime Murteira; Solitário de Simão da Veiga, y Pinos, de Fortunato Anjos.*

Entre as críticas favoráveis que foram surgindo na imprensa da época (1946-47) encontramos uma na capa da revista tauromáquica *Sector 1*, de 1947¹⁴⁰, que descrevia com mérito Simão da Veiga: *“Neste quadro, notável pelo vigor e pela expressão, do insigne mestre Simão Luiz da Veiga, está inteiro, completo, esplendoroso, o ambiente da Lezíria.*

Artista de categoria internacional,veio a ser o nosso primeiro pintor animalista. Os seus cavalos e os seus touros exprimem, no quadro opulento e pitoresco dos campos ribatejanos e alentejanos, todo o encanto e sugestão de uma das artes mais nobres e belas: A lide dos touros! Pintor e toureiro, Simão Luiz da Veiga é sempre um artista que se admira como o intérprete excepcional da Festa Brava”



Ilustração 56- Capa da Revista Sector 1, nº 25-26, II Série, 1/11/1947

¹⁴⁰ Revista Sector 1, nº 25-26, II Série, 1 de Novembro de 1947

- O pintor expõe ainda na SNBA em 1948¹⁴¹, designadamente os quadros *Adormecida* e *Cantadeira*, ambos realizados no ano antecedente, com preço de catálogo.

Já nos anos cinquenta, mais precisamente em 1953, participou na exposição da SNBA¹⁴² com o célebre quadro *A última corrida de touros reais em Salvaterra de Magos*, que foi referido com bastante realce pela crítica nos jornais *República* de 2 de Maio e no *Diário Popular* de 7 de Maio de 1953¹⁴³.

Na 50ª Exposição da SNBA, em 1954, figurou não como artista mas como elemento do júri de selecção das obras, que vem a integrar em representação dos expositores¹⁴⁴.

Expôs na Sociedade pela última vez em 1956, o quadro *Retrato da Exma Srª D. V. da Veiga*¹⁴⁵.

Das obras que o pintor realizou por encomenda, para além dos retratos pedidos por familiares, amigos e conhecidos, na sua maioria retratos de senhoras e crianças, conhecem-se como principais encomendadores o Duque de Palmela (s.d.)¹⁴⁶ e Joaquim A. Paes, seu amigo pessoal¹⁴⁷.

Depois da sua morte, em 1963, foram organizadas algumas mostras ou exposições evocativas. Destas, salienta-se uma vasta exposição no Convento de S. João de Deus em Montemor-o-Novo, organizada pela Câmara Municipal, que decorreu entre 15 e 31 de Maio de 1993, com apresentação de trinta e quatro obras dos mais variados géneros: animais, “*assuntos de figura e dramáticos, da vida do campino e do touro*” (expressão que o próprio pintor utilizou)¹⁴⁸ e ainda dois retratos.

¹⁴¹ Catálogo da XLIVª Exposição de Pintura e Escultura, Salão da Primavera, 1948,

¹⁴² XLIXª Exposição, referida in TAVARES, C. *Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX*, 1999, 364, 399

¹⁴³ Idem nota anterior

¹⁴⁴ Segundo anotações manuais no Catálogo da Lª Exposição da SNBA, 1954, existente na B. Arte da FCG - AHP 2399

¹⁴⁵ Catálogo da LIIª Exposição Anual de Pintura a Óleo e Escultura, SNBA - Salão da Primavera, 1956,

¹⁴⁶ Excertos de cartas trocadas entre o pintor o seu amigo J. Aleixo Paes

¹⁴⁷ Idem nota anterior

¹⁴⁸ Entrevista concedida à Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950

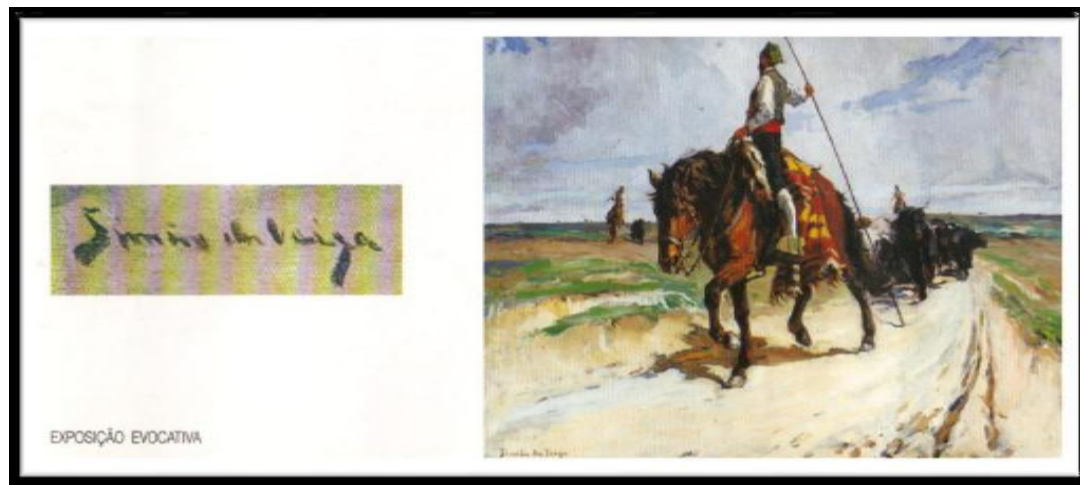


Ilustração 57- Folheto da exposição de Montemor-o-Novo, 1993

CATALOGO:

1. **PUXANDO O ARADO** – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 399
2. **CAMPINO** – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 394
3. **CAMPINO** – Desenho, grafite s/ papel
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 327
4. **TOURO NA CAMPINA** – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 377
5. **TOURO** – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 384
6. **SESTA** (dois muares) – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 318
7. **CAMPINO** – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 315
8. **PAISAGEM COM CABANA** – Óleo s/ tela
Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.
N.º inv. 316
9. **O FILHO DO MAIORAL** – Óleo s/ tela
Museu de José Malhoda, Caldas da Rainha.
N.º inv. 81
10. **COLHIDA** – Óleo s/ tela
Museu de José Malhoda, Caldas da Rainha.
N.º inv. 135
11. **CAMPINO 1924** – Óleo s/ madeira
Casa dos Patudos, Museu José Relvas, Alpiarça.
N.º inv. 84.35
12. **CAMPINO A CAVALO** – Óleo s/ tela
Casa dos Patudos, Museu José Relvas, Alpiarça.
N.º inv. 85.422
13. **ENTARDECER** – Óleo s/ tela
Col. Simão Henrique Ventura Veiga
14. **GALGOS** – Óleo s/ tela
Col. Simão Henrique Ventura Veiga
15. **À TRELA** - Galgos – Óleo s/ tela
Col. Dr. António Vacas de Carvalho
16. **BOIS BARROSÕES** – Óleo s/ tela
Col. Dr. António Vacas de Carvalho
17. **ESTUDO ANATÓMICO** – Óleo s/ tela
Col. Dr. António Vacas de Carvalho
18. **A MANCHA** – Óleo s/ tela
Col. Dr. António Vacas de Carvalho
19. **NATUREZA MORTA** com Pato, Cabrito e Perú
Óleo s/ tela
Col. António José Veiga Teixeira
20. **ESTUDO CAVALO MORTO** – Óleo s/ tela
Col. António José Veiga Teixeira
21. **ESTUDO CABRESTO COM FERRO VEIGA**
Óleo s/ contraplacado
Col. António José Veiga Teixeira
22. **BROCHAR OS BOIS DA TRALHOADA** – Óleo s/ tela
Col. António José Veiga Teixeira
23. **O MOIRAL DOS TOUROS** – Óleo s/ tela
Col. António José Veiga Teixeira
24. **TOIRO SALTANDO A PITEIRA** – Óleo s/ tela
Col. António José Veiga Teixeira
25. **O VENCIDO** – Óleo s/ tela
Col. Luís Miguel da Veiga
26. **RETRATO DE MINHA MULHER** - Galgos – Óleo s/ tela
Col. Luís Miguel da Veiga
27. **O FUGITIVO** – Óleo s/ tela
Col. Simão Henrique da Veiga
28. **CAMPINO** – Óleo s/ madeira
Col. Celestino Frões David
29. **SOBREIRO** – Óleo s/ tela
Col. Filomena Vacas de Carvalho Freixo
30. **CAVALO** – Óleo s/ tela
Col. Filomena Vacas de Carvalho Freixo
31. **CAMPINO APEADO** – Óleo s/ tela
Col. Filomena Vacas de Carvalho Freixo
32. **ESBOCETE DE O PRECALÇO** – Óleo s/ tela
Col. Filomena Vacas de Carvalho Freixo
33. **NATUREZA MORTA** – Óleo s/ tela
Col. João Inácio N. Barata Freixo
34. **CURVO SEMEDO** – Óleo s/ tela
Câmara Municipal de Montemor-o-Novo

Também a 2ª Feira Nacional do Touro, organizada em Santarém em 2004, quis homenagear o Homem e o Toureiro que Simão da Veiga foi, apresentando uma pequena mostra com alguns dos seus quadros.

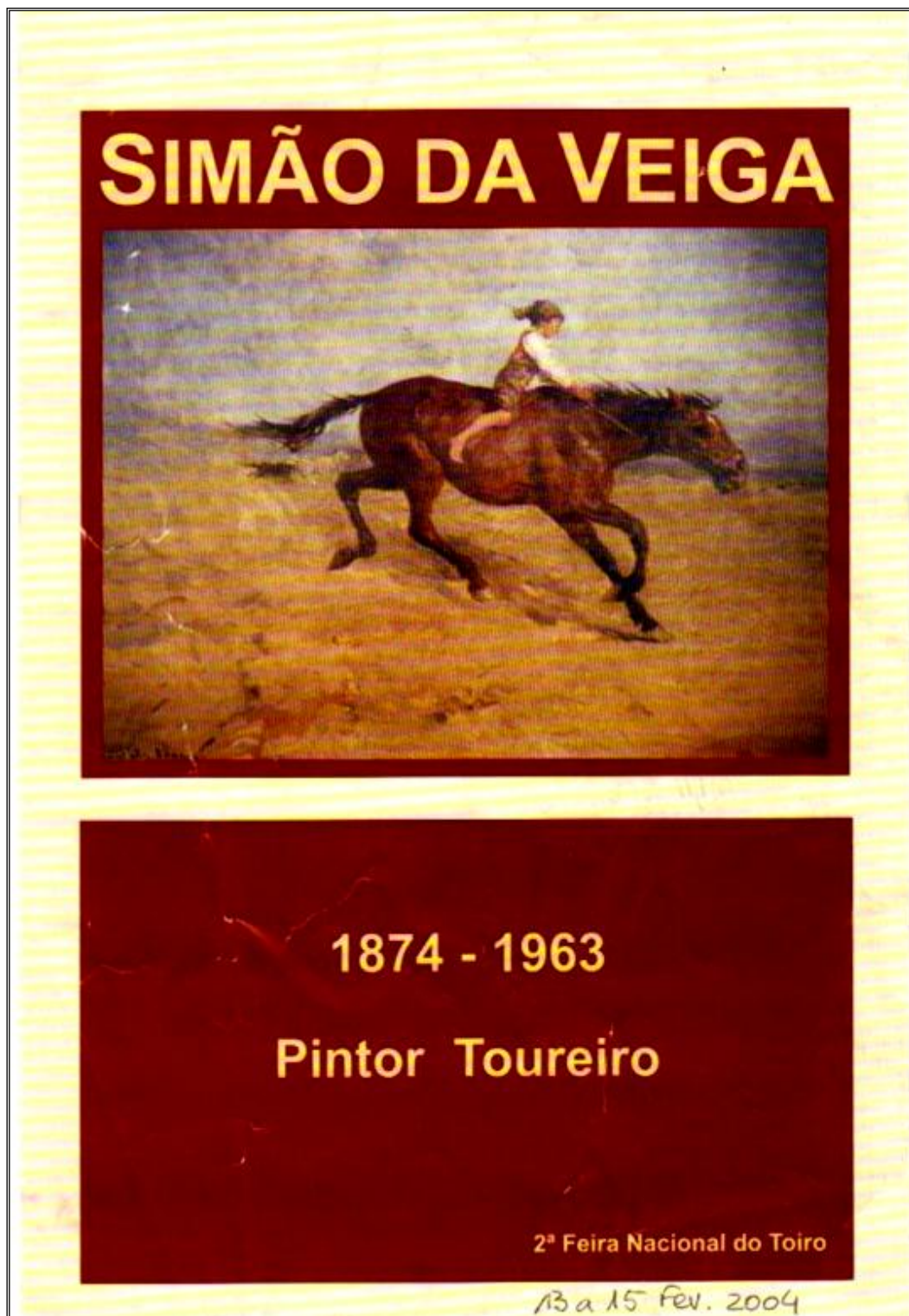


Ilustração 58 - Folheto da Exposição de Santarém em 2004

Exposições de Simão da Veiga na Década de 1910-1920				
Anos	Exposição	Quadros Apresentados	Preço	Dados documentais
1911	9ª Exposição na SNBA	Pastor (Alemtejo) - 0,75 X 1, 38 mts	_____	Catálogo da Exposição na SNBA; recebe Menção Honrosa
		Campino (Estudo) – 0,58 X 0,93 mts	90 \$ 000 réis	
		Arruella – 0,24 X 0,34 mts	35 \$ 000 réis	
		Estrada de Maiorca – 0,39 X 0,30 mts	45 \$ 000 réis	
		Cavallo (Estudo) – 0,25 X 0,20 mts	30 \$ 000 réis	
1913	10ª Exposição na SNBA	Arredores de Madrid – 0,58 X 0,45 mts	40 \$ 000 réis	Catálogo da Exposição na SNBA; recebe medalha de 3ª classe
		Na Praia (impressão) - 0,53 X 0,45 mts	40 \$ 000 réis	
		Portas do Mar (Mértola) - 0,44 X 0,54 mts	40 \$ 000 réis	
		Na Feira de Sevilha - 0,48 X 0,42 mts	45 \$ 000 réis	
		Le Chazeron (Auvergne) - 0,33 X 0,39 mts	35 \$ 000 réis	
		Arredores de Valladolid- 0,50 X 0,45 mts	45 \$ 000 réis	
		Um esboçeto - 0,38 X 0,50 mts	40 \$ 000 réis	
		La Sioul (Auvergne) - 0,25 X 0,20 mts	_____	
		Cabeça (impressão) - 0,50 X 0,40 mts	30 \$ 000 réis	
		Perdida, 1913 - 1,80 X 2,10 mts	_____	
		Retrato de minha Mãe - 1,18 X 1,20 mts	_____	
		Curiosidade - 0,91 X 1,20 mts	300 \$ 000 réis	
		Um modelo de Paris - 1,12 X 1,60 mts	200 \$ 000 réis	
		Flôr do Pântano - 0,66 X 0,57 mts	_____	
	Salon de Paris	2 - Retrato de minha mulher - 1,80 X 1,00 mts -		Revista Ilustração Portuguesa, 1913,nº3, idem 1922,nº 3; recebe Medalha de Bronze
1914	11ª Exposição na SNBA	Retrato de minha mulher	_____	Catálogo da SNBA - XIª Exposição Annual – 1914; recebe Medalha de 3ª classe
		Matilheiro, 1914	800\$00	
		Triste Caminhar	1.000\$00	
		Lavadeiras	30\$00	
		Casas	40\$00	
		Orphã	80\$00	
		Alemtejana	80\$00	
		Uma vara à tira (impressão)	50\$00	
		Serras de Espanha	30\$00	
		Pose	150\$00	
		Cavallo no campo	40\$00	
		Uma "jaca"	70\$00	
		Apreensões	150\$00	
		Uma cabeça	100\$00	
1916	13ª Exposição na SNBA	Cabresto	500\$00	Catál. da Exposição na SNBA - FCG cota AHP 5841
		Campino	100\$00	
1917	14ª Exposição na SNBA	A' Cabeça do Gado, 1917	1.000\$00	Catálogo da Exp. na SNBA
1919	16ª Exposição na SNBA	Na Gradagem	-	LOPES, M.J- trabalho académico, (197-?)

Exposições de Simão da Veiga na Década de 1920-1930				
Anos	Exposição	Quadros Apresentados	Preço	Dados documentais
1922	1ª Expos. Individual no Salão Bobonne em Lisboa	Retrato de minha Mulher (medalha de bronze em Paris, Salon, 1913)		Folheto da Exposição; Revista Ilustração Portuguesa, 1913,nº3, idem 1922,nº 3
		Vencido, 90 X 70 cms		
		Fugindo à Trovoada		
		O Traidor		
		Condução de Cabrestos		
		Lavrando no Alqueive		
		Uma Parada		
		Buscando Contrato		
		Alentejana(cabeça)		
		Curiosidade, 1,12x1,66 cms		
		8 quadros de animais, não especificados		
		O quadro do "maleta"		
1923	20ª Exposição Anual da SNBA	Rapariga Alentejana		LOPES, M.J- trabalho académico, (197-?)
		Cavalo de combate		
		Lavrando		
		Depois de um combate		
1926	23ª Exposição Anual da SNBA	Um percance (percalço?)		LOPES, M.J- trabalho académico, (197-?); recebe Medalha de 2ª classe
		Agonia		
1927	24ª Exposição - Exposição d'Arte na SNBA - MCMXXVII	Um festim		Catál. da Exposição na SNBA
		A Cigarilha		
		Retrato		
		Condução de touros		
		O cavalo (pólvora)		
		Retrato		
1928	Exposição Individual no Porto	Um precalço	20.000\$00	Folheto da Exposição de Pintura de Simão da Veiga no Salão Nobre do Atheneu Comercial, 1928
		Garrochista	—	
		Uma trela	15.000\$00	
		Colhida	—————	
		Retrato da Exma Sra D. M. A. da Cunha Menezes	—————	
		Modelito	—————	
		Paisagem Alentejana	2.000\$00	
		Campino	3.000\$00	
		O cavalo da água	3.000\$00	
		Ao entardecer	—————	
		No Inverno	4.000\$00	
		A boa escola	3.000\$00	
		O cavalo do leite	—————	
		Tristezas	4.000\$00	
		A sésta	3.000\$00	
Um cavalo	800\$00			
1929	26ª Exposição na SNBA	Disfrutando		LOPES, M.J.; TAVARES, C. - recebe medalha 1ª classe da SNBA
		Amazona		
		Diana caçadora		
		Pobre mãe		
		Retrato de Mme M.A.		

1929	Expõe em Madrid	Senhora com pomba		Recebe do rei Afonso XIII a "Comenda de Isabel a Católica"
1930	27ª Exposição na SNBA	Recarga		LOPES, M.J. - recebe medalha 1ª classe da SNBA
		Retrato da ilustre poetisa A.O.		
		Retrato de Mme O		
		Retrato do Exmo Sr Dr Ary dos Santos		
		Romanza		
		Duas amigas		
		Bom animal		

Exposições de Simão da Veiga na Década de 1930-1940				
Anos	Exposição	Quadros Apresentados	Preço	Dados documentais
1931	28ª Exposição na SNBA	Retrato de Mlle Ana Virgínia		LOPES, Mª José Veiga dos Santos, trabalho académico de investigação sobre Simão da Veiga (197-?); recebe medalha 1ª classe da SNBA
		Fugindo do Senado		
		O maioral		
		O Esforço		
		Bailarina		
		Retrato de Mme Couto		
1934	31ª Exposição na SNBA	1 - Um Fado	_____	Catálogo da SNBA- XXXI Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, 1934, pag 60
		2 - Lavoura	_____	
1939	36ª Exposição na SNBA	1 - No Ribatejo	10.000\$00	Catálogo da SNBA- XXXVI Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, 1939

Exposições de Simão da Veiga nas Décadas de 1940 e 1950				
Anos	Exposição	Quadros Apresentados	Preço	Dados documentais
1940	37ª Exposição na SNBA	Éguas de Manada	3.000\$00	Catálogo da SNBA- XXXVII Exposição de Pintura, Aguarela, Desenho, Pastel, Gouache, Gravura e Escultura, 1940
		Campino	3.000\$00	
1941	I Exposição de Arte Naturalista Portuguesa - Soc. Portuguesa de Ciências Naturais	Touro - 0,36 X 0,31 mts		Catálogo da I Exposição de Arte Naturalista Portuguesa na SNBA - Soc. Portuguesa de Ciências Naturais - 6 a 15 de Junho de 1941 (FCGulb.)
		Bois Lavrando - 0,34 X 0,22 mts		
		Cavalos a Lavrar - 0,32 X 0,401 mts		
		Cavalos de Manadio - 0,28 X 0,19 mts		
		Junta de Bois - 0,415 X 0,32 mts		
	Touro - 0,26 X 0,158 mts			
38ª Exposição na SNBA		Lebre Perdida	3.500\$00	Catálogo da SNBA- XXXVIII Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, 1941
		O Regresso	2.500\$00	
1942	39ª Exposição na SNBA	1 - Campino	15.000\$00	Cat. SNBA- XXXIX Exposição de Pintura, Desenho, Gravura e Escultura, 1942
	Exposição Sindicato profissionais de imprensa	1 - Rosita	600\$00	Folheto da Exposição
	Exposição Individual na SNBA	41 quadros – ver descrição na pag 76	Ver preços na pag 76	Catálogo da Exposição na SNBA
1943	40ª Exposição na SNBA	1- Entardecer		Catálogo SNBA- Salão da Primavera, Abril de 1943, XL Exposição de Pintura e Escultura
		2 - Retrato da Exª Srª D. M.F.P. de M. S. Portela	10.000\$00	
1945	42ª Exp SNBA	1- Entrada de Gado Bravo no Curral	10.000\$00	Cat. SNBA- Salão da Primavera, Abril de 1945, XLII Exposição de Pintura e Escultura
1946	43ª Exp SNBA	1 - Solitário (Touro)		Cat. SNBA- Salão da Primavera, 1946, XLIII Exposição
1948	44ª Exposição na SNBA	1- Adormecida, 1947	12.000\$00	Cat. SNBA- Salão da Primavera, 1948, XLIV Exposição de Pintura e Escultura
		2 - Cantadeira, 1947	18.000\$00	
1953	49ª Exposição na SNBA	A Última corrida de touros em Salvaterra de Magos, 1951	150.000\$00	TAVARES, Cristina de Azevedo, Naturalismoe a SNBA, Vol I, 57 a 76
1954	50ª Exposição na SNBA	não expôs, mas integrou o júri em representação dos expositores (anotações manuais no Cat. Exp. Existente na FCG, cota AHP 2399)	Catálogo da Exp.	Cat. da 50ª exp anual Pintura a óleo e escultura - SNBA
1956	52ª Exposição na SNBA	1- Retrato da Exma Srª D. V. de V.	_____	SNBA- Salão da Primavera, 1956, LII Exposição Anual de Pintura a Óleo e Escultura

CAPÍTULO 3 – A OBRA



Ilustração 59 - Ceifeira, leilão nº227 P C V, 14 /12/2009, óleo s. tela, 1,00 X 0,80 mts

3.1 – ENQUADRAMENTO DO PINTOR NA ARTE DA SUA EPOCA

Nascido em 1878, Simão da Veiga conhece uma pintura romântica de temas religiosos, históricos, de costumes populares, de paisagem e retrato. Os nomes mais referidos do romantismo e da representação histórica da época encontram-se ligados por uma forma comum de representação verista, de inspiração romântica, associada também à Sociedade Promotora das Belas Artes (1861-1899): Francisco Metrass (1825-1861) na representação histórica, Visconde de Meneses (1817-1878) no retrato, Cristino da Silva (1829-1877) e Alfredo Keil (1854-1907) na paisagem, Tomasini (1823-1902) nas marinhas, ou Manuel Bordalo Pinheiro (1815-1880) nos costumes populares.¹⁴⁹

Nesse ano do nascimento de Simão da Veiga e no anterior, a arte romântica perdeu sucessivamente Cristino da Silva e Francisco de Menezes, precisamente quando a escola naturalista ensaia os primeiros passos em Portugal. Tinham-se visto os primeiros trabalhos naturalistas por volta dos anos 70 do séc XIX nas obras de um grupo de pintores portugueses que se deslocaram a França para frequentar os meios artísticos e receber formação.¹⁵⁰ Trouxeram para Portugal as novas tendências na pintura, que já se faziam apresentar há alguns anos nos salões de exposições da Europa. Entre esses pintores destacam-se muito especialmente Silva Porto (1850-1893) e Marques de Oliveira (1853-1927), fundadores do designado Grupo do Leão.

Fundado em 1881, o Grupo do Leão congregou pintores naturalistas e arquivistas, considerados na época como modernos. Nos seus encontros, verdadeiras tertúlias de artes e letras, participaram também intelectuais e escritores como Ramalho Ortigão, Bulhão Pato, Abel Botelho, Monteiro Ramalho e Alberto Oliveira, para além de artistas plásticos mais novos como José Malhoa (1855-1933), António Ramalho (1859-1916), João Vaz (1859-1931), Moura Girão (1840-1916) e Ribeiro Cristino (1858-1948). A estes juntar-se-iam Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), essencialmente centrado no retrato e temas urbanos, e Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905). Silva Porto foi o presidente do grupo, que reunia habitualmente na cervejaria Leão de Ouro, que lhe deu o nome¹⁵¹.

¹⁴⁹ TAVARES,C., Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX e a SNBA, Vol I, 16,17.]

¹⁵⁰ Sobre a frequência de ateliers em França pelos bolseiros portugueses, ver SILVA; R.H , História da Arte, Circ. De Leitores

¹⁵¹ – TAVARES,C, , Vol I, 20; FRANÇA, J A, Arte em Portugal no séc. XIX, vol.II, 23a 27

A criação do Grupo do Leão, juntamente com a fundação posterior do Grémio Artístico (1891) vieram abalar os alicerces daquela que havia sido até aí, em Portugal, a instituição oficial da promoção das artes plásticas e da estética naturalista por extensão, a Sociedade Promotora das Belas Artes, criada em 1861 e que durará até 1899. Congregou artistas e escritores de tendência romântica e naturalista, alguns dos quais bolseiros em Itália e posteriormente em França. Ligados a ela surgem-nos nomes como Thomaz da Anunciação, João Cristino, o Visconde de Meneses, Luis Tomasini, D. Francisco de Melo, Rebelo da Silva, Andrade Corvo e outros. Tendo realizado na década de 1880 apenas duas exposições de arte (1884 e 1887), acaba por extinguir-se no início dos anos 90 e ser substituída pela Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA).

As exposições da Sociedade Promotora das Belas-Artes, bastião romântico, e do Grémio Artístico foram um instrumento privilegiado da consagração e preservação da estética naturalista, sendo ali frequente a presença dos mais insignes representantes do Naturalismo, citando-se, entre muitos outros:¹⁵²Silva Porto (1850-1893), Marques de Oliveira (1853-1927), João Vaz (1859-1931), Sousa Pinto (1856-1939), e José Malhoa (1855-1933). Não esquecendo Veloso Salgado¹⁵³, lembramos a presença um pouco paralela a estes nomes de referência, de um dos pintores considerados mais marcantes da pintura portuguesa da primeira geração de naturalistas, Henrique Pousão (1859-1884) que se afasta um pouco da pintura dos seus contemporâneos. A sua obra, muito inovadora, é talvez a única desta geração de artistas que reflecte a influência directa dos pintores impressionistas.¹⁵⁴

As obras naturalistas inserem-se no gosto nacional de representação da pintura de temática de género, retratando as diversas actividades das gentes nacionais, muito ao gosto da sociedade urbana de então¹⁵⁵. São temas predominantes as paisagens rurais e marinhas, cenas bucólicas, cenas de costumes rurais (especialmente em Malhoa),

¹⁵² França, J.A. – A Arte em Portugal no séc IX, 2º vol

¹⁵³ Veloso Salgado (1864-1945) distinguiu-se sobretudo como retratista e pintor histórico

¹⁵⁴ Henrique Pousão morreu jovem, mas deixou um legado importante na pintura da sua época. Foi bolseiro em Paris com Sousa Pinto, mas, mudando-se para Itália por questões de saúde, vai enveredar por outros padrões na arte, pintando casas, ruas, pessoas, os lugares por onde passa. Revela tendências impressionistas na sua pintura – FRANÇA, José Augusto, A Arte em Portugal no séc XIX, II volume, 491

Sendo raros na pintura portuguesa os artistas com tendências claramente impressionistas, ainda encontramos Emmerico Nunes, que expõe na SNBA nas décadas de 1920 e 30, e Túlio Vitorino, que expõe na SNBA nas décadas de 1930 e 40.

¹⁵⁵ TAVARES,C., Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX e a SNBA, Vol I

ambientes urbanos e, ainda, cenas da vida urbana burguesa e o retrato¹⁵⁶. Representam-se por vezes actividades artesanais há muito desaparecidas em consequência da crescente industrialização da actividade agrícola.

É neste quadro de referências naturalistas na pintura nacional que nos surge Simão da Veiga no início da sua carreira de pintor na primeira década do século XX¹⁵⁷, explicando-se assim a sua presença constante nas mostras da SNBA.

Sendo por excelência um animalista, muito embora tenha efectuado retrato e tenha pintado inúmeras telas com cenas da vida humana - *assuntos de figura* como o próprio as descreveu¹⁵⁸ -, enquadra-se com perfeição no estilo dos “grandes mestres”, como ficaram conhecidos os pintores da primeira geração de naturalistas¹⁵⁹.

Foi próximo de José Malhoa, de quem seguiu as pisadas na arte, muito embora o mestre se revelasse quase integralmente um pintor de costumes, retratista da vida popular. Com ele sabemos que Simão da Veiga aprendeu e se inspirou, como verificámos em capítulos anteriores¹⁶⁰. Talvez por ser um pintor de expressão popular, Malhoa será sempre acarinhado pelo público e pela crítica, e na expressão de muitos dos seus discípulos.

Simão da Veiga irá retratar igualmente a vida no campo e as suas gentes, não na recordação de festas e romarias, cenas humanas mais pitorescas ou vida de família, como Malhoa, mas imortalizará as pessoas no seu labor quotidiano. Especializar-se-á sobretudo na representação campestre dos campinos, dos touros e cavalos de toureio, nos seus dramas e sucessos.¹⁶¹

¹⁵⁶ Columbano destacou-se neste género de pintura- TAVARES,C., Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX e a SNBA, Vol I

¹⁵⁷ Enquanto em Portugal está perfeitamente implantada a expressão naturalista na pintura, surgem na Europa os primeiros sinais artísticos do cubismo analítico e o manifesto futurista – FRANÇA, José Augusto, A Arte em Portugal no séc XIX, II volume, 491

¹⁵⁸ entrevista relatada na Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950 , p. 19

¹⁵⁹ Silva Porto, Marques de Oliveira, Pousão, Sousa Pinto, Artur Loureiro, os membros do designado Grupo do Leão (ver cap. Sobre a biografia de S.V. notas).

¹⁶⁰ Capítulo 2 – Biografia e formação artística

¹⁶¹ Em determinada altura da sua vida artística como pintor, sobretudo a partir de 1916, Simão da Veiga afasta-se do género de pintura de Malhoa e centra-se mais nos temas que envolvem campinos - ver mapas das exposições por anos

Vimos na crítica de revistas e jornais da sua época e depois dela, artigos descritivos da sua forma de arte e alguns bastante elogiosos¹⁶², que foram sendo minuciosamente transcritos ao longo dos capítulos anteriores¹⁶³

Como o mestre e como quase todos os pintores da sua época, também fará retrato e será bastante apreciado por isso ¹⁶⁴ Alguns dos seus retratos revelam momentos de descontração (*Augustine*, 1911?, *Busto de Senhora*, Paris, 1911, *Figura Feminina fumando*, 1913? e *Senhora no parque*, 1913?, o *Fado*, 1913 a *Cigarreira*,1928-29, *Cantadeira*, *Triste fado*, *Mulher com guitarra*), outros revelam momentos mais sérios ou mesmo dramáticos.

Vejamos alguns dos retratos de Simão da Veiga:



Ilustração 60 - S/nome (no campo)



Ilustração 61 - Triste fado (s.d.)

¹⁶² Ilustração Portuguesa, 1913, nº 3 ; Diário de Lisboa, 1916, após o Salão de Primavera; Ilustração Portuguesa, 1922, nº 3; Século Ilustrado nº 68, 1939; Índice de las Letras, suplemento da Revista El Bibliófilo, nº 6, Mayo de 1946, Espanha; Revista Sector 1, nº 25-26, II Série, 1 de Nov 1947; Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950; Folheto editado da conferência do crítico Saraiva de Lima, proferida em 1 de Julho de 1951 em Bordéus, sobre Touros em Portugal, etc.

¹⁶³ Ver sobretudo capítulo 2.4- percurso profissional do pintor

¹⁶⁴ Tavares,C, Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX e a SNBA, Vol I, 90



Ilustração 62- Retrato de menina (s.d.)

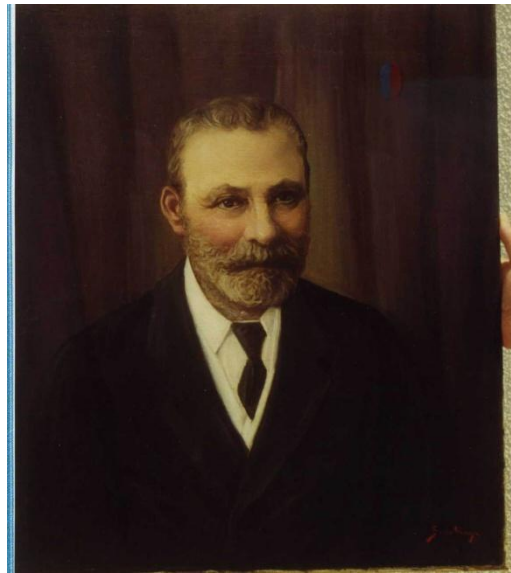


Ilustração 63- retrato de homem (s.d.)



Ilustração 64 - Retrato de senhora (s.d.)



Ilustração 65 - Retrato de Senhora (s.d.)

Expôs sobretudo na Sociedade Nacional de Belas Artes, frequentada sobretudo pelos pintores naturalistas, mas expõe igualmente em paralelo com artistas das novas gerações, como se poderá ver dos registos de exposições que nos ficaram em arquivo

no espólio documental da SNBA¹⁶⁵ e nos catálogos das exposições da Sociedade entre os anos de 1911 e 1956¹⁶⁶.

A SNBA, criada em 1901, resultante da fusão do Grémio Artístico, que durara nove anos, com a Sociedade Promotora das Belas Artes, será durante muitos anos o único local de referência para a realização de exposições de arte.

As suas exposições apresentaram com maior frequência pintura naturalista e tardo-naturalista, tendo sido manifestada alguma dificuldade na introdução de arte designada como moderna nos Salões.¹⁶⁷

Em lista anexa recordamos, por décadas, alguns dos artistas que integraram as exposições da SNBA onde Simão da Veiga participou com obras suas e que foram seus contemporâneos nessas apresentações (Vol. II, pags. 8 a 15).

Deste conjunto de artistas predominam nas primeiras décadas de exposições nas quais Simão da Veiga participou, artistas mais conservadores, tal como ele próprio, (exposições da SNBA em 21 Salões de arte de 1911 a 1945 e ainda nos anos de 1947, 1949 e 1956¹⁶⁸), representantes ainda de um naturalismo bem enraizado no gosto português de então, para os quais a SNBA, e muito especialmente para estes, reabria anualmente as suas portas nos sucessivos Salões¹⁶⁹: Maria de Lourdes Melo e Castro (entre 1927 e 1957), Albino Armando (entre 1945 e 1950), Beatriz Lacerda (em 1937 e 1942), Condessa do Alto Mearim (Emília dos Santos Roque) entre 1903 e 1923, Emília Adelaide dos Santos Braga (entre 1901 e 1915 e mais tarde em 1929, 1942 e 1943) Filipe Guilherme (em 1918), Josefina Toste (em 1943, 1944 e 1955), Laura Sauvinet Bandeira (de 1902 a 1906 e mais tarde em 1911), Viscondessa de Sistello, (de 1901 a 1906 e ainda em 1909, 1910, 1916, 1917 e 1922) e Zoé Batalha Reis (de 1901 a 1930), entre outros.

As pressões para a introdução de uma pintura mais moderna iam-se fazendo sentir e as décadas de 1930 e 1940 já nos mostram a presença nas exposições de alguns

¹⁶⁵ Tavares, C., Vol II, 57 a 75]

¹⁶⁶ Catálogos das IX^a à LII^a Exposições de Pintura na SNBA

¹⁶⁷ Tavares, C. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX, 1999, 101,113, 117

¹⁶⁸ Ver capítulo sobre o percurso profissional do autor, neste trabalho

¹⁶⁹ Idem nota 19

pintores modernistas: Alípio Correia Brandão, Frederico George, Alberto Guimarães, Beatriz Pais, Luciano dos Santos, Júlio Santos, Francisco Maia, etc.¹⁷⁰

Pese embora a constatação de que a evolução do estilo naturalista em Portugal se fez um pouco tardiamente em relação a outros países da Europa, nomeadamente França, não há dúvida de que teve no País forte implantação e grande difusão entre os diversos meios artísticos e intelectuais, encontrando meio favorável: seguidores, uma crítica e um público verdadeiramente fiéis que o apoiarão e farão perdurar na pintura nacional muito para além da sua duração fora das nossas fronteiras, mesmo em existência paralela com outros estilos de pintura que no princípio do século XX eram considerados aqui como vanguardistas¹⁷¹.

Entre nós, “(...) o (apreço) por um Portugal gostosamente rústico e provinciano, motivou os pintores a inclinarem-se mais para uma pintura de género, em que a natureza funcionou como cenário que acolhe diversos acontecimentos, ou então interpretada como paisagem pitoresca....)”¹⁷²

Outras correntes e expressões artísticas em Portugal como o primeiro Modernismo (Cubismo, Abstraccionismo e Futurismo Italiano), o Neo-realismo, Expressionismo e o Surrealismo tiveram seguidores, mas o grupo de pintores naturalistas, entre os quais se inclui Simão da Veiga, não se deixou influenciar por elas¹⁷³

Simão da Veiga, sempre fiel aos mesmos valores conservadores, jamais alterou o seu estilo muito próprio em toda a dimensão da sua obra, sempre constante na expressão naturalista, seja na representação da figura humana, como retratista ou pintor de costumes, seja como animalista ou ainda como paisagista, facto a que não serão alheios o ambiente em que viveu e o seu modo de vida.

O surgimento e evolução das correntes mais modernas não envolveu sequer o pintor nas polémicas mais conhecidas da SNBA, como a ocorrida em 1921, com a *Questão dos*

¹⁷⁰ TAVARES, C., Vol II, 57 a 75]

¹⁷¹ Lembramos a resistência que as sucessivas Direcções da SNBA ofereceram ao surgimento dos novos pintores de outras tendências distintas do clássico naturalismo, expressivamente manifestadas na “Questão dos Novos” que dividiu os sócios em 1921, e recusou a aceitação dos estilos modernistas nas exposições, originando o seu afastamento que viria a culminar num abandono das exposições da SNBA desde 1931 a 1945. Ainda assim, até 1945 encontramos alguns modernistas a expor nos Salões da Sociedade; Começam a surgir exposições de arte moderna durante os anos 30 e 40 de iniciativa do SPN, Serviço de Propaganda Nacional, mais tarde de responsabilidade do SNI, Serviço Nacional de Informação que realizarão 14 exposições entre os anos de 1935 e 1966. [TAVARES, c., voll I]

¹⁷² (TAVARES, C. Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX e a SNBA, Vol,I 38)

¹⁷³ FRANÇA, J.A. – A Arte em Portugal no séc. IX- 2ª vol

Novos que impediu a mudança de valores na Sociedade, ou em 1939 e 1940 com as posições de Ressano Garcia em prol do conservadorismo, ou ainda em 1952 com questões políticas que levaram ao encerramento temporário da Sociedade¹⁷⁴.

Nestes anos, Simão da Veiga não alterou o seu estilo de pintura, que se apresenta coerente ao longo de cinco décadas de produção artística (1911-1960), tal como outros pintores se revelaram coerentes com o já designado tardo naturalismo: Varela Aldemira, José Campas, Carlos Reis, Silva Lino, Severo Portela, António Saúde e tantos outros¹⁷⁵.

Diremos que outros factores, que não apenas as inclinações dos principais encomendadores e o gosto do público, terão sido responsáveis em Portugal pela extensão do Naturalismo no tempo, nomeadamente alguns factores de natureza promocional onde intervém a crítica, muitas vezes favorável à tendência conservadora na pintura¹⁷⁶, para além das tendências manifestadas pelos organizadores das exposições no único local de referência na capital, a SNBA. As direcções da SNBA foram quase sempre de tendência conservadora e a iniciativa da realização de exposições de arte moderna pelo SPN e pelo SNI (com António Ferro)¹⁷⁷, não foram suficientes para relançar as novas tendências¹⁷⁸.

Alguns dos pintores optam por expor sob outra organização até à progressiva aceitação das novas formas de pintura na SNBA, já na década de 50, como sucedeu na Exposição dos Independentes de Lisboa de 1945, a 1ª Exposição Surrealista (e única), patrocinada pelo "Grupo de Lisboa" e realizada em 1949, a exposição da casa Jalco de 1952 (Azevedo – Lemos - Vespeira), ou até o 1º (e único) Salão de Arte Abstracta que se realiza em 1953 na *Galeria de Março* de José Augusto França.¹⁷⁹

¹⁷⁴ Tavares, C., Vol I

¹⁷⁵ Idem

¹⁷⁶ Entre outras publicações conservadoras, *O Diário da Manhã*, afecto ao regime do Estado Novo é, nas suas edições, fortemente crítico da pintura moderna- Tavares, C., Vol I, 102,103, 275

¹⁷⁷ O Secretariado de Prpaganda Nacional (SPN) foi criado em 1933 pelo governo de Salazar, tendo-lhe sucedido o Secretariado Nacional de Informação (SNI) em 1945. O SPN desempenhou um papel activo na difusão do ideário nacionalista e na padronização das artes e da cultura durante o Estado Novo, secundado por vezes com a actuação da censura. Foi dirigido por António Ferro, jornalista, publicista e escritor, que quis criar a imagem de proporcionar, com as exposições que organizou, um novo lugar para as mostras de arte onde coubessem os artistas mais modernos. A criação do SPN significará o fim do ciclo naturalista e a introdução do modernismo, mas dentro de uma poderosa afirmação nacionalista e trazendo uma forte marca do expressionismo. Tavares, C., Vol I, cap. 3

¹⁷⁸ Tavares, C., Vol I, idem

¹⁷⁹ Idem

Mas Simão da Veiga, frisamos, seguiu sempre o seu estilo naturalista, misto de atelier e ar livre. Os seus modelos são frequentemente repetidos desde 1911 a 1956, e são bem conhecidos do público¹⁸⁰, ele que expôs sobretudo na SNBA.

Simão apenas nos surpreende no seu estilo habitual exactamente nestes referidos anos 50, já no final da carreira artística, quando nos mostra uma variação de género, mas nunca de estilo, naquele que foi considerado o seu único quadro de inspiração histórica, ainda mais conservador que os outros, e o maior em tamanho, *A Última Corrida de Touros Reais em Salvaterra* (2,45 X 3,30 mts), 1950.

A cena descrita (relatada no conto homónimo do séc. XIX, de Rebelo da Silva) da morte sangrenta do 7º Conde de Arcos, na praça com o touro em pontas¹⁸¹, o público assustado em clamor, o Marquês de Marialva expondo a vida para vingar a morte do filho, é de uma enorme expressividade que, como atrás se referiu, atraiu o público e a crítica quando apresentado¹⁸². Exposto na SNBA, na XLIXª Exposição, no Salão da Primavera de 1953, o quadro apresentará o valor mais elevado para venda, 150.000\$00. Sobre este quadro assim se escreveu:

(...) Trata-se de uma pintura carismática, concebida cenograficamente, (...), de cariz documental, que retoma este tema (histórico) que havia sido tratado no romantismo num conto famoso de Rebelo da Silva; e adiante (...) também neste salão (Exposição de 1953 na SNBA) havia um chamariz: o grande quadro de Simão da Veiga intitulado – A Última Corrida de Touros Reais em Salvaterra, que aparecia várias vezes reproduzido nos jornais, rodeado pelo público. Considerado para uns como um quadro bem sucedido, outros ousavam considerá-lo um quadro menos feliz [In República, 2/5/1953, e Diário Popular 7/5/1953, mas é este quadro de um antigo discípulo de Malhoa que atrai a crítica e o público¹⁸³.

¹⁸⁰ Ver capítulo do percurso profissional

¹⁸¹ Cena que a historiografia moderna e a mais recente investigação histórica descrita em conferências apontam como sendo absolutamente romanceada e totalmente fictícia

¹⁸² Tavares, C., Vol I, 364, 399

¹⁸³ (Tavares, C., Vol, I, 365 e 399)

3.2 – BREVE CARACTERIZAÇÃO FORMAL E COMPOSITIVA DA OBRA DE SIMÃO DA VEIGA

Criado entre a capital e o campo, ora na lezíria Ribatejana ora nos campos do Alentejo, Simão da Veiga cresceu, viveu e concluiu a sua vida a pintar com um naturalismo puro e ar-livrista. Pintou modelos vivos, com a luz que os iluminou, nas várias horas do dia. As cenas rurais que presenciou, utilizando as referências do mundo em que estava integrado, encheram a sua visão e pintou-as, colocando nelas:

- Campinos, touros e cavalos – na interligação de vidas, espaços e movimentos decorrentes do maneio do campo e da vivência da arte do toureio a cavalo,
- Cães, cavalos, lebres, coelhos, perdizes e outras aves – na recriação dos movimentos e das acções que correspondem às suas vidas, seja enquanto companhias dóceis e com utilidade doméstica, seja a simples sobrevivência no seu meio ambiente ou o seu papel na actividade da caça,
- Homens e mulheres no campo, nas suas actividades rotineiras ou noutras mais esporádicas: o trabalho no campo, (as mulas a puxar o arado, raparigas a descascar milho, condução de cabrestos, um condutor de carroça, ceifeiras, etc.) cenas de dificuldade e perigo, de vida e morte, (a lide dos campinos e dos touros, percalços e colhidas) e também momentos de alegria e descontração (mulher a fumar, cantadeiras de fado, campinas, ceifeiros a namorar, senhoras com pomba e com flores, etc.,
- Homens, mulheres e crianças na sua vida pessoal, retratados por encomenda ou por vontade do pintor, em atitudes de posteridade por vezes familiar, (como retratou sua mãe e suas tias, os netos, Mlle A. V., Mlle M. A., etc)
- Pintou ainda os campos da lezíria Ribatejana e as planícies do Alentejo, em paisagens de tons suaves e céu azul, a ilustração das choupanas ou do casario dos montes,
- Naturezas-mortas de uma evidência real.

Simão da Veiga pintou tudo isto, a maioria das vezes em Portugal, no monte do Pedrógão, sua residência em Lavre, no concelho de Montemor-o-Novo, outras vezes

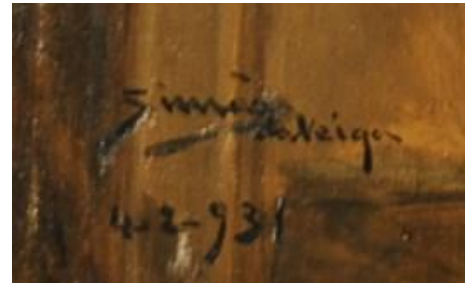
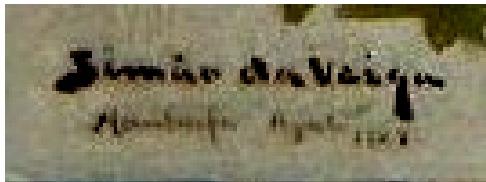
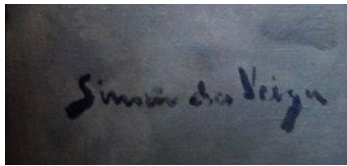
no atelier da Praça da Alegria, em Campo de Ourique, Lisboa, por vezes em Paris ou em Espanha, onde sucedeu residir na sua juventude, nos tempos mais conturbados da República, na primeira década de 1900. Ou ainda nas casas de alguns dos seus filhos, onde residiu nos anos mais tardios.

Poucas das suas obras estão datadas, o que dificulta a sua organização cronológica. Algumas são passíveis de datação por constarem em catálogos de exposições, pressupondo-se que tenham sido produzidas nesse ano; outras são estudos de quadros para os quais se estima uma data com base em referências documentais, outras ainda contêm imagens ou títulos coincidentes com factos e momentos da vida do autor.

Constatámos que o autor nem sempre assinou os seus quadros da mesma forma, fê-lo preferencialmente no canto inferior direito das telas, algumas vezes no canto inferior esquerdo e raríssimas vezes no canto superior esquerdo.

Algumas vezes a aposição da assinatura foi acompanhada da data ou de outra informação adicional, como o título – ex. *Augustine*, o local – ex. *Monte do Azinhal*, ou a menção à intenção ou iniciativa que motivou a execução da obra, ex. *Esboçeto (existem esboçetos para várias obras) ou Estudo (também existem vários quadros onde o pintor escreveu esta menção)*, etc.

Vejamos algumas das assinaturas que figuram em quadros do autor, ora por extenso, ora abreviadas, com e sem datas, e a posição em que surgem, nos cantos inferiores ou no canto superior esquerdo:



Verificando-se não ser possível, por ausência sistemática de datas (há poucas exceções), enveredar com segurança pela ordenação cronológica das obras, tentámos uma análise e referenciação com base numa subdivisão por temas.

E concluímos que a colecção de obras do autor é extensa não apenas no número, que alguns coleccionadores e conhecedores de arte estimam em cerca de oitocentas, mas é também extensa nos temas tratados:

1 – TOUROS, CAVALOS E OUTROS ANIMAIS

Encontramos inúmeras obras com animais, talvez o tipo de quadros mais frequentemente associado ao autor, conhecido como um excelente e respeitado animalista, e nessa categoria Simão da Veiga mostra-nos, nas suas composições, essencialmente touros e cavalos, mas também, embora em reduzido número de telas, animais domésticos e peças de caça menor.

O pintor retrata na generalidade os campos do Alentejo e do Ribatejo onde viu criar gado bravo, a preparação do toureio a cavalo e da lide, no que designaremos por uma expressão comum na gíria taurina, “o touro no seu solar”.

Pintou touros completamente negros, touros castanhos, malhados, listados, bregados, pintou-os ora na pastagem, ora mostrando o seu *sentido* sobre pessoas ou cavalos, (figura de mulher e criança sobre uma carroça que o toiro fixa, rapaz que espreita o toiro junto a um muro, toiro que pára e fixa um campino a cavalo, etc) a investir sobre conjuntos de cavalos e campinos, (precalços e colhidas, correrias na campina), saídos vencedores ou vencidos depois de uma briga, (*O Vencido* e *o Vencedor*) e a morrer (toiro a morrer na praça).



Ilustração 66 - O vencido, 1922

Simão da Veiga pintou também os cavalos, com a inteligência e a elegância que a natureza lhes concedeu, exibindo a sua vivacidade na liberdade do campo, na maioria das vezes montados por homens em passeio ou em trabalho, (retratos do filho vestido como cavaleiro

taumáquico, campinos vários, crianças montadas que ajudam no trabalho, cavalos no estábulo, éguas no campo, cavalos que trincam abóboras, etc.)

Pintou-os também mortos, no momento da morte e mostrando a ocorrência que a causou, a sua iminência, ou a sua constatação (*Colhida, A última corrida de toiros em Salvaterra, Campino em queda*)



Ilustração 67 - Carga (s.d.)

Nesta categoria não poderia ficar esquecida a menção aos restantes animais que o pintor fixou com o seu pincel – as peças de caça, (coelhos, lebres, perdizes, patos), os cabritos, as galinhas,

os perus e faisões, as águias e, com maior relevo que todos os anteriores, os cães (por vezes cães de pastor, quase sempre cães de caça).

Simão pintou muitas vezes os cães de caça, quase exclusivamente **galgos**, em pose, à trela ou acompanhando um retrato humano, em andamento com os seus donos ou em movimento de caça. Os cães das telas de Simão da Veiga, excluindo alguns cães de pastor, são quase sempre galgos puros (existem muitos quadros de galgos, assim designados).



Ilustração 68 - Galgo à trela (1928)

2 – CAMPINOS



Ilustração 69 - Campino (s.d)

Simão da Veiga pintou muitos quadros de campinos, talvez a figura mais emblemática e mais comum na sua obra. São tantos que se torna impossível identificá-los isoladamente.

Na ausência de catálogos com reproduções fotográficas ou descrições mais pormenorizadas, também não é possível identificar com segurança qual o quadro de campino que figurou em determinada exposição.

Há campinos nas mais variadas actividades e representados de muitas formas. Encontramo-los com traje português, com traje espanhol e por vezes quase totalmente cobertos com uma manta de riscas para se protegerem do frio ou da chuva (*Passeio molhado*, s.d.)

Neste tema, Simão vai mostrar-nos os campinos em trabalho, os cavalos que montam, os precalços que sofrem, e o ambiente rural em que vivem lado a lado com os touros bravos e com as suas acometidas.

Há campinos em atitudes igualmente muito variadas:

- Montados e a conduzir o gado bravo, vestidos a rigor com as vestes clássicas de campino ou cobertos com uma manta colorida;
- Parados a vigiar os touros na pastagem;
- Em fuga da acometida eminente de um touro que os assinalou;
- Em momentos de colhida por um touro enfurecido que investiu; (*Colhida, precalços*),
- Ou apenas e simplesmente montados ou apeados, com ou sem touros por perto, exibindo trajes vistosos.¹⁸⁴

¹⁸⁴ Para nomearmos aqui obras repetiríamos várias vezes o nome “campino”, porque quase todos assim se chamam; para melhor elucidação, ver os variadíssimos quadros de campinos que se mostram nas fichas de quadros, aos quais o pintor frequentemente nomeou apenas de “campino”

3 – TEMAS CAMPESTRES, CENAS DO QUOTIDIANO RURAL ou “*assuntos de figura*”.

Simão da Veiga descreveu pela pintura muitas figuras populares na sua vida de campo, vida dura, que por vezes nos choca pela evidência dessa mesma dureza, e outras nos entenece pela fragilidade das personagens envolvidas.

Encontramos na sua obra a descrição de tarefas e de actos diversificados:

- o tirador de cortiça,
- o homem que lavra a terra atrás dos bois ou das mulas, (*Puxando o arado, O Esforço*)
- o moço de estrebaria que trata dos animais no estábulo ou que volteia um poldro na cerca, (*O Tratador, Homem com cavalo*)
- o rapazinho que dá de beber ao burro,
- o camponês que carrega a palha ou que guia uma carro de parelha, (*Carroça com palha*)

- a ceifeira que colhe o trigo,
- as raparigas que descarolam o milho, (*Raparigas com milho*)
- a criança montada em pêlo que faz recados ou ajuda a conduzir as éguas, (dois quadros de *O ajuda das éguas*)
- a mulher que guarda os porcos, (*Guardadora de porcos*)
- a que entrega esmola a um pobre, (*A esmola*)
- a que ordenha uma cabra,

- o matilheiro que leva os cães e levanta a caça nos campos, (*Matilheiro*)
- o homem, exausto que dorme a sesta na sua hora de almoço, (três quadros de *Sestas*)
- o sapateiro no seu ofício (*O sapateiro*)

- e ainda, com ar penoso, o homem que se afasta com o seu cavalo , com o cão que lhe angaria alimento na caça , só ou com a sua família. (*Triste caminhar?, Família em movimento*)¹⁸⁵

¹⁸⁵ O quadro que alvitramos para este nome, que figurou numa exposição da SNBA, representa esta cena



Ilustração 70 - Raparigas com milho (Desfolhada, s.d.)

Paralelamente a José Malhoa, frequentemente citado neste trabalho como seu mestre, que retrata “... *uma vivência e um sentir ...português..., que imortaliza as tradições e costumes do povo ...da província, do trabalho do campo à romaria, passando pelos dramas da vida rural familiar, onde não se esconde a pobreza,*¹⁸⁶...” Simão também pinta temas das gentes do campo, moças e moços de lavoura, geralmente numa descrição do seu labor, das variadas tarefas da faina agrícola, dos seus momentos de pausa, das suas horas de inquietação, mas também não esconde a pobreza.

Nesse labor inclui crianças, como era usual fazer-se nos montes nessa época, aproveitando uma escolaridade não vivida – e nesses quadros encontramos temas como *O Ajuda das éguas*, (1928-1929) *A Ordenha da cabra*, (s.d) etc.

Algumas telas deste conjunto temático designado por *assuntos de figura* não serão apenas uma descrição do trabalho das gentes dos montes, serão também uma evidência da condição social dos mais frágeis: os vários *Velho(s)*, ou da pobreza [o(s) *Mendigo(s)*, a (entrega da) *Esmola*, os desempregados (*Maltez(es)*).

Algumas telas representam famílias em movimento, (*Triste caminhar*), não sabemos se em visita a familiares, se em busca de emprego, mas são geralmente parcas de haveres, como se

[Tavares,C., Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Séc XX e a SNBA, Vol I, 468.],

de seu apenas tivessem a roupa que usam, o cavalo que lhes transporta os filhos e o cão que lhes caça o alimento. Nestas imagens, como sempre que existe alguma necessidade de reflexão interior, Simão da Veiga pinta um chão molhado.

Pinta assim, tal como Malhoa, telas que nos mostram crianças, adultos e velhos do mundo rural de província, mendigos e caminhantes, mas também gente nova que ri enquanto trabalha (*Campina*), que corteja ou que seduz, (*Cefeiros*, *Cigarreira*), ou ainda gente que se aflige no perigo (*Boi e carroça*) ou que desespera na doença (*Ida á Botica*, *Desespero*).

4 – RETRATOS

Ilustração 71 - Retrato de menina (s.d)



O autor retratou muitas figuras e sobre esta componente da sua obra existe, por parte da crítica e do público uma grande variedade de opiniões. Alguns colecionadores dão menor valor a alguns destes quadros, não só por serem geralmente resultantes de encomendas de familiares, que terão por isso maior valor estimativo para o encomendador do que valor de

transacção no mercado de arte, mas também, e sobretudo, porque entendem que Simão foi essencialmente um respeitado e consagrado animalista, posicionando melhor em termos de técnica de pintura as obras que incluem a representação de animais, por evidenciarem maior dificuldade na execução.

Mas nem sempre a crítica é unânime.

Para alguns, Simão da Veiga será um bom animalista, antes de ser um bom retratista. Para outros, Simão foi um excelente retratista. “... *Simão da Veiga e apresentam retratos das respectivas esposas, sendo o primeiro (1914) de forte qualidade expressiva, fugindo á banalidade comum*” e mais adiante “... *Durante dezanove salões, muitos cultores de figura apresentaram este tipo de retrato (mundano de senhoras de alta sociedade)... conseguindo, aqui e ali, alguns retratos mais interessantes do que a*

mediania vulgarmente apresentada. Assim passamos a destacar (entre outros)... Simão Luis da Veiga...¹⁸⁷

Talvez ambos tenham uma parte da razão. Simão da Veiga tem, na sua vasta obra, retratos de menor qualidade, com expressões exageradas, cores demasiado fortes no rosto, ou olhar indistinto. Mas tem igualmente retratos de grande qualidade, realistas, com expressão visível no rosto e no olhar, com um porte adequado à personagem, homem ou mulher, revelando o pormenor dos trajés e dos fatos de homem, dos tecidos, roupas e vestidos das senhoras, das rendas e peles, das pérolas e outras jóias, de penteados, em imagens suaves de rostos femininos.

A maior parte da colecção de retratos que o pintor nos legou são homens, mulheres e crianças dos campos do Alentejo e da lezíria ribatejana nas suas actividades rotineiras (os empregados nas suas mais variadas profissões - campinos e pastores, criados de lavoura com os bois e as charruas, tratadores de cavalos, ceifeiras, aguadeiras, homens e mulheres no desempenho de tarefas próprias do campo).

Retratou também (mas é sobretudo o retrato de uma condição social) homens errantes, *os maltezes* como eram conhecidos, que giravam de monte em monte, carregando uma manta para dormir, o cajado para amparo do andamento e sua própria defesa, e a panela onde recebiam por generosidade a comida. Sendo bem recebidos, tornavam-se assíduos numa determinada zona, pelo que a conhecida bondade e generosidade do pintor terá sido certamente a causa da permanência dos retratados nos montes onde residiu Simão da Veiga.

O pintor também imortalizou os seus modelos em momentos de especial aflicção ou emoção, alguns no limiar da morte ou já depois da sua ocorrência. Se há expressões de alegria e de confiança nalguns retratos, noutros também há surpresa, angústia e dor.

Uma imagem de dor lancinante é-nos transmitida nos estudos para o único quadro histórico pintado pelo autor (*A Última corrida de touros em Salvaterra de Magos*), na expressão das mulheres que ocupam os camarotes da imaginada praça de touros de Salvaterra de Magos no momento da colhida mortal do cavaleiro.

¹⁸⁷ (Tavares, C., *Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc. XX e a SNBA*, 1999, vol I, 90, 350)

O rosto de cada uma das personagens das telas do mestre relata um estado de espírito próprio do momento.

Junto às imagens de pessoas vamos observando animais de trabalho ou domésticos, objectos de uso frequente, as casas onde moram, as árvores sob cuja sombra se deitam, a paisagem que os envolve.

Simão da Veiga retratou as pessoas mas não ignorou o meio em que viviam, nem a paisagem que as rodeou. As imagens que nos deixou são um relato histórico completo da vivência real do seu meio e da sua época.

Retratou ainda pessoas do seu círculo familiar ou seus amigos. Nestes trabalhos procurou dar uma expressão de serenidade, de alegria ou de descontração aos retratados, própria de quem deseja ver-se assim eternamente reflectido.

Não dispondo na generalidade dos casos de datas indicativas dos momentos em que os retratos foram realizados, procurámos agrupar as obras segundo uma de duas tipologias:

– de um lado, figuras populares na sua vida quotidiana de campo, imortalizados na tela de acordo com a imagem que delas reteve o pintor: pastores, ceifeiras, velhos empregados, ciganas, etc. E assim encontramos quadros como *Pastor*, *Ceifeira*, *Ceifeiros*, *O velho*, *O ajuda do gado*, *Cigana*, etc

- de outro lado, figuras em pose de retrato (de familiares ou amigos do autor, de encomenda), em imagem de diversão: fadistas, figuras femininas parisienses, amazonas, caçadoras, meninas ou moças alegres, ou em imagem de oração ou emoção (*Diana caçadora* será talvez o único retrato de inspiração mitológica da sua obra).

A grande maioria dos retratos de familiares, realizados por sua iniciativa ou encomendados são de modelos femininos. Este facto será compreensível se atendermos a que, dados os costumes na sociedade da época, as encomendas de pintura eram geralmente efectuadas para as senhoras ou para as crianças. No entanto, o mestre também retratou bastantes figuras masculinas, umas por encomenda, outras por sua iniciativa.

Talvez o quadro mais importante das obras que agrupamos na categoria de retrato, dentro da obra de Simão da Veiga, seja aquele que o pintor nomeou de *Retrato de minha mulher*. (1913). Trata-se de um quadro a óleo sobre tela, em que a retratada nos surge em tamanho natural, numa expressão alegre, garbosa, quase divertida.

D. Constantina da Veiga (n. 1881), a retratada, sendo já mãe de 4 filhos, teria apenas 32 anos. O quadro é o retrato de uma mulher de semblante feliz. Corria o ano de 1913, o pintor vivia no estrangeiro, talvez em Bayonne ou Biarritz, locais por onde calculamos que andou nesses anos de 1910 a 1914. Exposto no Salon, em Paris, o quadro foi premiado¹⁸⁸

Por último e ainda neste sub-capítulo do retrato, deverão incluir-se os quadros que se consideram « Nus ». O quadro *Diana, a caçadora* e *Estudo anatómico* são dois desses exemplos, talvez os únicos conhecidos.

Para aqueles que porventura possam ter a veleidade de desvalorizar o retrato na colecção de mestre Simão da Veiga, será bom lembrar que foi no retrato, por mais que uma vez, que Simão da Veiga se viu reconhecido – em 1913, com a já referida tela “*Retrato de minha mulher*”, recebe a 2ª Medalha (Bronze) no Salon de Paris, o seu maior galardão, e em 1929 recebeu a "Comenda de Isabel a Católica" concedida pelo rei Afonso XIII de Espanha por um retrato que expôs em Madrid - *Senhora com pomba*.

5 – NATUREZAS - MORTAS

A obra do pintor integra algumas naturezas-mortas, embora, curiosamente, quase todas incluam um elemento vivo, o que se tornou numa característica das suas naturezas-mortas.

Conhecemos várias, em datas variadas, mas talvez o melhor quadro da sua colecção nesta temática seja aquele que pintou como presente de casamento para um neto, em 1931, no qual após data e dedicatória no canto inferior direito.

¹⁸⁸ Ver capítulo sobre a biografia do pintor



Ilustração 72 - Natureza-morta, 1931

Este género de quadros, bastante comuns na pintura naturalista, foi praticado por muitos dos artistas contemporâneos do pintor, Josefa Greno, Maria Aida Roberto, Carlos Reis, Maria Eduarda Lapa, entre muitos outros.

Supomos que algumas obras tenham correspondido a encomendas com dimensões específicas, o que talvez justifique a existência de quadros deste tema com medidas invulgares, como por exemplo uma natureza-morta existente num colecionador com 0,60 X 3,00 mts.

Existem depois outros quadros em que os elementos de natureza-morta são quase tão valorizados quanto os elementos vivos, havendo, portanto, naturezas-mortas que estão integradas em outras temáticas.

É o caso do quadro que aqui se mostra, não só pelo motivo mas também um pouco pelo pitoresco da figura.



Ilustração 73 - Cavalos à Abóbora

6 – PAISAGENS



Ilustração 74 - Paisagem com campino e touros (s.d.)

Os quadros do pintor estão repletos de imagens do campo e das paisagens que envolvem as figuras.

Não há tarefa de campo ou imagem de perigo representada que não tenha um fundo de paisagem, como não há modelo retratado que não tenha o seu fundo de campo, excepto se o retrato for de figura um pouco mais citadina, em pintura de atelier.

Se os quadros não tivessem nome ou designação específica, poderíamos descrevê-los como os colecionadores os identificam, alguns por desconhecimento do respectivo verdadeiro nome – *Paisagem com touro, Paisagem com cavalo, Paisagem com campino*, etc, porque todos os quadros com assuntos de figura e a maioria das telas com retratos, têm um extraordinário fundo de paisagem.

É talvez aconselhável explicar porque classificamos de extraordinários estes fundos de paisagem: Simão da Veiga é, na sua pintura, muito constante e naturalmente pouco exuberante nos fundos que desenha com campos de pastagem e estradas, com os cactos (pites) e arbustos que coloca nas beiras dos caminhos, com a erva de primeiro plano que coloca sob as patas dos animais, ou que encosta aos muros e pedras, e na paleta de cores utilizada.

Esta descrição colorida dos campos corresponde exactamente aos tons da Natureza que vemos nos campos do Alentejo e do Ribatejo nas diferentes horas do dia: de madrugada, de manhã, na hora da sesta e ao entardecer. E será aqui que o autor nos espanta, por representar com inegável sentimento e expressão, estas admiráveis cores da natureza.

Na pintura de Simão da Veiga Salientamos o pormenor dos tons que emprega, tons pastel no céu, limpo em dias de muito calor, avermelhado no crepúsculo de dias secos, por vezes com tempestade eminente, mas sempre muito suaves, o habitual horizonte azul a perder de vista, e na estrada poeirenta ou molhada, os conhecidos cactos ou a verdura fresca em tons igualmente suaves.

Para além destes quadros de planície ou campina, (*Paisagem alentejana*, ou *Ao Entardecer*), também encontramos na sua obra vestígios de outras paragens :

Paisagem de Seteais, Sintra, Arruella, e Estrada de Maiorca. Arredores de Madrid, Na Feira de Sevilha, Le Chazeron (Auvergne), Arredores de Valladolid, La Sioul (Auvergne), Na Praia (impressão), Portas do Mar (Mértola), e muitos outros, testemunhos das suas viagens pelo país e por terras de Espanha e de França.

7 – TOURADAS

Poucos quadros se incluem nesta temática, apesar de o pintor ter sido um interveniente directo nos espectáculos taurinos em praças portuguesas e espanholas, na lide a pé e a cavalo.



Pelas descrições de seus filhos, o pintor gastou muitos dos seus anos de vida na preparação de cavalos para si e para seu filho, o cavaleiro Simão da Veiga, Júnior, em treinos de campo ou redondel com gado bravo. Mas pintou poucas cenas que tenham decorrido nas arenas, antes as viveu realmente, deixando-nos dessa época mais fotografias que testemunhos desenhados. No entanto, detectámos alguns quadros dedicados ao tema da morte do touro: *Touro de morte*, *Touro – Estudo de expressão*, *Morte de Touro* e o famoso quadro cenográfico, já antes muitas vezes referido, com a morte do toureiro - *A última corrida de touros em Salvaterra*.

Ilustração 75 - Gravura com cópia de um desenho de Simão da Veiga (s.d.)

No tema do cavaleiro tauromáquico, o autor retratou Simão da Veiga Júnior, seu filho, em movimento na sua montada, em três telas de dimensões relativamente reduzidas, muito semelhantes e pouco divulgadas. Nelas, o cavaleiro enverga o traje clássico de cavaleiro tauromáquico, em cavalo perfeitamente ataviado, o conjunto em postura de alta escola. São excelentes quadros, ricos nas cores e nas sombras,¹⁸⁹ com movimento e muita luz, apesar dos tons suaves que emprega na areia da praça de touros e nas bancadas, propositadamente ignoradas.

De toureio a pé encontrámos apenas uma pequena imagem de um desenho publicado numa revista, ilustrativo de um toureiro vestido com o traje próprio, encostado às tábuas de uma praça.

Já antes tínhamos referido que, de todos os temas que Simão da Veiga tratou nas suas obras, aquele que maior apreço recebe por parte dos apreciadores e comentadores conhecidos¹⁹⁰ é o que retrata os campinos e os touros no seu ambiente natural.

São esses os temas e as imagens que nos ressaltam da sua obra quando a analisamos, é a imagem que fixamos do conjunto quando evocamos o pintor.

Simão notabilizou-se como animalista e retratista, e esta dupla vocação é naturalmente reconhecida na expressão da representação simultânea dos touros e cavalos, com os campinos incluídos nesse retrato.

A obra vastíssima do pintor encontra-se quase toda dispersa por colecções particulares. Encontrámos em locais públicos oito quadros no Museu Nacional Soares dos Reis no Porto, dois quadros no Museu José Malhoa das Caldas da Rainha, um quadro (*O Esforço*) no Convento - Pousada dos Loios em Évora (pertencente à colecção do Museu de Évora), e um quadro (*retrato de Curvo Semedo*) na Câmara Municipal de Montemor-o-Novo.

¹⁸⁹ Apenas dois dos quadros nos foi dado ver no original, em tela colorida. O terceiro foi visto num artigo de revista, a preto e branco, mas depreendem-se as cores, por se referir ser um óleo.

¹⁹⁰ Colecionadores de arte, galeristas, ateliers

4 – OBRAS PREMIADAS

1911 - Na 9ª Exposição na Sociedade Nacional de Belas Artes, primeira exposição pública em que o pintor participou, foi-lhe atribuída Menção Honrosa.

Na ausência de informação específica sobre qual a obra que motivou tal atribuição, os quadros *Campino* (Estudo) - 0,58 X 0,93 mts, e *Pastor (Alemtejo)* - 0,75 X 1, 38 mts, pela sua dimensão, pela valorização que o próprio autor lhes faz em preço de venda (podendo significar serem obras com maior incorporação de tempos de trabalho ou maior aperfeiçoamento) e também pela ordem de apresentação em catálogo, surgem-nos nos como as hipóteses mais prováveis de poderem ter sido, qualquer um deles, o contemplado com a menção honrosa. Porém, se os quadros com o tema Pastor são relativamente poucos, o mesmo não diremos do tema Campinos, já que as obras assim designadas são muitas, não se podendo dizer com exactidão qual delas foi exibida neste salão. Por outro lado, e porque o quadro *Campino* é pelo autor designado de estudo, inclinar-nos-emos então para que seja o quadro *Pastor* o eleito pelo júri.

Não encontramos nas imagens recolhidas nenhum quadro de pastor com a dimensão que consta do catálogo, pelo que o consideramos como não localizado.

1913 – Simão da Veiga apresentou no Salon em Paris o célebre quadro “ *Retrato de minha mulher*”, uma tela com 1,80 X 1,00 mts, que mereceu o maior galardão da vida artística do pintor, a 2ª Medalha (Bronze).

O prémio foi de imediato citado na Revista Ilustração Portuguesa desse ano, 1913, nº3, considerando-se uma excelente obra, a que posteriormente outros autores reconheceriam grande qualidade na execução e uma obra em retrato que se afasta do convencional na época.¹⁹¹

¹⁹¹ [TAVARES, C., 1999, Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do Século XX]



Ilustração 76- O quadro premiado no Salon de paris, 1913



Ilustração 77 - A medalha recebida no Salon, 1913, no seu estojo original

Nesse mesmo ano de 1913, o autor também apresentou quadros na 10ª Exposição da SNBA, tendo obtido medalha de 3ª classe, segundo nos indica o catálogo da exposição do ano seguinte. Não sabemos, porém, qual a obra que deu lugar à referida medalha. Do conhecimento das obras expostas, equaciona-se a possibilidade de o prémio ter sido atribuído a uma das seguintes:

Perdida, 1913 - 1,80 X 2,10 mts ; *Retrato de minha Mãe* - 1,18 X 1,20 mts ; *Curiosidade* - 0,91 X 1,20 mts e *Um modelo de Paris* - 1,12 X 1,60 mts

Destes quadros os únicos que se conseguem apresentar com garantia de fidelidade ao nome são:

Perdida, cuja imagem foi encontrada em catálogo da exposição, e ainda o quadro *Curiosidade*, pintado em 1911.

Sobre ele valerá a pena voltar ao capítulo da biografia do pintor, onde é mencionado.¹⁹²

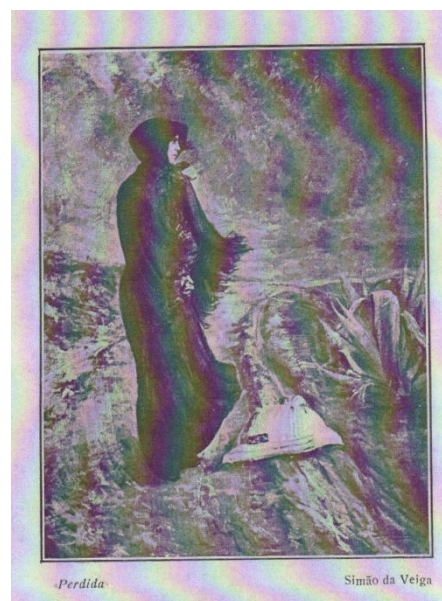


Ilustração 78 - O quadro Perdida, 1913

¹⁹² Pags 40; O quadro é referido no capítulo sobre a biografia do autor, por indicação de que o intenso convívio pode ter originado uma obra conjunta de Simão da Veiga e Malhoa:



Ilustração 79 - O Quadro Curiosidade, 1911

1914 – Neste ano o autor apresentou nove obras na Exposição colectiva da SNBA e terá recebido Medalha de 3ª classe¹⁹³. Não havendo indicação de qual a obra premiada, poderá equacionar-se a hipótese de ter sido premiado um dos quatro primeiros quadros que constam da listagem¹⁹⁴, e que são os seguintes: *Retrato de Minha Mulher, O Matilheiro, Triste caminhar, ou as Lavadeiras*

1926 – Recebe medalha de 3ª classe¹⁹⁵ para uma das seguintes obras : *Um Percance (Percalce)* ou *Agonia*. Não identificamos nenhuma das obras, já que aquela que parece mais aproximada pelo nome e se conhece por *Percalço*, faz parte por contrato datado de 1928 da colecção de obras de J.Aleixo Paes e foi apresentada nesse ano de 1928 na SNBA. O quadro, que é tido como de excelente qualidade, motivou a execução de variados estudos e esboçetes, mas não está provado que a obra estivesse já concluída no ano de 1926, afastando por este motivo a probabilidade de ser a obra em causa.

1929 – O ano foi fértil em prémios para o pintor. Terá obtido uma 1ª medalha na 26ª Exposição da SNBA, segundo Cristina de Azevedo Tavares¹⁹⁶. De acordo com o trabalho de Mª José Veiga dos Santos Lopes¹⁹⁷ o pintor terá exposto nesta mostra os seguintes quadros:

Disfrutando, Amazona, Diana caçadora, Pobre mãe, Retrato de Mme M.A.

¹⁹³ LOPES, Mª José Veiga dos Santos, 28

¹⁹⁴ Pags 85 do presente volume

¹⁹⁵ LOPES, Mª José Veiga dos Santos,29

¹⁹⁶ TAVARES, C., voll, 84

¹⁹⁷ LOPES, Mª José Veiga dos Santos, trabalho académico de investigação sobre Simão da Veiga (197-?), Pag.30

Não identificamos pelo nome a primeira das obras e arriscaríamos bastante ao tentar identificar a segunda e a quarta obra. Conhecemos apenas os outros dois quadros, e,



sabendo que o último não obteve prémios, resta considerar *Diana caçadora*.

É um dos dois quadros de “nu” que se conhecem do pintor, e, poderá perfeitamente ter sido o objecto do prémio de 1929 dada a sua excelente qualidade, que está sobejamente identificada. É frequente a alusão a que tenha sido alvo de prémio, mas não há, no entanto, confirmação documental, apenas testemunhos orais vagos entre os conhecedores da obra de Simão da Veiga.

Ilustração 80 - Diana Caçadora, 1929

Ainda nesse ano de 1929 o pintor expõe um retrato em Madrid, *Senhora com pomba*, com o qual recebeu medalha com a “Comenda de Isabel a Católica”, concedida pelo rei Afonso XIII



Ilustração 81 - Senhora com Pomba, 1929



Ilustração 82 – A medalha que representa a “Comenda de Isabel a Católica”, 1929

1931 - Há ainda alusão ao recebimento de medalha de 1ª classe da SNBA no ano de 1931¹⁹⁸.

As obras expostas foram as seguintes : *Retrato de Mlle Anna Virgínia, Fugindo do Senado, O maioral, O Esforço, Bailarina, e Retrato de Mme Couto.*

Não há porém, indicação de qual o quadro premiado. Dos quadros apresentados estão identificados o primeiro, *Retrato de Mlle Anna Virgínia*, Col. particular e o *O Esforço*, que pertence à colecção do museu de Évora e se encontra exposto na Pousada dos Loios. Em nossa opinião, qualquer um dos dois quadros poderia ter originado o prémio.

¹⁹⁸ LOPES, M^a José Veiga dos Santos, trabalho académico de investigação sobre Simão da Veiga (197-?), Pag.31

CONCLUSÃO

Após uma breve caracterização formal e temática da obra de Simão da Veiga, com uma menção ainda que superficial sobre os vários temas que povoam as telas do pintor, verificámos que este nos deixou uma obra vasta, versando a representação de cenas no campo com pessoas e animais, por vezes só animais, a maioria das vezes com ambos.

Talvez possamos reafirmar sem dúvida, que as melhores telas são exactamente estas últimas, as que incluindo homens e animais, contêm cenas com campinos e touros, os homens na sua montada, os touros na pastagem, e, com muita frequência, o percalço de uma investida.

A condução do gado bravo para entrada nos currais, para mudança de pastagem, ou muito simplesmente para obrigar os touros a correr, também é tema forte e bem retratado. Os quadros estão cheios de movimento, os animais em corrida, na frente os cavalos, na senda destes os touros, o pó no ar, a emoção no seu limite. Não falta nestas imagens o verismo da pelagem e das formas dos animais, o dorso perfeito dos cavalos, brancos ou acastanhados, as cabeças rudes dos touros, quase sempre negros.

Não faltam também as cores perfeitas da terra seca ou molhada, da pastagem de Verão ou de Inverno, do céu azul ou tempestuoso deste país de clima mediterrânico que ele tão bem soube colorir com os seus pincéis, e, a separar o céu da terra, aquele horizonte azul inigualável, tão frequente nas suas telas.

O retrato também pesa bastante no cômputo das obras da colecção. Recordamos que foi com retratos que Simão da Veiga obteve os seus melhores prémios.

Muitas das obras expostas nos sucessivos Salões da Sociedade Nacional de Belas Artes não foram encontradas, ou se o foram, não as reconhecemos já pelo nome, porque os nomes originais se perderam no tempo.

Ao longo deste trabalho procurámos desvendar o pintor, situá-lo na sua época e compreendê-lo, para melhor o apreciar e valorizar.

Simão da Veiga deixou-nos algumas obras de grande qualidade, reconhecida pela crítica do seu tempo e posterior, e o percurso da sua vida, bem como o seu caminho artístico e profissional não poderiam esbater-se sem um registo, ainda que breve, do que foi possível conhecer do autor e do seu trabalho.

Julgamos ter conseguido reunir uma parte significativa de obras demonstrativas do que foi o seu género, muito característico, para que o público menos conhecedor tenha acesso a este espólio, não no seu todo, mas na medida do que nos foi possível congregar.

Esperamos que este trabalho seja um contributo para o reconhecimento do autor e para a valorização e salvaguarda desta pequena parte do imenso património histórico e cultural português, que assim divulgamos.

Universidade de Évora, em Outubro de 2010

Maria de Lurdes Reis Vacas de Carvalho

5 - BIBLIOGRAFIA, TEXTOS E TESTEMUNHOS

5.1- Bibliografia

ARGAN, Giulio Carlo, Arte Moderna, Do Iluminismo aos Movimentos Contemporâneos, Companhia das Letras, 1988, Brasil

CABRAL, Manuel Vilaverde, Portugal na Alvorada do séc XX, Forças Sociais, Poder Político e Crescimento Económico de 1890 a 1914, Lisboa, Editorial Presença, 1988

CARVALHO, Manuel Rio, História da Arte em Portugal, Do romantismo ao fim do século, Publicações Alfa, 1986

FEIO, M. – A Evolução da Agricultura do Alentejo Meridional, ed. Colibri, 1998

FRANÇA, José Augusto, A arte em Portugal no séc. XIX, I vol, 2ª ed, Lisboa, Bertrand Editores, 1966,

FRANÇA, José Augusto, A Arte em Portugal no séc. XIX, II vol, 2ª ed, Lisboa, Bertrand Editores, 1981,

FRANÇA, José Augusto, Os Anos Vinte em Portugal, Estudo de Factos Sócio-Culturais, 1ªed., Lisboa, Ed. Presença 1992,

GUERRA, Andrade, Cavaleiros, Heróis com Arte, Ed. ANDCAV, 2009, ISBN 978-989-96491-0-1

GONÇALVES, Rui Mário, História da Arte em Portugal, Pioneiros da modernidade, Publicações Alfa, 1986

Grandes Pintores do séc XX, Braque (1882-1963), ed. Globus, Madrid, 1996, ISBN 84-8223-072-7

Grandes Pintores do séc XX, Joan Miró (1893-1983), ed. Globus, Madrid, 1994, ISBN 84-8223-076-4

Grandes Pintores do séc XX, Marcel Duchamp (1887-1968), ed. Globus, Madrid, 1994,

ISBN 84-8223-109-X

Grandes Pintores do séc XX, Paul Klee (1879-1940), ed. Globus, Madrid, 1994, ISBN 84-8223-067-0

HENRIQUES, P. José Malhoa, ed. Inapa, 2004

JANSON, H.W., História da Arte, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2ª ed, 1977

LEROY, Cathrin k., Surrealismo, Taschen, ed. Público, 2005, ISBN 3-8228-4996-0

MALTA, J.; SANTOS, M.M. ; ESCUDERO, Vitor – A família Veiga (Frade) de Lavre, ACD Ed, 2004, ISBN 972-8855-02-8

MONTEZ, A. Malhoa Íntimo, 2ª ed, Caldas da Rainha, Museu José Malhoa, 1983

Musé d’Orsay – La Pintura, Scala Editores, 1998

PACHECO, Mª Emília Vaz, Silva Porto e o Naturalismo em Portugal, ed. Câmara Municipal de Santarém, 1993, ISBN 972-95782-5-7

PINTO,A.; Meireles, F.; Cambotas, M., Cadernos de História da Arte, nº 10, Os caminhos da Arte no séc XX, Porto Editora, 1998, ISBN 972-0-42470-2

PINTO,A.; Meireles, F.; Cambotas, M., Cadernos de História da Arte, nº 8, 1750-1850, a Arte num tempo de revoluções, Porto Editora, 1998, ISBN 972-0-42475-3

PINTO,A.; Meireles, F.; Cambotas, M., Cadernos de História da Arte, nº 9, A Evolução das Artes Plásticas, Porto Editora, 1998, ISBN 972-0-42469-9

REIS, M. Conceição, O Monte alentejano, a Transformação no séc XX, Assoc. Estudos Rurais, Univ. Nova de Lisboa, 2002

SARAIVA, José Hermano, História de Portugal, 1981

SILVA, R.H. , História da Arte, ed Círc. Leitores

VEIGA, Luís Fernando da – Simão da Veiga, Um nome e duas saudades, edição do autor, 1965

VIEIRA, Joaquim, Fotografias Século XX, Almada Negreiros, circ. Leitores e autor, 2001, ISBN 972-42-2550-X

VIEIRA, Joaquim, Portugal Século XX, Crónica em Imagens, 1920-1930, circ. Leitores e autor, 2001, ISBN 972-42-2113-X

5.2- Catálogos e Folhetos

Real Gymnasio Club Portuguez - Sarau de gymnastica, esgrima e velocipedia, 1893

Catálogo da IXª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA 1911

Catálogo da Xª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA 1913

Catálogo da XIª Exposição Annual de Pintura da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1914

Catálogo da XIIIª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1916

Catálogo da XIVª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1917

Catálogo da XXIVª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1927

Folheto da “Exposição de Pintura de Simão da Veiga”, Atheneu Comercial do Porto, 1928

Catálogo da XXVIª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1929

Catálogo da XXIXª Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Pastel, Desenho, Gravura e Miniatura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA 1932

Catálogo da XXXIª Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1934

Catálogo da XXXVIª Exposição de Pintura, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1939

Catálogo da XXXVIIª Exposição de Pintura, Aguarela, Escultura, Arquitectura, Desenho e Gravura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1940,

Catálogo da 1ª Exposição de Arte Naturalista Portuguesa na Soc. Portug. de Ciências Naturais, 1941

Catálogo da XXXVIIIª Exposição de Pintura, Desenho, Gravura, e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1941,

Catálogo da Exposição dos Profissionais de Imprensa, 1942

Catálogo da Exposição de Simão da Veiga na SNBA, 1942

XXXIXª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1942

Catálogo da XLª Exposição de Pintura e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1943

Catálogo da XLIIª Exposição de Pintura e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1945

Catálogo da XLIIIª Exposição de Pintura e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1946

Catálogo da XLIVª Exposição de Pintura e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1948

Catálogo da XLIXª Exposição de Pintura a óleo e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1953

Catálogo da Lª Exposição de Pintura a óleo e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1954

Catálogo da LIIª Exposição Anual de Pintura a óleo e Escultura, da Sociedade Nacional de Belas Artes, Lisboa, SNBA, 1956

Folheto da Exposição na Galeria Municipal do Convento de S. João de Deus em Montemor-o-Novo, 15 - 31 de Maio, 1993

Folheto da Exposição de Simão da Veiga na Feira Nacional do Touro, Santarém, 13-15 de Fevereiro, 2004

5.3 – Revistas

Ilustração Portuguesa, II Série, nº 835, de 18/02/1922, fls 151 e 152

Indice de las Letras, suplemento da revista El Bibliofilo, nº 6, Mayo de 1946, Espanha

Revista Flama, nº 107, 24 de Março de 1950, 12,13 e 19

Revista Ilustração Portuguesa, nº 3, 1913

Revista Ilustração Portuguesa, nº 3, 1922

Revista Sector 1, Dezembro de 1947

Revista Sector 1, nº 25-26, II Série, 1 de Nov 1947

Revista Sector 1, nº 25-26, II Série, 1 de Novembro de 1947

Revista Século Ilustrado, nº 68, 1939

5.4- Textos

LAINS, P., O proteccionismo em Portugal (1842-1913), um caso mal sucedido de industrialização concorrencial, *Análise social*, vol XXIII (97), 1987, 3º,481-503

LEANDRO, Sandra - Metáforas e Representações do Coração na Arte Moderna e Contemporânea - Parte I – Patrimónios pouco visíveis, Josefa Greno (1850-1902), e Fanny Munró (1846--1926)

LIMA,Saraiva , Touros em Portugal, Conferência - 1 de Julho de 1951, Bordéus

LOPES, Maria José Veiga dos Santos, Simão da Veiga (197-?), trabalho académico

MUSEU de Évora - A Natureza Morta nas colecções Alentejanas – 1999

REIS, J., A Lei da Fome, as origens do proteccionismo cerealífero, *Análise Social*, vol XV, 1979,4º, 745-793

TAVARES, C. Azevedo, Naturalismo e Naturalismos na Pintura Portuguesa do séc XX e a Sociedade Nacional de Belas Artes, Univ Nova de Lisboa, 1999

5.5- Cartazes

Cartaz de tourada no Campo Pequeno, 14 de Maio de 1905

Cartaz de tourada no Campo Pequeno, Agosto de 1906

5.6- Testemunhos orais

Cary, Isabel Veiga- Mora

Gouveia, A.P. - Lavre

Malta, Maria Helena - Montemor-o-Novo

Reis, João Pereira - Montemor-o-Novo

Veiga,Luís Miguel - Montemor-o-Novo

5.7- Espólios documentais privados

Colecção de quadros de Alberto Pinto Gouveia

Colecção de quadros de António Vacas de Carvalho

Colecção de quadros de João Inácio Gião Freixo

Colecção de quadros de João Luís Veiga

Colecção de quadros de João Manuel Vences

Colecção de quadros de Luís Miguel da Veiga

Colecção de quadros de Manuel Veiga

Colecção de quadros de Maria Emília Veiga

Colecção de quadros dos H^{os} de António José Veiga Teixeira

Colecção de quadros dos H^{os} de Joaquim Aleixo Paes

Colecção de quadros de Rosa Maria T. B. Carvalho

Conjunto de fotografias de quadros do Atelier Edmundo Silva

Escrituras notariais- Gouveia, A.P.

Espólio do Museu Nacional Soares dos Reis, Porto

Espólio de Isabel da Veiga Cary

Espólio de João Luís da Veiga, Album de Ganaderia, 1907 - Simão da Veiga Júnior

Espólio de João Luís da Veiga , Albuns de família, 9 volumes - Simão da Veiga Júnior

Espólio de Luís Miguel da Veiga

Espólio de Maria Emília da Veiga

Espólio do Museu José Malhoa, Caldas da Rainha

Espólio dos irmãos V. Carvalho - Cartas de Simão da Veiga a Joaquim Aleixo Paes

5.8- Internet

http://www.pitoresco.com.br/portugal/portugal/19_amadeu - em Julho de 2008,
sobre Amadeo de Sousa Cardoso

<http://www//pcv.pt>, em 2008, 2009, 2010, sobre o Palácio do Correio Velho, leilões

www.fmsoares.pt – Fundação M. Soares - Cronologia do séc. XX, BIOGRAFIAS, em
Abril 2008

www.fmsoares.pt – Fundação M. Soares ,Cronologia do Século XX – os anos de 1900 a
1910, os anos de 1910 a 1920

www.google.pt – Artfactonline, em Junho 2008

www.wikipédia.pt – Os anos de 1900 a 1950, em Junho 2008